



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM INDÚSTRIAS CRIATIVAS**

**EDSAMY DANTAS DA SILVA**

**FESTIVAIS DE CINEMA DE INTERIOR: UM ESTUDO SOBRE O CIRCUITO  
PENEDO DE CINEMA E SUA RELAÇÃO CULTURAL COM A COMUNIDADE  
LOCAL**

**RECIFE**

**2022**



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM INDÚSTRIAS CRIATIVAS**

**EDSAMY DANTAS DA SILVA**

**FESTIVAIS DE CINEMA DE INTERIOR: UM ESTUDO SOBRE O CIRCUITO**  
**PENEDO DE CINEMA E SUA RELAÇÃO CULTURAL COM A COMUNIDADE**  
**LOCAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Indústrias Criativas pelo Programa de Pós-Graduação em Indústrias Criativas da Universidade Católica de Pernambuco, sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Roberto de Araújo Bezerra.

Linha de Pesquisa: Tecnologias, linguagens e produtos.

**RECIFE**  
**2022**

S586f Silva, Edsamy Dantas da.  
Festivais de cinema de interior : um estudo sobre o Circuito Penedo de Cinema e sua relação cultural com a comunidade local / Edsamy Dantas da Silva, 2022.  
151 f. : il.

Orientador: Cláudio Roberto de Araújo Bezerra.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Indústrias Criativas. Mestrado Profissional em Indústrias Criativas, 2022.

1. Cinema - Penedo. 2. Circuito Penedo de Cinema.  
3. Comunicação. 4. Cultura. I. Título.

CDU 791.4(81)

Pollyanna Alves – CRB4/1002

EDSAMY DANTAS DA SILVA

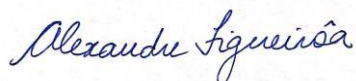
**FESTIVAIS DE CINEMA DE INTERIOR: UM ESTUDO SOBRE O CIRCUITO  
PENEDO DE CINEMA E SUA RELAÇÃO CULTURAL COM A COMUNIDADE  
LOCAL**

BANCA EXAMINADORA



---

Prof. Dr. Cláudio Roberto de Araújo Bezerra  
Orientador – Presidente da Banca Examinadora



---

Prof. Dr. Alexandre Figueirôa Ferreira  
Universidade Católica de Pernambuco – Titular interno



---

Prof. Dr. Marcelo Gil Ikeda  
Universidade Federal do Ceará/UFC – Titular externo

**Data de aprovação: 30 de novembro de 2022.**

## AGRADECIMENTOS

Foi um processo difícil desde a construção do pré-projeto, após oito anos longe do meio acadêmico. Sentar, concentrar, escrever, tudo parecia difícil. Mas seguimos! E o que era para ter sido uma experiência de dois anos com uma mudança de Maceió para Recife, virou decepção. A pandemia chegou e com ela, o presencial virou virtual. No combo, ansiedade, insegurança e frustração. Mas seguimos! Vieram as cadeiras, os artigos, a qualificação, e em mais um ciclo, tudo parecia difícil. Mas seguimos! A dissertação veio e retornamos ao começo: sentar, concentrar, escrever. Em paralelo, ainda tínhamos um presidente negacionista e uma sociedade politicamente dividida. Mesmo assim, seguimos! E conseguimos! A vacina venceu as mentiras. A esperança venceu o medo. E o amor ainda há de vencer o ódio.

Em todo o caminho percorrido, uma rede de apoio se formou. E o que era para ter sido só um desabafo de frustração, virou gratidão.

De forma incondicional, aos meus familiares, aos meus verdadeiros amigos (eles sabem quem são), aos meus afilhados, às minhas irmãs, ao meu pai, ao fundamental apoio, presença e companhia de minha mãe, aos que nunca soltaram a mão de ninguém, aos que sempre me mostraram que era possível, aos meus livros, aos meus professores, ao meu orientador, à cidade de Penedo, ao cinema, à cultura, aos meus ancestrais, a Deus.

Aqui é a história de mais um homem preto que, entre frustrações e gratidões, tenta dar certo.

Por insistência. Por resistência. Sigamos!

*“Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro”*

(Belchior)

## RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar como um festival de cinema de interior pode gerar identificação cultural e movimentar a comunidade local, de forma democrática e acessível, a partir do Circuito Penedo de Cinema enquanto estudo de caso. A edição 2019 do evento foi objeto de análise, uma vez que este trabalho partiu do princípio de que festivais de cinema são experiências presenciais de comunicação e que são produtos do segmento audiovisual, portanto integrantes das indústrias criativas, e que também são importantes ferramentas de aproximação, difusão, formação e identificação cultural por meio da relação evento cultural e comunidade local. Foram investigados elementos promovidos pela comunicação como estímulos para gerar um maior senso de pertencimento cultural, tendo como pano de fundo memórias afetivas que os moradores locais têm com os antigos festivais de cinema que ocorriam na cidade de Penedo, nas décadas de 1970 e 1980. Para tal pesquisa, foi realizada coleta de dados a partir de um percurso metodológico que incluiu a aplicação de um questionário a moradores e empreendedores locais. E diante do que foi analisado neste trabalho, foi possível concluir que o Circuito Penedo de Cinema é um evento reconhecido por sua importância cultural para a cidade e que consegue despertar um sentimento de identificação e pertencimento cultural na população local, corroborando com nossas hipóteses sobre o papel de um festival de cinema de interior para o desenvolvimento regionalizado do cinema, da cultura e da economia criativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; festival de cinema; comunidade local; identidade cultural; Circuito Penedo de Cinema.

## ABSTRACT

The present research aimed to investigate how an indoor film festival can generate cultural identification and move the local community, in a democratic and accessible way, based on the Penedo Film Circuit as a case study. The 2019 edition of the event was the object of analysis, since this work started from the principle that film festivals are face-to-face communication experiences and that they are products of the audiovisual segment, therefore integrating the creative industries, and that they are also important tools for approximation, diffusion, formation, and cultural identification through the cultural event and local community relationship. Elements promoted by communication were investigated as stimuli to generate a greater sense of cultural belonging, against the backdrop of affective memories that local residents have with the old film festivals that took place in the city of Penedo in the 1970s and 1980s. For this research, data was collected from a methodological approach that included the application of a questionnaire to local residents and entrepreneurs. In view of what was analyzed in this work, it was possible to conclude that the Penedo Film Circuit is an event recognized for its cultural importance to the city and that it manages to awaken a feeling of cultural identification and belonging in the local population, corroborating our hypotheses about the role of an indoor film festival for the regionalized development of cinema, culture and the creative economy.

**KEYWORDS:** communication; film festival; local community; cultural identity; Penedo Film Circuit.



## LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Festivais de cinema realizados no Nordeste.....	40
Tabela 02: Quantidade de filmes exibidos por mostra na edição 2019.....	65
Tabela 03: Quadro de filmes selecionados por estado para o Circuito 2019.....	66
Tabela 04: Quadro de filmes selecionados por região para o Circuito 2019.....	66
Tabela 05: Quadro de filmes vencedores do Circuito Penedo de Cinema 2019.....	68
Tabela 06: Quadro de escolas contempladas na ação cineclubista Cine Artpopular.....	97
Tabela 07: Perguntas realizadas ao grupo 1 (morador local).....	105
Tabela 08: Avaliação do evento (grupo 2 – empreendedor local).....	117
Tabela 09: Impactos na economia local: meios de hospedagens – edição 2019.....	118
Tabela 10: Impactos na economia local: prestadores de serviços – edição 2019.....	119

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Exibição ao ar livre durante o 1º Festival de Cinema Universitário de Alagoas....	54
Figura 02: Arte de divulgação do 2º Festival de Cinema Universitário de Alagoas.....	55
Figura 03: Workshop Cinema de Garagem no 3º Encontro de Cinema Alagoano.....	56
Figura 04: Arte do panfleto do 4º Festival de Cinema Universitário de Alagoas.....	57
Figura 05: Arte do outdoor do 5º Festival de Cinema Universitário de Alagoas.....	58
Figura 06: Logomarcas do Circuito Penedo de Cinema e eventos integrantes.....	60
Figura 07: Realizadores e vencedores do Circuito Penedo de Cinema 2017.....	61
Figura 08: Estrutura da Sala de Exibições, montada na praça 12 de abril.....	63
Figura 09: Artistas e diretores convidados da Mostra de Longa Metragem Nacional.....	70
Figura 10: Canoa de tolda em três imagens: embarcação, troféu e representação gráfica.....	72
Figura 11: Identidade visual do Circuito Penedo de Cinema 2019.....	73
Figura 12: Arte do outdoor com a divulgação dos artistas da edição 2019 do Circuito.....	74
Figura 13: Imagens do programa e panfleto em mãos de participantes do Circuito 2019.....	75
Figura 14: Prints de publicações realizadas no Instagram, Facebook e Youtube.....	76
Figura 15: Vinheta da série “Eu sou o cinema” sendo projetada na Sala de Exibições.....	82
Figura 16: Exibição do primeiro episódio de “Eu sou o cinema”, com Toinho Pescador.....	85
Figura 17: Imagem da entrevista de Tadeu dos Bonecos para a série “Eu sou o cinema”.....	86
Figura 18: Mestre Timaia, no terceiro episódio da série “Eu sou o cinema”.....	87
Figura 19: O escultor Castanha com suas esculturas na mão, em “Eu sou o cinema”.....	88
Figura 20: O poeta e professor Chico, no quinto episódio da série “Eu sou o cinema”.....	89
Figura 21: Episódio 06 de “Eu sou o cinema” com Egno, no Teatro Sete de Setembro.....	90
Figura 22: Episódio 07 da série “Eu sou o cinema” com as irmãs Sassá e Cessé.....	91
Figura 23: Nazo sendo entrevistado para o episódio 08 da série “Eu sou o cinema”.....	93
Figura 24: Público tirando foto do episódio com Toinho Pescador: empatia, identificação.....	95
Figura 25: Público infantil e juvenil nas escolas participantes da ação cineclubista.....	96
Figura 26: crianças na sessão da Mostra de Cinema Infantil.....	99

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Faixa etária (grupo 1 – morador local).....	102
Gráfico 02: Como soube do evento (grupo 1 – morador local).....	103
Gráfico 03: Estímulos a participar do evento (grupo 1 – morador local).....	104
Gráfico 04: O evento desperta sentimento de identificação cultural?.....	106
Gráfico 05: O evento desperta em você sentimento de identificação cultural?.....	106
Gráfico 06: Avaliação da divulgação do evento (grupo 1 – morador local).....	107
Gráfico 07: Avaliação dos filmes exibidos durante o evento (grupo 1 – morador local).....	108
Gráfico 08: Avaliação das atrações culturais do evento (grupo 1 – morador local).....	109
Gráfico 09: Avaliação da acessibilidade do evento (grupo 1 – morador local).....	110
Gráfico 10: Avaliação do horário das atividades (grupo 1 – morador local).....	110
Gráfico 11: Avaliação da Feira de empreendedores locais (grupo 1 – morador local).....	111
Gráfico 12: O que o evento é para você em uma única palavra (grupo 1 – morador local)....	112
Gráfico 13: Áreas de atuação (grupo 2 – empreendedor local).....	114
Gráfico 14: Perfil do grupo 2 – empreendedor local: gênero e estado civil.....	114
Gráfico 15: Perfil do grupo 2 – empreendedor local: escolaridade e forma de trabalho.....	115
Gráfico 16: Como soube do evento (grupo 2 – empreendedor local).....	115
Gráfico 17: Participação como empreendedor local (grupo 2 – empreendedor local).....	116
Gráfico 18: Estímulos a participar do evento (grupo 2 – empreendedor local).....	117
Gráfico 19: Avaliação das atividades on-line durante o evento (grupo 1 – morador local)....	133
Gráfico 20: Sobre o melhor formato para o evento (grupo 1 – morador local).....	134

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2. O CINEMA COMO PRÁTICA SÓCIO-CULTURAL.....</b>	<b>18</b>
2.1. Cultura, identidade e comunicação.....	20
2.2. Território, espaço e pertencimento.....	25
2.3. Evento cultural e comunidade local.....	27
<b>3. FESTIVAIS DE CINEMA – DIMENSÃO HISTÓRICA E CULTURAL.....</b>	<b>30</b>
3.1. Panorama histórico-cultural.....	31
3.2. Festival enquanto vitrine.....	33
3.3. Festivais de cinema na contemporaneidade.....	35
3.4. Festivais de cinema do Nordeste e de interior.....	38
<b>4. METODOLOGIA DA PESQUISA APLICADA.....</b>	<b>43</b>
4.1. Estudo de caso como método de base .....	43
4.2. Percurso metodológico da investigação.....	45
<b>5. ANÁLISE DO CIRCUITO PENEDO DE CINEMA.....</b>	<b>49</b>
5.1. Breve historicidade do cinema em Alagoas.....	49
5.2. Circuito Penedo de Cinema: linha temporal evolutiva.....	53
5.3. A edição de 2019.....	62
5.4. A comunicação do festival enquanto objeto de estudo.....	70
5.5. Diálogos com a comunidade local: estímulos ao pertencimento cultural.....	78
5.5.1. Projeto Eu Sou o Cinema.....	80
5.5.2. Cineclube nas escolas.....	95
5.5.3. Formação de plateias: mostras de cinema infantil e ambiental.....	98
5.6. A relação do evento com a comunidade local a partir da sua própria análise.....	100
5.6.1. Grupo 1 – Morador local.....	101
5.6.2 Grupo 2 – Empreendedor local.....	113
5.7. Movimento na economia local.....	118
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>120</b>
<b>7. EPÍLOGO: REFLEXÕES SOBRE O CIRCUITO NO PERÍODO PANDÊMICO... </b>	<b>127</b>
<b>8. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>135</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>139</b>

## 1. INTRODUÇÃO

*"Penedo cidade bonita de Alagoas,  
Penedo cidade barroca e colonial.  
Penedo tem o Rio São Francisco,  
Tem a Rocheira  
O Convento e a Catedral..."*  
(Kid Dão<sup>1</sup>)

Este trabalho é sobre cinema. É sobre festival de cinema. É sobre festival de cinema em cidade de interior nordestino e alagoano. E como pano de fundo, este trabalho apresenta Penedo. E por isso resolvemos explorar o seu contexto histórico aqui, neste capítulo introdutório, como forma de situar toda a leitura a partir dos elementos culturais que compõem esta cidade nordestina do interior alagoano. Trazemos então parte da letra da música composta por Kid Dão, que representa um hino não-oficial da cidade cantado e conhecido por seus moradores e que faz referência a um recorte dos traços que o município carrega e que tem em sua riqueza arquitetônica e geográfica, uma historicidade derivada de uma ocupação que vem desde a época do Brasil Colônia. Uma região banhada pelo Rio São Francisco, de casarões com elementos barrocos, das belezas territoriais e de imponentes construções religiosas como o Convento Franciscano Santa Mariados Anjos e a Catedral Diocesana, o que torna Penedo um celeiro de vários patrimônios culturais de características singulares a partir de uma convivência entre europeus, comunidades indígenas e africanos escravizados (SANTOS, 2019).

Localizada no extremo sul do estado de Alagoas, Penedo é um município que fica a 160km da capital alagoana Maceió. Hoje, de acordo com o último levantamento do IBGE (2018), tem uma população estimada em mais de 63 mil habitantes. Faz parte da bacia hidrográfica do Rio São Francisco, sendo considerado uma região estratégica por seu fluxo fluvial de aproximação com a foz do rio, chamado de região do Baixo São Francisco. Foi erguida sobre uma grande pedra, de área formada por rochedos e todo o seu conjunto histórico e paisagístico foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN em 1996.

O desenvolvimento da cidade teve início em 1502 quando a região integrou a rota do

---

<sup>1</sup> Cantor e compositor da música “Cidade bonita de Alagoas”, disponível para acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=SfD2WpBXyAI>

descobrimto pelos portugueses, que passaram a utilizar o Rio São Francisco como caminho em busca de supostas minas de ouro e prata (ROLIM, 2021). Em 1560, passou a fazer parte da Capitania de Pernambuco, como Penedo do São Francisco. Em 12 de abril de 1636, foi elevada à categoria de Vila com o nome de Vila do Penedo do São Francisco, data esta celebrada até hoje na cidade. Contudo, segundo Rolim,

Foi no século XVII também que a cidade foi invadida pelos holandeses, liderados por Maurício de Nassau, que dominaram a região por uma década. Mas os nativos da região criaram um movimento revolucionário para arrancar a terra da mão dos invasores holandeses, que recebeu o nome de Openeda. E foi em 19 de setembro de 1645, que Valentim da Rocha Pita comandou a batalha final no Alto do Monte Alegre, hoje, Praça Clementino do Monte e devolveu o comando da região para os portugueses. No ano de 1660, freis de ordem franciscana chegaram a Penedo e construíram o Convento e Igreja de Santa Maria dos Anjos, de pé até hoje. Em 18 de abril de 1842, Penedo torna-se oficialmente cidade (ROLIM, 2021, p.12).

Penedo tinha uma importância tão grande à época que a cidade se tornou sede do Governo Imperial em 1859 pela coroa portuguesa, recebendo inclusive a visita do então imperador do Brasil, Dom Pedro II. Sua posição geográfica foi fundamental para fazer prosperar sua economia e sua cultura, passando a ser “o maior centro intermediário entre as cidades ribeirinhas e o comércio exterior, pois naquela época a comunicação terrestre era muito fragilizada e o recurso utilizado para transportes de mercadorias era a navegação” (CARVALHO E NUNES, 2016, p.25).

Contudo, com o desenvolvimento de estradas e o avanço nos transportes terrestres na região, Penedo foi deixando de ser uma rota de tráfego, principalmente após a inauguração em 1970 da ponte ligando as cidades de Propriá, em Sergipe, e Porto Real do Colégio, em Alagoas. Com a obra, houve uma significativa diminuição no fluxo de carros e pessoas que passavam por Penedo e que se utilizavam das balsas para a travessia do Rio São Francisco em direção ao lado de Sergipe.

Hoje, a partir do tombamento patrimonial de 1996, o centro histórico de Penedo possui edificações que mantêm importantes bens da sua arquitetura religiosa, como o Convento e Igreja Santa Maria dos Anjos, construídos no século XVII, e as igrejas de Nossa Senhora da Corrente e de São Gonçalo Garcia, do século XVIII, além de dialogar com a arquitetura civil mais recente, como o Hotel São Francisco, inaugurado nos anos 1960, e que faz o turismo próprio de cidades históricas ser um dos grandes atrativos culturais locais.

Em um cenário de prestígio regional, Penedo iniciou sua relação com cinema em meados de 1915, data em que é registrada a presença do primeiro cinema na cidade, conhecido

como Cine Standar e que chegou a funcionar até 1956 (CARVALHO E NUNES, 2016). Outros espaços de exibição foram surgindo na cidade à época, como o Cinema Central (1916-1918), o Cinema Édén (1927-1928), o Cine Eldorado, que funcionou apenas por um ano, em 1938, além do Cine Ideal, que se utilizou da estrutura do Teatro Sete de Setembro – o primeiro teatro inaugurado no estado de Alagoas – para suas sessões de cinema.

Em 1958 foi inaugurado o Cine Penedo, tornando-se o principal espaço de exibição cinematográfico da cidade funcionando até o ano de 1962. Contudo, foi com a chegada do Cine São Francisco, em 1959, localizado no subsolo do imponente Hotel São Francisco, que Penedo, de fato, passou a ser destaque no âmbito nacional, a partir da realização de festivais de cinema que movimentava toda a região.

Com uma estrutura moderna, o Cine São Francisco foi palco do Festival do Cinema Brasileiro de Penedo entre os anos de 1975 e 1982, que conseguia reunir produtores, realizadores, diretores e artistas de renome nacional na cidade ribeirinha. Para Carvalho e Nunes,

A proposta da criação do Festival partiu do Departamento de Assuntos Culturais (DAC) por entender que Penedo possuía infraestrutura adequada para receber um evento daquele porte, pela sua rica arquitetura e, principalmente ao fato da cidade está incluída no Plano de Recuperação das Cidades Históricas do Nordeste. Além disso, o DAC enxergando as potencialidades turísticas da cidade, apresentou ações para desenvolver o turismo na região que incluía não só o festival com as exibições, como também, atividades culturais para fazer com que os turistas permanecessem em Penedo. O festival era realizado sempre no início de janeiro junto a tradicional procissão de Bom Jesus dos Navegantes e se prolongava por mais três a quatro dias (...) as exibições incluíam mostras de curta e longa metragem produzidas em todo o Brasil e a Mostra Competitiva de Super-8, inicialmente, exclusiva para as produções alagoanas (CARVALHO E NUNES, 2016, p.29)

De acordo com Araújo et al. (2018), a cidade sediou durante oito anos um evento que não dialogava apenas com o cinema, mas com outras linguagens culturais locais.

O evento apresentava uma programação vasta que extrapolava as exibições dos filmes selecionados, apresentando uma programação artística sempre diversificada que transitava dos folguedos populares aos recitais eruditos; constituindo-se numa atividade capaz de atrair um grande número de espectadores, tanto da cidade e da microrregião do Baixo São Francisco, quanto de visitantes de diferentes estados brasileiros, lotando o município e movimentando sua economia. (ARAÚJO et al., 2018, p. 52)

O Festival do Cinema Brasileiro de Penedo despertou um sentimento de pertencimento cultural da cidade com o evento, promovendo atividades da cinematografia nacional de forma

gratuita para toda a comunidade local e visitantes. Tamanha foi a repercussão, que a cada edição a cidade se enchia de turistas, ao ponto de esgotar locais de hospedagem. A estrutura oferecida por Penedo começou a receber críticas e, atrelada a outras questões de ordem técnica, em 1982 o festival realizou a sua última edição. O Cine São Francisco, por sua vez, não aguentou a crise gerada pelo fim do festival e, no início da década de 1990, acabou fechando suas portas.

Penedo sempre foi uma cidade culturalmente ativa, não somente pelo seu protagonismo na realização do Festival do Cinema Brasileiro de Penedo, mas por tantas outras ações envolvendo outros segmentos da arte e da cultura. E a partir de um movimento de retomada da cena audiovisual local, é que vinte e nove anos depois da realização da última edição do Festival do Cinema Brasileiro, surge o Festival de Cinema Universitário de Alagoas, promovido pela Universidade Federal de Alagoas – Ufal. Com o objetivo de fomentar a produção cinematográfica independente em nível estadual e nacional, com troca de experiências e intercâmbio cultural, o evento passou a resgatar uma memória afetiva da comunidade local com os antigos festivais das décadas de 1970 e 1980, ocorridos na cidade.

Em 2016, após cinco anos de trabalho na consolidação dessa retomada de festivais de cinema em Penedo, a Universidade Federal de Alagoas deu uma nova cara ao evento, transformando-o em Circuito Penedo de Cinema, cuja perspectiva foi de ser um grande projeto guarda-chuva unificando em uma só programação as atividades de cinco mostras temáticas: o Festival de Cinema Universitário de Alagoas, o Encontro de Cinema Alagoano, a Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental, a Mostra de Cinema Infantil e o Festival do Cinema Brasileiro, este último retomado com o mesmo nome do festival das décadas de 1970 e 1980, como resgate e memória cultural.

Até o fechamento deste trabalho, foram realizadas onze edições do Circuito Penedo de Cinema (2011-2021) e é com um olhar mais voltado para a relação evento cultural e comunidade local que esta pesquisa se propôs a investigar o Circuito enquanto relevante estudo de caso, perpassando pela discussão conceitual de identidade cultural aplicada na investigação que se dará sobre a importância da comunicação na gestão de um festival de cinema de interior, a potencialidade de suas estratégias como elementos criativos para aproximar públicos, gerar identificação cultural e movimentar a comunidade local, promovendo o audiovisual de forma democrática e acessível. Ao problematizar a questão, entende-se como proposta central a investigação sobre de que forma é possível criar uma sinergia no entorno dessa relação cultural entre comunidade e evento.



Para atingir esse objetivo, foi analisada a edição 2019 considerando esta a mais recente em caráter totalmente presencial, tendo como premissa que o objetivo maior de qualquer festival de cinema é a singularidade na troca de experiências em ambientes compartilhados e coletivos. Neste sentido, sobre a vivência de se estar presencialmente em um festival de cinema, Tetê Mattos revela que

(...) os festivais são fenômenos de comunicação e constituem importantes espaços de socialidades e de trocas simbólicas. A experiência de assistir a um filme coletivamente, a presença de artistas que participaram das obras exibidas nas sessões, os debates seguidos das exibições, são experiências que potencializam os festivais como possível instituições discursivas (MATTOS, 2018, p.17)

Neste sentido, a partir da introdução que trouxemos de uma breve historicidade sobre a cidade de Penedo e sua relação com os festivais de cinema, este trabalho tem como alicerces teóricos os conceitos sobre planejamento e métodos de um estudo de caso, referenciados por Robert Yin (2001); sobre cinema como prática social e interações socioculturais, através das leituras de Graeme Turner (1997); sobre festivais de cinema, diagnósticos e impactos em cidades, a partir das produções acadêmicas de Tetê Mattos (2009; 2018; 2019; 2020) e de estudos e contribuições oriundos de Universidades de Portugal e do Laboratório de Comunicação, Cidade e Consumo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); sobre comunicação, cultura e identidade cultural sob o olhar de Stuart Hall (1997; 2002; 2006); e sobre território e espaço, a partir dos conceitos de Milton Santos (2006).

No capítulo 2, trazemos a discussão sobre cinema como prática sociocultural, ampliando o debate sob a ótica de Graeme Turner. Dissertamos sobre os conceitos de cultura, identidade e território, espaço e pertencimento, onde também abordaremos a relação entre evento cultural e comunidade local.

A dimensão histórica e cultural dos festivais de cinema é tema que trazemos no capítulo 3, em que contextualizamos os festivais dentro de um panorama histórico-cultural, em que discutimos festivais de cinema na contemporaneidade, do Nordeste e de interior – enquanto movimento de resistência contra hegemônico aos grandes centros detentores da centralização dos espaços e eventos para exibição das produções nacionais, como forma também de promover a territorialidade e as redes afetivas regionalizadas.

No capítulo 4, abordamos a metodologia da pesquisa aplicada e todas as etapas em que foram necessárias para a coleta de dados, sua mensuração, tabulação e produção textual, a partir do estudo de caso como método de base, apresentando todo o percurso metodológico traçado

na investigação deste trabalho. Já o capítulo 5, aprofundamos a análise do nosso objeto de estudo – o Circuito Penedo de Cinema, apresentando inicialmente um recorte histórico do cinema em Alagoas, a evolução do próprio Circuito Penedo até chegarmos na discussão acerca da edição 2019 do evento. Dissertamos sobre a comunicação do festival em suas diferentes frentes, enquanto proponente na promoção e um diálogo mais aproximado com a comunidade local, por meio dos estímulos identificados por esta pesquisa. No fim deste capítulo, trazemos os resultados da pesquisa aplicada com moradores e empreendedores locais por meio de questionários, onde fazemos uma análise em cima de gráficos e tabelas.

O capítulo 6 abordamos nossas considerações finais, onde fazemos algumas inferências gerais sobre os resultados das nossas investigações. Finalizando este trabalho, apresentamos o capítulo 7 como forma de epílogo, como forma de fazermos uma breve reflexão sobre as edições dos anos 2020 e 2021 do Circuito Penedo de Cinema, que foram afetadas diretamente a partir da pandemia da Covid-19<sup>2</sup> e que forçou o evento a reconfigurar seu modelo, adotando o formato híbrido (presencial e virtual) como possibilidade de se manter o festival, principalmente para a comunidade local.

Para além do Circuito Penedo de Cinema ter sido um evento que resgata o diálogo que a cidade tem com o cinema, estudar formas de identificar o nível de pertencimento e identificação cultural da comunidade local com o evento tornou-se um objeto desta pesquisa que perpassa pela nossa atuação profissional e ligação afetiva com o próprio evento e a cidade de Penedo. Desde 2013, estamos envolvidos na produção do Circuito e até fechamento deste trabalho, foram nove edições em que participamos na comissão organizadora. Estudar o evento e estar inserido como observador participante desta pesquisa foi, acima de tudo, um desafio no tocante ao saber separar o produtor cultural do pesquisador. Contudo, foi também uma grande experiência transformar a vivência adquirida no período 2013-2021 em subsídios para uma observação participante, a partir de um olhar mais crítico e neutro, até a conclusão deste trabalho, em 2022.

---

<sup>2</sup> Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou que o vírus causador da doença Covid-19, descoberto em dezembro de 2019 na China, passou a ser considerado uma pandemia, isto é, uma doença de disseminação mundial transmitida e sustentada de pessoa para pessoa. Um dos principais protocolos sanitários adotados durante o período pandêmico foi o distanciamento social, impactando direta ou indiretamente na rotina das pessoas (OMS, 2020). Com isso, a realização do Circuito Penedo de Cinema edição 2020 e 2021 ocorreu dentro de um modelo híbrido, com atividades presenciais e virtuais.

## 2. O CINEMA COMO PRÁTICA SOCIOCULTURAL

O cinema enquanto arte, e mesmo indústria, é um importante instrumento de transformação cultural, social e individual. É capaz de gerar impactos culturais para a vida em sociedade, através de seus processos de produção de sentidos, o que torna a experiência da “sétima arte” uma vivência muito além do entretenimento. Por possuir característica de interdisciplinaridade, o cinema dialoga com realidades políticas e sociais de inúmeras culturas.

Graeme Turner (1997), em seu trabalho sobre cinema como prática social e interações socioculturais, destaca que:

Embora os estudos sobre cinema estejam estabelecidos em instituições do mundo todo, estamos agora numa fase crucial de seu desenvolvimento. O cinema é revelado não tanto quanto disciplina separada, mas como um conjunto de práticas sociais distintas, um conjunto de linguagens e uma indústria. As abordagens atuais vêm de um amplo espectro de disciplinas – linguística, psicologia, antropologia crítica literária e história – e servem a uma série de posições políticas – marxismo, feminismo e nacionalismo. Mas ficou claro que a razão pela qual queremos estudar o cinema é porque se trata de uma fonte de prazer e significado para muita gente em nossa cultura (...) os teóricos de estudos culturais, recorrendo particularmente à semiótica, argumentam que a linguagem é o principal mecanismo pelo qual a cultura produz e reproduz os significados sociais (TURNER, 1997, p. 49)

Para Sílvia Marques, “o cinema é arte, meio de comunicação de massa e tecnologia, simultaneamente. Sabe-se também que é uma importante série cultural, que interage com as outras séries, por meio de reelaborações mútuas” (MARQUES, 2013, p. 02).

Sobre cultura, Turner afirma que:

foi redefinida como o processo que constrói o modo de vida de uma sociedade: seus sistemas para produzir significado, sentido ou consciência, especialmente aqueles sistemas e meios de representação que dão às imagens sua significação cultural. O cinema, a televisão e a publicidade tornaram-se assim os principais alvos de pesquisa e análise “textual”. No âmbito dessa pesquisa, a cultura é vista como sendo composta de sistemas de significado interligados (TURNER, 1997, p. 48)

Enquanto meio de comunicação, o cinema cumpre diversas funções, como o entretenimento, a informação e a educação. A produção fílmica, por vezes, serve como mecanismo de fuga da realidade para um mundo de fantasias; contudo, para além de entreter o público, o filme tem também o seu papel sociocultural, a partir da capacidade de atuação como força de ser ferramenta de crítica e mudança social.

Por meio dos filmes, pode-se compreender fatos históricos-sociais que passam a retratar um olhar reflexivo sob a realidade. Para Marques, “seu estudo sistemático se faz tão relevante para usufruirmos todo o seu potencial revolucionário e libertador, expresso por meio dos seus signos, imagens e narrativas, de forma contextualizada” (MARQUES, 2013, p.12).

Turner considera o cinema como prática social a partir da linguagem e significados sociais que ele produz e reproduz, e que dessa forma, funciona como um instrumento de reelaboração da cultura, pois “em suas narrativas e significados podemos identificar evidências do modo como nossa cultura dá sentido a si própria” (TURNER, 1997, p. 13).

Nós nos tornarmos membros da nossa cultura por meio da linguagem, adquirimos nosso senso de identidade pessoal com a linguagem, e é graças a ela que internalizamos os sistemas de valores que estruturam nossa vida. Não podemos sair do âmbito da linguagem para produzir um conjunto de significados pessoais totalmente independentes do sistema cultural. É possível, entretanto, usar nossa linguagem para dizer coisas novas, articular novos conceitos e incorporar novos objetos (TURNER, 1997, p. 52)

Rodrigues (2015) enfatiza que o cinema também deve ser pensado enquanto indústria, por se propor fundamentalmente como meio de comunicação de massa, considerando também, os mecanismos de narração, representação e exibição, como instrumento ideológico e político. Nesse sentido, há de se considerar também o cinema enquanto espaço físico, capaz de promover uma experiência de sensações, reflexões e inquietações no público.

Turner afirma que a “dissolução entre as fronteiras do imaginário e do real faz parte do cerne da experiência do cinema. A representação aparece como percepção”. (TURNER, 1997, p.111). Desse modo, uma das características mais importantes da experiência do cinema consiste em reproduzir com a máxima de uma precisão a experiência de retratar o mundo real ampliando-se o poder dessa experiência. Neste sentido, para Turner,

Os sonhos não acontecem “realmente”, embora possamos experienciá-los como se acontecessem; contraditoriamente, mesmo que o conteúdo do sonho não tenha ocorrido, a *experiência do sonho em si* ocorreu. Como filmes, os sonhos têm a capacidade de expressar o pensamento por meio de imagens; e também tendem para estruturas narrativas (mesmo que genéricas), com a impressão de serem mais do que reais (TURNER, 1997, p. 111)

A sala de exibição, com todas as suas nuances, proporciona no espectador uma experiência intensa, motivada pelo ambiente escuro e pelos elementos que formam o conjunto da mídia: a imagem, o som, o brilho e tamanho da tela. Ainda de acordo com Neto e Ceballos,

para além da atração que o cinema oferece, frequentar esses ambientes promove outras formas de motivação também responsáveis por atrair o público. “Os cinemas são amplamente reconhecidos como espaços que estimulam contatos e interações sociais, promovendo, portanto, relações de sociabilidade” (NETO e CEBALLOS, 2021, p.375-376).

Mesmo que para Turner, frequentar um cinema é equivalente a estar em um evento, é necessário considerar as transformações sociais por qual a sociedade tem passado, principalmente com o advento da tecnologia. A sala de exibição não é mais o único espaço para o despertar de todas as sensações socioculturais promovidas pelo cinema. Há de se considerar todas as novas formas de sociabilidade virtual e presencial.

Contudo, ir a um cinema ou a eventos que o promovam, continua sendo formas de interação social e cultural, que criam possibilidades de se estabelecer relações de troca e de comunicação, enquanto instrumento que estimula processos de identificação cultural, principalmente em territórios locais.

## **2.1. Cultura, identidade e comunicação**

O cinema é considerado um produto cultural, econômico e social, a partir de toda a cadeia produtiva que o integra, ao tempo em que também é importante elemento no contexto das relações socioculturais estabelecidas na sociedade contemporânea. Enquanto indústria do consumo, pode modificar e produzir um fazer cultural, através do qual se evidencia a criatividade humana, configurando-se um mecanismo que adota técnicas próprias.

De acordo com Silva, as formas de cultura passam a ser englobadas como o conjunto de ações que visam à integração dos sujeitos no contexto do campo político. “Assim, a cultura condiciona a vida em sociedade dentro de uma perspectiva mediadora, e o Estado, então, vê o elemento cultural como investimento promissor na sua agenda de atuação” (SILVA, 2014, p.18). É o destaque que se dá em relação ao cinema, através da sua importância para integrar a sociedade, promovendo conquistas no campo da cultura e do lazer.

Sobre o conceito dado à esta relação (cultura e cinema), ainda a partir do olhar de Silva, o autor afirma que:

A concepção de cultura relacionada à perspectiva do cinema, como expressão da arte e como indústria, reconhecendo ser plenamente possível o diálogo entre essas duas realidades. Além do mais, a compreensão de cultura como aporte que pode favorecer o desenvolvimento socioeconômico, torna-a apta a ser aplicada ao mercado cinematográfico. É a partir da ideia de cultura, como valor fundante da sociedade,

particularmente na perspectiva do processo de convivência social, que se reforçam seus costumes, folclore, crenças e mitos, repassados de geração em geração. Por outro lado, é importante afirmar que a produção da cultura se faz e se refaz, sob variados aspectos e em novas formas, diante do capitalismo (SILVA, 2014, p. 20)

Para Santos, a cultura é a dimensão da sociedade, em um sentido dilatado, incluindo todo o conhecimento e todas as maneiras como esse conhecimento é expressado.

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é "algo natural", não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas à percepção da cultura, mas também à sua relevância, à importância que passa a ter. Aplica-se ao conteúdo de cada cultura particular, produto da história de cada sociedade. Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade (SANTOS, 2009, p. 50)

É substancialmente relevante considerar a cultura, a partir das diferentes formas de manifestações e instrumentos, produtora de novas subjetividades e novas formas de ser, estar e entender o mundo, haja vista que os modos de ser não se constroem mais por meio de instituições específicas, mas, conforme Moraes (2019, p. 167), “a partir de dispositivos sutis, indiretos e plurais, dispersos no tecido social, pelos quais nos subjetivamos sem que nos apercebamos da sua atuação”, sendo a cultura entendida como prática de significação, representação e identidade.

Stuart Hall afirma que:

A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros (HALL, 1997, p. 16)

Hall (2002) analisa ainda a conceituação sobre representação e como ela é motivada pela investigação sobre o processo de construção dos significados culturais, que resultam e reverberam em práticas sociais. O sentido de reconhecer tais significados faz parte do senso da própria identidade cultural de um povo, através da sensação de pertencimento.

Nesse contexto, é importante enfatizar que a cultura de um povo é diretamente pertencente à sua identidade, uma vez que as pessoas que fazem parte de uma sociedade – e suas respectivas culturas – são expostas ao conjunto de conhecimentos que formam as práticas

culturais. Percebe-se, então, que a cultura tem grande relevância em influenciar na formação da identidade de uma sociedade, norteando-a segundo suas práticas e costumes (SILVA, 2019, p.08).

Para Hall, identidade significa:

O ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’” (HALL, 2000, p. 111-112)

O autor analisa ainda os diferentes conceitos sobre identidade cultural. De acordo com Hall (2002), a identidade cultural pode ser considerada como sendo uma cultura compartilhada, enquanto verdade única e coletiva, que é transmitida de forma superficial ou que é artificialmente imposta, sendo uma cultura abraçada por pessoas sem grau de heterogeneidade. O outro conceito de identidade cultural abordado por Hall reconhece que, assim como existem similaridades, as culturas possuem também aspectos de profunda diferença que se constituem a partir das relações em constante transformação, passando a identidade cultural a ser um processo de construção, de tornar-se, e não de ser.

Desse modo, compreende-se que os limites de uma identidade cultural não são fixos, estáticos. Estão sempre em um processo de mudança, transformação e adaptação ao seu meio, em uma construção e reconstrução constante, sendo assim um conjunto de partes que se apresentam como um todo.

As identidades culturais são cada vez mais fragmentadas e fraturadas, multiplicadamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições. A globalização da pós-modernidade está diretamente ligada a essa fragmentação. Os meios de comunicação, a tecnologia e a velocidade como as informações vêm e vão fazem do mundo um espaço cada vez mais integrado. “Qualquer um pode interagir com múltiplas culturas sem sair da própria casa. Seja por meios de filmes, músicas, séries, animes, até aulas e leitura, as culturas se entrelaçam por meio da globalização e por isso a fluidez da identidade cultural” (SILVA, 2019, p.10).

Com esse fenômeno da cultura compartilhada pela globalização, e suas consequências imediatas de compressão espaço-temporal, da aceleração dos processos globais e do encurtamento das distâncias ocasionadas pelos meios de comunicação renovados pela tecnologia, as identidades culturais sofrem um processo de deslocamento que, para Hall,

Quanto mais a vida se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha (HALL, 2006, p. 75)

Nesse cenário, é importante contextualizar que o ato de se comunicar perpassa por diversas linguagens e formas (escrita, verbal, visual, entre outros) e foi durante as últimas décadas que se testemunhou uma forte mudança na paisagem midiática, em virtude da inovação tecnológica e dos próprios instrumentos de comunicação e interação social. Isso impacta nas relações de identidade cultural e faz emergir a necessidade de compreender tais processos de comunicação e seus efeitos, bem como as formas em que eles moldam tanto a sociedade como a cultura.

Considera-se que a comunicação pode ser vista como elemento de transmissão cultural, processo e atividade social. Segundo Sousa,

Pode-se pensar na comunicação em duas grandes asserções: primeiramente a comunicação como o processo em que comunicadores trocam propositadamente mensagens codificadas (gestos, palavras, imagens...), através de um canal, num determinado contexto, o que gera determinados efeitos; e, em segundo, a comunicação como uma atividade social, onde as pessoas, imersas numa determinada cultura, criam e trocam significados, respondendo, desta forma, à realidade que cotidianamente experimentam (SOUSA, 2006, p. 22)

É importante compreender a comunicação a partir de sua relação com a cultura, como espelhamento de significação e não apenas como produtora e circuladora de informações. Verifica-se que, para aproximação entre comunicação e cultura, é necessária a construção do diálogo entre as distintas concepções do mundo.

A tecnologia permite que novas relações socioculturais se desenvolvam, fazendo o ser humano deixar de ser um ente passivo nas suas formas de interação e passando a condição de agente ativo na construção das informações e conseqüentemente nos significados, utilizando-se cada vez mais da criatividade como fator de concepção e compreensão.

A comunicação passa a se fazer presente e fundamental, renovando-se e agregando novos instrumentos, linguagens e plataformas midiáticas. A era da informação reflete em todos os níveis de relacionamentos, sociais, culturais, econômicos. E, conseqüentemente, nas referências de identidade cultural.



Os meios de produção, circulação e troca cultural, em particular, têm se expandido, através das tecnologias e da revolução da informação. Uma proporção ainda maior de recursos humanos, materiais e tecnológicos no mundo inteiro são direcionados diretamente para estes setores. Hoje, a mídia sustenta os circuitos globais de trocas econômicas dos quais depende todo o movimento mundial de informação, conhecimento, capital, investimento, produção de bens, comércio de matéria prima e marketing de produtos e ideias (...) os recursos que antes iam para a indústria pesada da era industrial do séc. XIX — carvão, ferro e aço — agora, na virada do terceiro milênio, estão sendo investidos nos sistemas neurais do futuro — as tecnologias de comunicação digital e os softwares da Idade Cibernética (HALL, 1997, p. 02)

Contudo, é preciso analisar o movimento de retomada da valorização e identidade local, contrapondo-se a esse processo de globalização e padronização de usos e costumes. Para Hall,

a) A globalização caminha em paralelo com um reforçamento das identidades locais, embora isso ainda esteja dentro da lógica da compressão-espaço tempo. b) A globalização é um processo desigual e tem sua própria “geometria de poder”. c) A globalização retém alguns aspectos da dominação global ocidental, mas as identidades culturais estão, em toda parte, sendo relativizadas pelo impacto da compressão espaço-tempo (HALL, 2011, p. 80- 81)

Ainda sobre a globalização, o autor afirma que:

Tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans históricas. [...] Algumas identidades gravitam ao redor daquilo que Robins chama de “tradição”, tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”; e essas, conseqüentemente, gravitam ao redor daquilo que Robins (seguindo Hommi Bhabha) chama de tradução (HALL, 2011, p. 87)

Se parte dos meios de comunicação de massa traz a proposição de um mundo de padronização de gostos, comportamentos e costumes, passamos também a observar a resistência das práticas culturais, colocando em questão as identidades culturais.

Na visão de Castells (2002), a identidade é um processo construtivo de significados baseado em atributos culturais inter-relacionados, que ocorre em contextos marcados pelas posições de poder. Para o autor, são três as formas distintas de origens da construção de identidades:

(...) *identidade legitimadora*: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais (...) *identidade de resistência*: criada por atores que se encontram em posições marginalizadas ou estigmatizada pela lógica de dominação de grupos hegemônicos (...) *identidade de projeto*: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social (CASTELLS, 2002, p. 55-56)

Compreende-se, portanto, que as identidades não são formadas unicamente pelas escolhas do indivíduo; considera-se também o ambiente cultural em que esteja inserido, o seu espaço, o território onde vive e onde se estabelecem suas relações sociais em todos os contextos e níveis sociais.

## **2.2. Território, espaço e pertencimento**

Milton Santos, em *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* (2006), destaca que:

A ordem global é “desterritorializada”, no sentido de que separa o centro da ação e a sede da ação. Seu “espaço”, movêdico e inconstante, é formado de pontos, cuja existência funcional é dependente de fatores externos. A ordem local, que “reterritorializa”, é a do espaço banal, espaço irredutível (T. dos Santos, 1994, p. 75) porque reúne numa mesma lógica interna todos os seus elementos: homens, empresas, instituições, formas sociais e jurídicas e formas geográficas. O cotidiano imediato, localmente vivido, traço de união de todos esses dados, é a garantia da comunicação (SANTOS, 2006, p. 231)

Compreende-se que são nas relações de espaço, enquanto lugar sociocultural, as possibilidades de efetiva comunicação, troca de saberes e fortalecimento das identidades culturais de uma comunidade, a partir de suas dinâmicas.

As cidades se estabelecem como lugar de transformações e apropriações, território de resistência se contrapondo à fragmentação oriunda da globalização. É objeto de intervenção na dinâmica dos grupos dominantes, visto ser uma estrutura e um ator propulsor na conjuntura da modernidade. Passamos a considerar o local como poder de união.

Santos (2007) analisa que o espaço das cidades acumula os traços das práticas e relações culturais, a partir da consolidação enquanto mercadoria, convertendo-se em uma gama de especulações do ponto de vista econômico, ideológico, político, isoladamente ou em conjunto. As cidades são consideradas espaços de manifestação por meio de suas estruturações que

acabam por desenvolver um grau de consciência coletiva. Neste sentido, é que se formam as bases necessárias para a revalorização do local e, conseqüentemente, do senso de pertencimento.

Além de ser local de trabalho e meio de existência da maior parte da população, a cidade, objetivamente, é um ponto de comunicação entre os vários sujeitos sociais e as instituições correlatas e legítimas. Suas raízes vão fomentar um complexo meio de produção material e imaterial, a fim de posicionar toda a produção no mercado do consumo. Nesse espaço, há real necessidade de se consolidar uma economia política para recolocá-la em posição adequada, em razão da produção capitalista, bem como para posicionar os diversos atores sociais (SANTOS; SOUZA, 1994, p. 118)

O espaço comporta dimensões culturais que carregam símbolos que o transforma em território a partir de uma identidade própria criada pelos seus habitantes que o apropriam, não necessariamente como propriedade, mas com a ideologia-cultural manifestada nas relações políticas, sociais, econômicas e culturais. (SOUZA E PEDON, 2007, p.133)

O território é o chão e mais a população, isto é uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre as quais ele influenciou. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que está falando em território usado, utilizado por uma população (SANTOS, 2003, p. 174)

O sentimento de fazer parte de um território gera uma aproximação com a identidade local, assumindo as relações de interação social e cultural de uma região (DIAS, 2006). Margarita Barreto (2012) analisa que identidade cultural é o reconhecimento das tradições e do patrimônio cultural, que diferencia um grupo de outras comunidades. E que “o conceito de comunidade implica sentimento de pertencimento a uma comunidade imaginada, cujos membros inclusive não se conhecem, mas compartilham referenciais importantes: uma mesma história, uma mesma tradição” (BARRETO, 2012, p. 96).

Portanto, os conceitos de identidade cultural e noção de pertencimento estão atrelados, já que noção de pertencimento engloba a formação da identidade do indivíduo e do grupo. O sujeito, como parte componente do fenômeno cultural pertencente, compreendendo o processo de reprodução do objeto cultural, suas causas (origens) e transformações, é um agente formador do espaço e da cultura, sendo mantenedor e transmissor dessa teia de significados (MESQUITA, 2019, p. 21-22)

Reconhecer o lugar como experiência subjetiva de intimidade, afeto e identificação sobre o espaço-tempo que se vive é uma forma de se alicerçar a construção de significados

culturais de um povo (NETO apud MESQUITA, 2019, p. 19). O valor social do lugar, evidenciado em seus usos, é objeto que estimula as relações de pertencimento cultural, envolvimento social e resistência de costumes e raízes locais. A partir disso, enxerga-se necessário investigar espaços que possibilitem a percepção da identidade local, do reconhecimento de bens e serviços de interesse comum, e das ações que propaguem as relações de memória que o território – e sua comunidade local – carregam.

### **2.3. Evento cultural e comunidade local**

Os eventos se configuram como espaços que propiciam relações e trocas de saberes, a partir de atividades planejadas, dinâmicas, produzidas e executadas por empresa, instituição ou um grupo de pessoas que se organiza, profissionalmente, para desenvolver os objetivos propostos com a ação.

De acordo com Zanella (2003):

Evento é uma concentração ou reunião formal e solene de pessoas e/ou entidades realizada em data e local especial, com objetivo de celebrar acontecimentos importantes e significativos, e estabelecer contatos de natureza comercial, cultural, esportiva, social, familiar, religiosa, científica etc. (ZANELLA, 2003, p. 13)

Quando estão voltados para um determinado público local, além de gerar um estímulo econômico, os eventos podem proporcionar lazer e diversão, atrelados ao desenvolvimento de valores sociais e culturais, como os costumes, tradições e manifestações culturais de uma comunidade.

Nesse âmbito, trata-se de eventos culturais, sendo estes toda e qualquer atividade que gere ações previamente planejadas com o objetivo de alcançar resultados definidos junto ao público-alvo, cujo propósito está intrinsecamente ligado a difundir manifestações, estimular a criatividade e expressões populares, artísticas e culturais.

Segundo Pugen e Gayer (2012), o evento cultural pode ser visto pela ótica da comunicação como um produto da indústria criativa que estimula a comunidade inserida em seu contexto a participar econômica e culturalmente.

A realização de eventos pode movimentar recursos, gerar renda e emprego para as comunidades onde são realizados, através do fluxo de pessoas que visitam a localidade em um determinado período. Ainda, podem ser direcionados para o desenvolvimento do senso de pertencimento da comunidade em relação ao local onde vivem,

contribuindo para fortalecimento de valores culturais. (PUGEN e GAYER, 2012, p. 01).

Os eventos culturais apoderam-se de um lugar diferenciado na sociedade em que estão inseridos. Para Mair e Whitford (2013), as contribuições da promoção de um evento do segmento cultural perpassam não somente em atrair público à região que o abriga, mas também visam colaborar para o desenvolvimento econômico, social, cultural e turístico.

Na visão de López e Molina (2013), uma das potencialidades da promoção de eventos culturais pode ser revelada a partir da capacidade das ações em proporcionar experiências e estimular sensações e emoções ao público participante, a partir de uma interação que perpassa pelo sentimento de participação que cada indivíduo acaba gerando, de forma única e pessoal.

Em se tratando de eventos culturais em comunidades onde existe uma forte tendência à participação da população local, é importante que haja um envolvimento entre organização e esses públicos, seja na execução ou mesmo como espectadores, a fim de facilitar a sua viabilização e tornar as condições favoráveis à sua realização. O engajamento e o apoio desses agentes demonstram que existe uma representação e, com isso, deste modo, legitima-se a realização do evento naquele local.

A partir da lógica de que eventos culturais voltados para um público específico – como comunidades de cidades do interior, por exemplo – deve-se pensar na importância do desenvolvimento local, por meio da economia, da produção cultural e da geração da identidade e senso de pertencimento local. Um dos tipos de eventos que mais chamam atenção neste recorte são os festivais. Por possuírem peculiaridades, transformando-se em importantes motivadores para a atividade turística (KRAUS et al., 2019). A escolha do local e, conseqüentemente, do destino turístico, para sediar o evento, é fundamental para compor os fatores que representam o imaginário dos indivíduos frequentadores dos festivais.

Knapp et al. (2021) fazem um panorama sobre o olhar dos estudos sociológicos acerca de festivais culturais e sua relação com as comunidades locais.

Desde uma primeira perspectiva ainda na abordagem durkheimiana, os festivais são reconhecidos como efervescência coletiva, sendo canais para expressar e consolidar um senso de comunidade (GIORGI; SASSATELLI; DELANTY, 2011). Complementando essa perspectiva sociológica, segundo Falassi (1987, p.01) “o festival é um evento, um fenômeno social, encontrado em praticamente todas as culturas humanas”. Por outro lado, sobre uma perspectiva contemporânea, ainda que receba pouca atenção das Ciências Sociais, são percebidos como fatores de impacto em avaliações socioeconômicas pela indústria cultural (GIORGI; SASSATELLI; DELANTY, 2011). Tenan (2002, p.30) considera como “um evento artístico-cultural, composto de apresentações previamente selecionadas, com o objetivo de competição, divulgação ou

promoção comercial. Tem frequência variável e pode acontecer em ambientes abertos ou fechados” (KNUPP et al., 2021, p. 06)

Para Kraus et al. (2019, p. 32), “mundialmente, festivais e eventos considerados locais são os principais elementos utilizados no desenvolvimento regional”. Esses eventos visam promover a identidade de uma população, valorizar seu território e espaço e despertar sentimento de pertencimento, em que sua identidade cultural está, por vezes, relacionada a permanência de uma memória ou tradição (KNUPP et al., 2021, p. 06).

No mundo globalizado, dominado pelos meios de comunicação, e, para muitos teóricos, em que as identidades estão se tornando homogêneas, eventos que promovam a afirmação da identidade, da cultura, dos costumes e da memória das comunidades locais se tornam muito importantes para a conscientização da própria comunidade (KICH; MARONEZE 2015, p. 137)

Dentro dos impactos culturais promovidos por um evento em um território, Berselli et al. (2021) apresentam apontamentos de características encontradas a partir de estudos sobre festivais com edições recorrentes em determinada região. Para eles, estes eventos passam a ser parte da cultura do lugar, reforçam laços comunitários, promovem coesão comunitária, orgulho, resgatam tradições e identidades, permitem celebrar valores, crenças e utilizando-se da paisagem do lugar de moradia dos moradores.

É a partir deste cenário de eventos culturais com olhares para as comunidades locais que se faz um recorte mais aprofundado para o segmento do audiovisual, com o enfoque em festivais de cinema. Uma vez que o papel de um festival de cinema vai além de apenas promover as produções fílmicas existentes; ele gera envolvimento, identidade cultural e movimenta o seu público, disseminando e propagando o setor longe dos grandes centros urbanos, de forma democrática e acessível.

### 3. FESTIVAIS DE CINEMA – DIMENSÃO HISTÓRICA E CULTURAL

Os festivais como objeto de pesquisa é um fenômeno recente no campo dos estudos de cinema. Apesar da pouca produção, se comparada com outras temáticas, é importante observar que este é um movimento crescente e referenciado pelo processo de origem, ocupação de espaço e entendimento da interdisciplinaridade que os estudos internacionais na área tiveram, a partir do final do século XX, e continuam a ter, atraídos pela proliferação dos festivais de cinema em todo o mundo e sua posição de influência na produção e circulação cinematográfica.

Para Vallejo (2014, p.16), “num panorama mais amplo, o surgimento de estudo dedicado aos festivais faz parte de uma mudança no objeto de pesquisa onde os textos (os filmes) deixaram de ser o único centro de interesse, em favor dos contextos”. Como exemplo e referência mundial, o livro da pesquisadora e professora Marijke de Valck, *Film Festivals. From European Geopolitics to Global Cinephilia* (2007), é um dos grandes e expressivos estudos sobre festivais de cinema, que os considera, entre outras reflexões, como espaços discursivos para análise das interações com os públicos e de circulação das produções audiovisuais. O seu trabalho, que passou a inspirar e dialogar com vários outros autores e autoras, analisa os festivais a partir de uma perspectiva geopolítica, econômica, midiática e cultural (VALLEJO, 2014). E para De Valck, os diálogos transversais promovidos pelos festivais de cinema demonstram claramente a sua função multifacetária.

Mais do que ter duas faces – olhando para o filme como cultura de um lado e como mercadoria de outro -, os festivais de cinema devem desenvolver uma habilidade camaleônica para servir uma ampla variedade de pessoas, instituições, empresas, cidades, regiões e países. Acima de tudo, deve-se concluir que os festivais de cinema, ao mesmo tempo em que garantem uma base firme para se sustentar, celebram com sucesso a cultura cinematográfica como arte e promoção da diversidade. (DE VALCK, 2007, p. 234)

No Brasil, segundo Tetê Mattos, ainda são poucas as publicações acerca do tema. Para ela, no âmbito acadêmico,

Somente nesta década é que surgem as primeiras teses centradas em festivais de cinema. *Territórios do Desejo* (2012), de Marcos Aurélio da Silva, *Consumo Fanático: uma análise exploratória nos festivais de cinema fantástico* (2013), de João Pedro dos Santos Fleck, *O Festival do Rio e as configurações da cidade do Rio de Janeiro* (2018), de minha autoria, e *É Tudo Verdade? Cinema, memória e usos públicos da história* (2019), de Juliana Muylaert Mager, são algumas das pesquisas desenvolvidas em programas de pós-graduação em antropologia, administração, comunicação e história, respectivamente. (MATTOS, 2019, on-line)

Como contribuições para a historicidade dos festivais de cinema no Brasil, encontramos o livro *O cinema em festivais e os caminhos do curta-metragem no Brasil*, de Miriam Alencar, 1978. Para a autora, a importância dos festivais se faz

a) pelo que pode e deve revelar de novos valores, novas ideias, novas culturas, através da participação ativa do maior número de países; b) pelo mercado de venda de filmes, que proporciona a comercialização do produto aos mais diversos países; c) porque permite o contato entre as pessoas, das mais diferentes regiões ou países, que trocam ideias entre si, que travam ou ampliam seu conhecimento do que está se passando no mundo cinematográfico. (ALENCAR, 1978, p. 54)

Publicações contemporâneas abrem cada vez mais espaço para discussões e reflexões sobre o campo do cinema, com enfoque para os festivais. É o caso da ANIKI, Revista Portuguesa da Imagem e Movimento, que produziu em 2021 um dossiê temático dedicado aos festivais e seus contextos socioculturais, enfatizando o crescimento dos estudos na área, dando destaque para a “importância e a influência das relações sociais que ocorrem no contexto dos festivais, no que toca às culturas cinematográficas que estes geram, modelam ou questionam” (LEÃO, VALLEJO, 2021, p. 81).

Outro dossiê temático publicado recentemente é o da Rebeca – Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual, da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (Socine). O documento, intitulado *Festivais e Mostras Audiovisuais: olhares e perspectivas*, de dezembro de 2021, apresentou a amplitude das experiências, vivências e olhares diferenciados quanto à importância dos estudos para a formação de uma ambiência no cinema. Inclusive o nosso artigo *Curta Taquary: o processo de reinvenção de um festival de cinema durante a pandemia da Covid-19 (2021)*, faz parte desta publicação.

Neste cenário recente de contribuições acadêmicas sobre os estudos de festivais de cinema no Brasil, há de se destacar o trabalho da pesquisadora e professora Maria Teresa Mattos que, além de seus vários artigos publicados e de sua tese de doutorado, *O Festival do Rio e as configurações da cidade do Rio de Janeiro (2018)*, participou da elaboração dos Painéis Setoriais dos Festivais, que foram publicados em 2008 e 2011, contendo estes documentos os indicadores qualitativos e quantitativos do segmento referente ao ano de 2006 e aos anos de 2007 a 2009, respectivamente.

### **3.1. Panorama histórico-cultural**



Historicamente, o surgimento dos festivais de cinema no Brasil se deu através de um processo de valorização do cinema nacional e da criação das primeiras cinematecas no país, a partir dos anos 1950 (MAGER, 2019). Partiu da necessidade emergente de se promover e propagar o segmento, sob a ótica de que era preciso criar novos espaços para movimentar e visibilizar obras comerciais e independentes.

Considera-se como marco inaugural o Festival Internacional de Cinema do Brasil, realizado em São Paulo, em 1954. Foram exibidos mais de 300 filmes, tendo recebido grande destaque na imprensa local e nacional, principalmente pela participação de nomes da cinematografia internacional. De acordo com Mager (2019, p. 19), o evento privilegiava o cinema de ficção e o “campo profissional aliado a um projeto de cinema como indústria, atraindo atenção pelas proporções e pela capacidade de reunir um grande número de pessoas ligadas ao cinema nacional e internacional”. Porém, a experiência não se repetiu, apesar da boa repercussão à época, tendo somente uma única edição. Contudo, essas primeiras exhibições de filmes nacionais tiveram sua importância no tocante ao processo de institucionalização dos primeiros arquivos de filmes no Brasil.

Outros festivais surgiram a partir de então. Na década de 1960, Brasília realizou a primeira edição da Semana do Cinema Brasileiro, em 1965, e que dois anos depois passou a se chamar Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, sendo hoje o evento mais antigo do país em atividade. Em paralelo a esse movimento que ocorria na Capital Federal, surgiu no Rio de Janeiro um evento voltado ao filme amador: o Festival Brasileiro de Cinema Amador, patrocinado pelo Jornal do Brasil e que durou seis anos. (MAGER, 2019)

De acordo com as pesquisas realizadas por Leal e Mattos (2008, p. 15), nas décadas de 1970 e 1980, os festivais de cinema no Brasil começaram a ganhar mais força, com o surgimento de eventos em várias regiões do país:

- 1972, Bahia: I Jornada Internacional de Cinema da Bahia;
- 1973, Rio Grande do Sul: I Festival de Cinema Brasileiro de Gramado;
- 1974, São Paulo: Festival Sesc dos Melhores Filmes;
- 1977, São Paulo: Mostra Internacional de Cinema de São Paulo;
- 1978, Maranhão: I Festival Guarnicê de Cinema e Vídeo;
- 1985, Rio de Janeiro: Rio Cine Festival, que em 1999 vira Festival do Rio.

Toda essa geração de festivais de cinema foi importante para consolidar o segmento no Brasil e abrir espaços para outras iniciativas e discussões. Mager (2019) afirma que:

Nessas primeiras décadas, o surgimento dos festivais acompanhou a busca por espaços para a exibição do cinema independente no país e o movimento de efervescência da produção nacional. Desse modo, esses eventos cinematográficos constituíam um canal de acesso para o produto audiovisual nacional, colocando-se como espaços de troca, elaboração de manifestos, criação de polêmicas, formação de público e debate político, em que se encontravam espectadores, crítica, mercado e profissionais do cinema. (MAGER, 2019, p. 20)

Contudo, é na década de 1990 que ocorre um importante crescimento dos festivais de cinema em todo o país. Não somente pelo aumento quantitativo de eventos de difusão das produções, mas também pela diversidade das propostas e pela descentralização do circuito, que deixou de ser somente no eixo Sul-Sudeste – e capitais – e se expandiu para outras regiões, como o Nordeste, além de cidades do interior, quebrando a hegemonia dos grandes centros urbanos. Mager (2019) aponta ainda que os anos 1990 foram responsáveis pelo surgimento de instituições que buscaram organizar e profissionalizar o setor no país, tais como a associação Kinoforum e o Fórum dos Festivais Brasileiros.

Leal e Mattos (2008) mapearam os principais eventos que surgiram na década de 1990: de curtas metragens, nasceram o Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo, o Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro e o Festival Internacional de Curtas-Metragens de Belo Horizonte. No Nordeste, a partir de um importante movimento de regionalização dos festivais,

Despontam o Festival de Cinema de Natal (RN); o Cine Ceará, realizado em Fortaleza (CE); o Cine PE - Festival do Audiovisual, em Recife (PE), e o Festival de Vídeo de Teresina (PI). Estes eventos reafirmam a importância da região Nordeste no circuito brasileiro de festivais e atuam decisivamente na sua expansão pelo país. (LEAL, MATTOS, 2008, p. 15)

Destacam-se também iniciativas fora dos grandes centros, dentro do movimento de interiorização dos festivais de cinema. Como exemplo, tem-se a Mostra de Cinema de Tiradentes e a Mostra Londrina de Cinema. Além do surgimento dos chamados festivais temáticos, como o Anima Mundi (festival de animação), o Festival É Tudo Verdade, cujo foco é o documentário, o Mix Brasil - Festival da Diversidade Sexual e o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental.

### 3.2. Festival enquanto vitrine

Toda essa proliferação de festivais de cinema no Brasil é, segundo Tetê Mattos (2018), um fenômeno que acompanha um movimento de caráter internacional. Para ela, aos festivais são atribuídos

Uma forte importância na contemporaneidade devido à repercussão que estes eventos exercem no imaginário das sociedades. No caso do Brasil, atribuímos a esta proliferação de eventos alguns fatores, tais como: os festivais ocupando lacunas de exibição devido ao pequeno parque exibidor do país, o aumento da produção de conteúdos audiovisuais gerado pelo acesso às tecnologias digitais, os festivais como um setor de visibilidade midiática e de forte atrativo para os patrocinadores, entre outros. (MATTOS, 2018, p. 16)

De acordo com a Agência Nacional do Cinema (Ancine), a realização de festivais e mostras de cinema é uma das maiores vitrines da produção audiovisual brasileira independente. São estes eventos que acabam por se tornar importantes meios de divulgação no ambiente presencial, além de ser uma porta para novos cineastas se lançarem nesse mercado e exibirem seus trabalhos.

Para o Fórum Nacional dos Organizadores de Eventos Audiovisuais Brasileiros, os festivais audiovisuais brasileiros

possuem forte atuação cultural, social e econômica, estimulando a formação de plateias, garantindo espaço para os filmes brasileiros, atuando no intercâmbio com a cinematografia internacional, promovendo o acesso à população às telas e gerando emprego e renda em todas as comunidades onde atua. Os festivais são uma vitrine natural, eficiente e permanente para a difusão do produto audiovisual brasileiro: filmes de curta, média e longas-metragens, documentários, animações, ficções, experimentais, vídeos, internet, obras seriadas e outros suportes (...) além disso, os festivais representam também um espaço de reflexão e organização da classe audiovisual. Diversos eventos abrigaram encontros que servem para o fortalecimento das entidades que atuam na condução das lutas do setor. (FÓRUM DOS FESTIVAIS, 2014, on-line)

No âmbito da produção cinematográfica em si, é comum preservar uma nova obra para grandes momentos de lançamentos, evitando-se exibições que não estejam programadas dentro de uma estratégia de mercado mais ampla. No que se refere ao curta-metragem, o ineditismo é preservado em função da exigência da maioria dos festivais de cinema e ainda uma das poucas possibilidades de auferir algum rendimento em função das disputadas premiações. (ARAÚJO, 2020).

Mas o papel de um festival de cinema vai além de apenas promover as produções existentes ou em lançamento. Do ponto de vista social, o cinema pode ser levado a lugares distantes dos grandes centros urbanos, disseminando a arte cinematográfica em todo território e democratizando o acesso a essa linguagem artística, despertando nos espectadores o interesse pelo cinema enquanto bem cultural.

Partindo da hipótese de que há uma relação de retroalimentação entre cinema e sociedade, podemos identificar que para que haja a manutenção e perpetuação das atividades culturais em um determinado local, faz-se necessária a compreensão, identificação e valorização das mesmas, por parte da sociedade local e dos próprios integrantes da cadeia de produção audiovisual (FECHINE, BARBOSA, 2016, p. 01).

Além disso, os festivais têm uma função notável no segmento do turismo cinematográfico, principalmente os de maiores proporções que possuem grande divulgação na mídia em geral, atraindo pessoas de vários lugares pelos mais diversos motivos, seja por curiosidade, participação direta nas diversas atividades ou, simplesmente, para assistir aos filmes. Com isso, amplia-se a demanda por serviços locais, provocando um impacto cultural e econômico positivo na região (ARAÚJO et al., 2018). É uma atmosfera que permite um festival de cinema ser muito mais do que apenas um espaço de exibição de obras fílmicas.

### **3.3. Festivais de cinema na contemporaneidade**

Como já referenciamos, o contexto histórico dos festivais de cinema no Brasil mostrou que este segmento tem crescido desde o final do século passado. A partir dos anos 2000, inicia-se um processo de transformação que afeta diretamente o setor. Impulsionada pela chegada da Era Digital, essa mudança tecnológica favorece novos modelos de expansão e democratização tanto do olhar da produção quanto das possibilidades de exibição, principalmente com o advento das plataformas virtuais, que aceleraram o estreitamento das relações entre realizadores e produtores de eventos cinematográficos.

Neste contexto, para Cirino e Canuto (2021), a potencialidade da Internet “agregadora e distributiva, consolidou-se como terreno fértil no abrigo de um circuito independente, servindo de porta de entrada e janela de divulgação e efetivação de festivais e mostras circunscritos no Brasil inteiro”. Os autores ainda afirmam, sobre esse processo de mudança tecnológica,

Primeiro, facilitando alcance de parte de produções deslocadas do eixo produtivo central, permitindo uma circulação mais heterogênea da cinematografia brasileira, e em segundo ponto, modificando o cenário dos próprios festivais, que se multiplicam em quantidade e diversidade temática, abarcando uma heterogeneidade produtiva em espaços de nicho regionalizados e experimentais. O próprio espaço de exibição é redimensionado, e a sala de cinema divide a vitrine com outros espaços físicos (praças, parques, teatros, salões comunitários etc.) e virtuais (portais, redes sociais, canais de streaming etc.). (CIRINO, CANUTO, 2021, p. 275)

Marcelo Ikeda (2021), que em suas pesquisas busca investigar características e origens do movimento de renovação no cinema brasileiro a partir dos anos 2000, entende que estes festivais são consequências de uma busca por novos espaços, independentes, plurais e cada vez mais conectados com seus públicos, atrelada à inquietude de uma nova geração de cineastas, realizadores, produtores, que não mais encontravam nos modelos tradicionais de seleção oportunidades de exibirem suas obras. Para Ikeda,

Os jovens realizadores que começavam a realizar seus primeiros filmes no início dos anos 2000, sob o impacto das tecnologias digitais, não se sentiam reconhecidos pelo cenário dos festivais de cinema brasileiro então existentes. Os novos modos de produção estimulavam o crescimento da produção cinematográfica no período, mas esses filmes não conseguiam ser escoados, sejam em salas de cinema sejam nos festivais de cinema existentes. Houve, então, um movimento progressivo de surgimento de outros festivais de cinema que passaram a conferir visibilidade para a nova geração de realizadores. O movimento começou com dois festivais precursores, a Mostra do Filme Livre (Rio de Janeiro) e o Cine Esquema Novo (Rio Grande do Sul). Com o tempo, os festivais foram amadurecendo e adotando uma conformação em rede, formando um circuito alternativo aos padrões dos grandes festivais brasileiros, com a marcante presença da Mostra de Tiradentes (Minas Gerais) e da Semana dos Realizadores (Rio de Janeiro), entre outros eventos. (IKEDA, 2021, p. 101)

O resultado de uma convergência entre transformações tecnológicas, crítica especializada e novos modos de produção e difusão favoreceu para um aumento exponencial de obras digitais, provocando diretamente um impacto nas realizações dos festivais de cinema no país. Conforme Ikeda analisa em seu artigo “O papel dos novos festivais de cinema no amadurecimento do cinema de garagem brasileiro nos anos 2000”,

Um dos pilares centrais para conferir legitimação aos novos filmes produzidos pela geração do “cinema de garagem” brasileiro foi justamente a criação de um circuito de festivais de cinema que se abriram aos valores do cinema contemporâneo e suas “estéticas de fluxo”. Esses festivais despontaram como um ponto de encontro, em que realizadores, críticos e curadores se aproximaram como formadores de opinião de que havia algo de novo no cinema brasileiro a partir de meados dos anos 2000, fundando um discurso de que estava em curso um processo de renovação no cinema brasileiro do período. Essa rede de festivais funcionou como um epicentro para esse debate, fornecendo visibilidade para um conjunto de filmes e de realizadores até então ausentes

dos principais canais de legitimação do cinema brasileiro do período. Dessa forma, esses filmes puderam ser vistos num contexto que facilitava sua reverberação. (IKEDA, 2021, p. 120)

A partir de toda essa diversidade e heterogeneidade dos festivais de cinema que, segundo Tetê Mattos (2013), é um segmento que vem apresentando um crescimento de 20% ao ano, em número de eventos realizados, a pesquisadora realizou um trabalho de categorização de festivais, buscando uma melhor compreensão e sistematização do setor. Organizando-os por perfis, objetivos, porte, organização, formas de financiamento e por programação, a pesquisadora propõe quatro categorias para classificar os eventos cinematográficos mapeados.

Mattos, no entanto, procurou, sob o olhar da pluralidade do segmento, não generalizar na categorização dos festivais, buscando estabelecer alguns aspectos identitários dos diferentes perfis dos eventos. Chegou-se então à seguinte proposição de categorias: Festivais de Estética, na qual se observa uma preferência na exibição de produções em que “a experiência artística se dá mais em torno da forma do que sobre a função da obra”; Festivais de Política, onde o foco são “questões que tratam do âmbito público, de uma coletividade, e focado em questões relacionadas a uma determinada militância, como questão feminina, questão étnica, questão ligada à sexualidade ou à classe social”; Festivais de Mercado, concentram-se no olhar mais comercial, “com a satisfação do público interessado, tratado de certa forma como clientes/espectadores”; e a categoria Festivais de Região, que “apresentam uma produção mais diversificada e uma tendência que procura privilegiar a produção local”. (MATTOS, 2013, p. 123).

Esse ordenamento na classificação dos festivais de cinema no Brasil é importante para termos um perfil cada vez mais fiel do segmento. Como já abordamos anteriormente, Tetê Mattos também contribuiu nesta seara ao participar da elaboração dos Painéis Setoriais dos Festivais em 2008 e em sua continuação, no ano de 2011. Nessa perspectiva de pesquisas com diagnósticos, é importante citar ainda os trabalhos realizados por Paulo Vitor Luz Corrêa, que vão nos subsidiar na discussão seguinte, sobre festivais regionais. O pesquisador se propõe a traçar um panorama dos festivais e mostras audiovisuais brasileiros, e desde 2016 produz anuários com todos os dados consolidados, a partir de indicadores mensuráveis. Em 2017, publicou “Festivais de cinema e a Internet: uma breve análise por meio dos formatos de submissão de filmes”; em 2018, “Os festivais audiovisuais em 2017: geografia e virtualização”, com sua atualização em 2019 e 2020; nos anos de 2021, lançou o “Panorama

dos Festivais e Mostras Audiovisuais Brasileiros”, já com um balanço das informações apresentadas pela pandemia da Covid-19 no setor cinematográfico.

Para o nosso estudo, tomaremos como referência os dados de 2019, último ciclo de festivais sem os impactos sanitários, sociais, culturais e econômicos ocasionados pela Covid-19. A partir disso, o autor traz números interessantes e relevantes para este trabalho. Segundo Corrêa (2020), foram realizados no Brasil 351 festivais e mostras audiovisuais em 2019, um número menor se comparado aos anos anteriores – 2018 foram 363 e em 2017, 359 eventos produzidos.

88% dos festivais realizados em 2019 foram de edições continuadas, enquanto 12% foram de eventos estreantes. “São Paulo manteve-se como o estado com a maior quantidade, enquanto Rio de Janeiro e Distrito Federal dobraram suas quantidades” (CORRÊA, 2020, p. 25). Isso mostra a força que o Sudeste ainda detém no segmento, e o quanto os maiores eventos midiáticos estão concentrados nos grandes centros urbanos.

A Região Sudeste ultrapassou a marca de 150 eventos, representando 43% de toda a composição nacional, quase 10 eventos a mais do que em 2018. A Nordeste encerrou o ano com quase 80 eventos e 23% de representação do cenário nacional, porém 10 a menos do que no ano passado. A Sul teve pouco mais de 50 festivais/mostras e 15% do circuito, enquanto a Centro-Oeste teve 36 eventos, configurando um crescimento mínimo e 10% do circuito. A Norte fechou 2019 com apenas 10 festivais/mostras, menos de 3% do cenário nacional e com 5 eventos a menos que em 2018 (CORRÊA, 2020, p. 25)

No recorte regional, o Nordeste representa uma parcela significativa na realização de festivais de cinema com um olhar que vai para além dos números. Os dados reafirmam Pernambuco como polo do cinema na região. Foram 20 no total, em 2019, seguido do Ceará, com 17 festivais, e a Bahia, com 16. Rio Grande do Norte realizou 08 eventos no setor, enquanto na Paraíba foram 05. Alagoas e Sergipe aparecem na pesquisa com 04 festivais cada, Maranhão com 03 e Piauí 02 (CORRÊA, 2020). A partir desses números, é importante detalharmos um pouco mais sobre o circuito de festivais de cinema no Nordeste, como base para chegarmos ao evento objeto de estudo desta pesquisa.

### **3.4. Festivais de cinema do Nordeste e de interior**

Já abordamos que a historiografia do cinema no Brasil teve sua base formada a partir da realização de um circuito de festivais promovido predominantemente nos grandes centros

urbanos, mais especificamente no eixo Rio-São Paulo. E por um tempo, não houve uma reflexão sobre a importância de se pensar a cinematografia que se apresenta fora desse eixo.

O Nordeste foi responsável por reverberar o processo de expansão e de descentralização da cadeia produtiva do cinema, quebrando um pouco o olhar estereotipado de ser uma região vista somente como cenário para locação de enredos e temas de filmes carregados da caricatura exótica, enquadrado pelo discurso da seca, da fome e da pobreza (RODRIGUES, 2015). Isso passa, inclusive, pelo próprio processo de reconfiguração cartográfica do Nordeste enquanto região brasileira, durante o século XX. O Nordeste não era somente uma região geográfica, mas também um polo de produção cultural carregado de uma identidade marcante.

Para a pesquisadora alagoana Maysa Santos Silva (2020), a visão imaginária tradicionalista do que foi inventado sobre o Nordeste ao longo do século XX não se aplica mais para quem promove o cinema nordestino para o nordestino.

O cinema do Nordeste está em ascensão. Este destaque não é novo nem pioneiro, já aconteceu em outros momentos da história do cinema brasileiro. Mas desta vez, tem um ponto de partida diferente. Agora, os cineastas nordestinos adquiriram mais credibilidade e a possibilidade de realizar suas narrativas, e com isso falar de um Nordeste próprio, além de abordar questões que nos são caras, como pessoas que lidamos com o ser nordestino diante de um Brasil gigante em sua diversidade. Os clichês não nos cabem mais. O olhar estrangeiro (que pode ser de um sudestino) também não. Queremos e podemos fazer nossos filmes. Esta diferença de onde o olhar para as nossas vivências está sendo proposto muda a perspectiva. (SILVA, 2020, p. 130)

Ainda de acordo com Silva, o Nordeste passou a se destacar no cenário nacional a partir de três pilares: “a autonomia criativa, a realização autoral e uma consistência de mercado do audiovisual, que foi constituída perante as políticas públicas fomentadas pelos governos federal e estadual, reafirmando que o Nordeste e suas vivências dão muito certo no cinema” (SILVA, 2020, p. 24).

Em 2019, a região nordestina realizou 79 festivais de cinema, dando continuidade aos eventos existentes nos estados com maiores expressões dentro do audiovisual (Pernambuco, Ceará e Bahia) e apontando a consolidação do segmento em todo o Nordeste, uma vez que todos os estados tiveram ao menos um evento, festival ou mostra.

O Nordeste também se destaca por promover festivais já consolidados no calendário nacional. É o caso do Festival Guarnicê de Cinema, no Maranhão, que em 2019 chegou a sua edição de número 42 – sendo inclusive um dos mais antigos festivais do país; o Cine PE, com 23 edições; o Festival de Curtas de Pernambuco, com 21 edições; o Festival de Cinema



Universitário – NOIA, do Ceará, que tem 18 edições; e o Panorama Internacional Coisa de Cinema, que ocorre na Bahia e chegou a sua 15ª edição, em 2019.

O levantamento cartográfico feito por Paulo Vitor Luz Corrêa (2020) revelou que, dos 79 eventos já citados acima, 40 festivais de cinema foram promovidos nas capitais nordestinas e 34 em cidades do interior, em 2019, conforme Tabela 01 abaixo:

**Tabela 01 – Festivais de cinema realizados no Nordeste**

Estado	Total realizados	Realizados na capital	Realizados no interior
Alagoas	04	01	03
Bahia	16	06	10
Ceará	17	11	06
Maranhão	03	02	01
Paraíba	05	01	04
Pernambuco	20	09	11
Piauí	02	01	01
R. G. do Norte	08	05	03
Sergipe	04	02	02
<b>Nordeste</b>	<b>79</b>	<b>38</b>	<b>41</b>

Fonte: Elaboração do autor, com base em informações publicadas no Panorama dos Festivais e Mostras Audiovisuais em 2019 – Geografia e Virtualização (CORRÊA, 2020)

É importante destacar o quantitativo de eventos produzidos em cidades do interior nordestino. O trabalho que surge a partir dessas localidades é um movimento que perpassa pela reflexão acerca do papel dos festivais, que gera a possibilidade de formação de novos públicos, novas plateias, fora das capitais e dos grandes centros urbanos. Segundo Araújo et al. (2018, p. 55-56), isto ajuda a disseminar o audiovisual, democratizando o seu acesso e promovendo a produção cultural dessa linguagem artística, “aguçando a curiosidade e fazendo com que os espectadores se interessem pela atividade e deixem de lado a imagem de que cinema é um bem e uma cultura para poucos”.

Festival de cinema de interior é, antes de tudo, um movimento de descentralização, contra hegemônico, cuja importância passa pela valorização da identidade local, a partir de seu território, seu espaço, seu povo e suas culturas.

Quem já participou de algum festival de cinema sabe: não se trata apenas de conferir os filmes em primeira mão. Aliás, o privilégio não é exatamente (apenas) dessa ordem. O ganho maior do frequentador está diretamente ligado às trocas durante os dias da

programação. Para além dos filmes, a interação, a comunicação, os diálogos, as atividades formativas, os conhecimentos adquiridos em conversas reveladoras entre as sessões. No café da manhã, no almoço, no jantar, nas festas que embalam os fins de noite, em todas as ocasiões há a celebração do cinema, dessa arte que nos unifica. Agora, pense na importância que um festival tem para uma cidade interiorana, onde é escasso o acesso aos filmes e às demais lógicas pertinentes ao cinema. Morar longe das metrópoles é ter dificuldade de assistir a determinadas produções, isso quando na cidade ainda existe alguma sala de exibição (MULLER, 2022, on-line)

Toda essa relação favorece a um movimento de rede afetiva composta por festivais de interior nordestino, impulsionada pela nova safra de realizadores e produtores regionais. Para Ikeda (2021, p. 358), “a ampla difusão das tecnologias digitais permitiu o maior acesso a equipamentos de imagem e som, além de criar facilitadores para o processo de pós-produção das obras”.

Dessa forma, o aumento da produção audiovisual regional, como já vimos, causa impacto diretamente no crescimento e desenvolvimento dos festivais de cinema fora das capitais. Atrelado a outros fatores, podemos destacar o Cine Congo (Congo/PB), o Cine Paraíso (Juripiranga/PB), o Cine Açude Grande (Cajazeiras/PB), o Curta Coremas (Coremas/PB), a Mostra de Cinema de Sumé (Sumé/PB), o Curta Caicó (Caicó/RN), o Festival de Cinema de Triunfo (Triunfo/PE), a Mostra Pajeú de Cinema (Afogados da Ingazeira/PE), a Mostra Canavial de Cinema (Goiana/PE), o Festival de Cinema de Caruaru (Caruaru/PE) e o Curta Taquary que, inclusive, tem fortes características e semelhanças com o Circuito Penedo de Cinema, objeto do nosso estudo de caso.

Consolidado por sua longevidade e alcance, tornando-se, em mais de dez edições, uma referência por sua visão estratégica como ação de interiorização (Ikeda, 2021), o Curta Taquary – Festival Internacional de Curta-metragem é um evento cultural realizado em Taquaritinga do Norte, na região agreste do estado de Pernambuco. A cidade, que fica a 164km da capital Recife, tem uma população de 29.127 habitantes (IBGE, 2020). A primeira edição do festival ocorreu em 2005, feita com recursos próprios, como resposta à necessidade de oferecer uma janela para a produção audiovisual local. A partir do ano seguinte, o evento passou a contar com patrocínios públicos, a exemplo do Governo do Estado, por meio da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – Fundarpe.

Ao longo das doze edições realizadas no formato presencial, o Curta Taquary exibiu mais de 1.600 filmes para um público superior a 70 mil pessoas, tornando-se um importante espaço para a difusão da produção audiovisual do Brasil e da América Latina (CURTA TAQUARY, 2020). Além de mostras competitivas e filmes convidados, o evento também

promove ações para a comunidade, por meio de oficinas em escolas, sessões itinerantes e incentivo à economia criativa local, através de atividades sociais de cultura, educação e cidadania.

Além de proporcionar todos esses acessos, o evento tem a consciência de seu papel formativo e de como este pode auxiliar em um processo pedagógico de crianças e adolescentes, aproximando-os do cinema e suas linguagens (MULLER, 2022). Para Ikeda (2021), o Curta Taquary faz parte de uma expressiva rede afetiva com o olhar voltado para o estreitamento dos laços e do fortalecimento da cadeia produtiva do cinema no interior do Nordeste, de forma conectada com o restante do país, exalando identidade cultural, senso de pertencimento e envolvimento com seus públicos locais.

Neste cenário, a partir desta breve análise que percorremos pelos festivais de cinema de interior nordestino, enfatizamos que o Circuito Penedo de Cinema se torna um relevante estudo de caso, perpassando pela discussão conceitual de identidade cultural aplicada na investigação que se dará sobre a importância da comunicação na gestão de um festival de cinema de interior, a potencialidade de suas estratégias como elementos criativos para aproximar públicos, gerar senso de pertencimento e movimentar a comunidade local, promovendo o audiovisual de forma democrática e acessível.

## **4. METODOLOGIA DA PESQUISA APLICADA**

Neste capítulo, apresentaremos o caminho metodológico percorrido para o desenvolvimento desta pesquisa, a partir dos instrumentos de recolha de dados e levantamento de informações, além da análise dos materiais coletados, por meio dos procedimentos adotados que iremos descrever a seguir. Para tal, este trabalho adotou o uso do estudo de caso, do levantamento bibliográfico, da análise documental e de conteúdo, da observação participante e da aplicação de entrevistas qualitativas, como métodos de investigação.

### **4.1. Estudo de caso como método de base**

O estudo de caso é utilizado como base de toda o processo de análise desta pesquisa e, segundo Yin (2001),

É apenas uma das muitas maneiras de se fazer pesquisa (...) experimentos, levantamentos, pesquisas históricas e análise de informações em arquivos (como em estudos de economia) são alguns exemplos de outras maneiras de se realizar pesquisa. Cada estratégia apresenta vantagens e desvantagens próprias, dependendo basicamente de três condições: a) o tipo de questão da pesquisa; b) o controle que o pesquisador possui sobre os eventos comportamentais efetivos; c) o foco em fenômenos históricos, em oposição a fenômenos contemporâneos. Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. Pode-se complementar esses estudos de casos "explanatórios" com dois outros tipos - estudos "exploratórios" e "descritivos". Independentemente do tipo de estudo de caso, os pesquisadores devem ter muito cuidado ao projetar e realizar estudos de casos a fim de superar as tradicionais críticas que se faz ao método (YIN, 2001, p. 19)

Neste sentido, elegemos o uso do estudo de caso tendo em vista a nossa vivência com o Circuito Penedo de Cinema, onde poderíamos compreender e analisar melhor a comunicação do evento enquanto ferramenta de relacionamento cultural com a comunidade local da cidade de Penedo, na sua totalidade e singularidade, além de que seria a metodologia mais indicada para uma investigação individual com fins de contribuição acadêmica, social e cultural. Além de que, como já vimos na introdução deste trabalho, Penedo dialoga com festivais de cinema desde as décadas de 1970 e 1980, enquanto cidade realizadora de Festival do Cinema Brasileiro de Penedo, evento que gerava grande movimentação na região na época. Para parte da população, o Circuito Penedo de Cinema também atua como resgate de uma memória afetiva que traz a tona um sentimento de identidade e territorialidade, elementos que norteiam a

presença e a importância de festivais de cinema do interior, em particular, do Nordeste brasileiro.

A pesquisa assume um caráter interdisciplinar na medida em que áreas correlatas à comunicação são consideradas, demonstrando diálogo com conhecimento produzido nos demais campos. E corrobora com a tese de Tetê Mattos (2018), que afirma a interdisciplinaridade deste estudo como algo que

Não poderia ser diferente, pois transita em campos que por si só já são de natureza interdisciplinar – a comunicação e a produção cultural. Os recentes estudos sobre festivais de cinema também atravessam diversas abordagens situando os estudos sobre festivais de cinema dentro de quadros teóricos sobre teoria de redes, historiografia do cinema, desenvolvimento urbano, estudos culturais, semiologia, antropologia, sociologia, turismo, entre outros. (MATTOS, 2018, p. 25)

O objeto desse estudo – a comunicação de festivais de cinema e seu papel na relação de identificação cultural entre evento e comunidade local – desperta o interesse pela pouca produção acadêmica encontrada no Brasil, como já mencionamos e, principalmente, com este recorte direcionado para o segmento de festivais de cinema com atuação em cidades do interior.

A pesquisa teve como norte a edição de 2019, por se tratar da necessidade em se analisar um evento integralmente presencial – com reflexões apontadas nas edições do evento realizadas no período pandêmico (2020-2021) e que destacaremos mais a frente – ancorado na linha de pensamento de Tetê Mattos.

As ocorrências acidentais fixam o tempo do festival como um evento que não se repete. E para que ele se mantenha como um evento único – com uma experiência compartilhada/coletiva de estar num lugar e ao mesmo tempo –, ele necessita de momentos de perturbação, de ruptura de sua estrutura ordenada. Assim, os desfiles no tapete vermelho, os discursos nas cerimônias de premiação e encerramento, os debates e entrevistas possuem um elemento de efeito surpresa que evidenciam os festivais como portadores de singularidades que não podem ser repetidas. A contingência, então, atesta o evento como uma experiência compartilhada, uma experiência coletiva que estar num local e num determinado tempo. (MATTOS, 2019, on-line)

Fundamenta-se ainda que, na edição de 2019, o Circuito Penedo de Cinema se utilizou de estratégias de rememoração de experiências e lembranças que a cidade tem com os antigos festivais de cinema ocorridos na década de 1980, com o propósito de gerar maior participação e protagonismo da comunidade local no processo de construção do próprio evento.

## 4.2. Percurso metodológico da investigação

Segundo Maria Cecília de Souza Minayo (2009, p. 14), a metodologia inclui concomitantemente “a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade)”. Por se tratar de um estudo de caso, a pesquisa possui natureza exploratória, bibliográfica e documental, de caráter qualitativo.

De acordo com Ida Regina Stumpf (2012), a pesquisa bibliográfica pode ser entendida como “o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa”, com o registro de todas as referências disponíveis para que, acrescidas das ponderações do redator final, “evidencie-se o entendimento do objeto ou pensamento em questão”. Stumpf acrescenta que esse tipo de pesquisa corresponde a “um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa” (2012, p. 51).

Desse modo, a primeira etapa do caminho metodológico percorrido neste trabalho se deu com a análise bibliográfica a partir de consultas em fontes primárias e secundárias, para o levantamento junto aos periódicos de maior destaque na comunidade científica em áreas específicas do conhecimento. Na perspectiva de Lakatos e Marconi (2010), a pesquisa ou revisão bibliográfica pode assumir o caráter de teórica ao analisar temáticas ainda não exploradas que proponham soluções ou contribuições novas para o campo do conhecimento em questão.

Observamos uma ainda limitada produção acadêmica com a temática de nossa pesquisa, a partir da realização de uma revisão sistemática da literatura, das áreas de comunicação, cultura e cinema, onde fizemos o cruzamento de leituras a fim de mapear aquelas que abordassem de forma integrada os conceitos investigados e as palavras chaves desta pesquisa: comunicação, festival de cinema, comunidade local, identidade cultural, Circuito Penedo de Cinema. Além de livros e artigos científicos, buscamos também trabalhos acadêmicos e demais publicações sistematizadas.

Consideramos satisfatória toda a busca e os resultados alcançados que foram suficientes para dar todo o embasamento teórico necessário para o desenvolvimento deste estudo, complementado com a utilização da pesquisa documental, com o resgate das demais publicações que pudessem retratar o tema deste trabalho. Sobre a pesquisa documental, Fonseca diz que:

Trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Foram coletados e analisados, de forma estratégica e fundamental junto à equipe de produção e de comunicação do Circuito Penedo de Cinema, todos os materiais de registro, relatórios, prestações de contas, material impresso, clipagens, planos de comunicação e de produção, além do acervo e memória fotográfica do evento e seu material visual disponível a partir de um resgate documental das onze edições realizadas até a conclusão desta pesquisa, entre 2011 e 2021, em especial a edição 2019.

A etapa seguinte da pesquisa ocorreu com a análise de conteúdo, método de investigação que é, segundo Bardin (2011),

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p. 47)

Todo o conteúdo de comunicação foi analisado a partir das ferramentas e estratégias adotadas pelo evento e disponíveis para consulta durante esta pesquisa, entre material impresso, plataformas digitais, redes sociais, peças de promoção e relacionamento com a imprensa. Buscou-se tal levantamento no site oficial, aplicativo, Instagram, Facebook, material de divulgação na mídia, além de podcasts, entrevistas e matérias de veiculação em rádios online. Ainda de acordo com Bardin (2011), o tratamento do material bruto, da interpretação dos dados e do levantamento de hipóteses são procedimentos fundamentais da análise de conteúdo.

Por conseguinte, outro método adotado na investigação deste trabalho foi a aplicação da observação participante, por considerar importante e estratégico o nosso envolvimento direto como membro da comissão organizadora do Circuito Penedo de Cinema, em nove das onze edições já realizadas até o fim desta pesquisa.

Sobre observação participante, Yin (2001) afirma que:

É uma modalidade especial de observação na qual você não é apenas um observador

passivo. Em vez disso, você pode assumir uma variedade de funções dentro de um estudo de caso e pode, de fato, participar dos eventos que estão sendo estudados (...) A observação participante fornece certas oportunidades incomuns para a coleta de dados em um estudo de caso (...) a oportunidade mais interessante relaciona-se com a sua habilidade de conseguir permissão para participar de eventos ou de grupos que são, de outro modo, inacessíveis à investigação científica. Em outras palavras, para alguns tópicos de pesquisa, pode não haver outro modo de coletar evidências a não ser através da observação participante. Outra oportunidade muito interessante é a capacidade de perceber a realidade do ponto de vista de alguém de "dentro" do estudo de caso, e não de um ponto de vista externo. Muitas pessoas argumentam que essa perspectiva é de valor inestimável quando se produz um retrato "acurado" do fenômeno do estudo de caso (YIN, 2001, p. 116-118)

Por meio da observação participante, pudemos analisar com um olhar mais próximo os comportamentos espontâneos dos organizadores do evento e ter uma percepção mais sensível do ambiente interno da produção do Circuito Penedo de Cinema, nas duas edições que ocorreram durante o desenvolvimento desta pesquisa, em novembro de 2020 e 2021, respectivamente.

Ressaltamos a importância desta observação participante a partir da nossa vivência e memória construída por meio do nosso envolvimento direto enquanto produção cultural do evento a realização da sua terceira edição, em 2013, quando ainda se chamava Festival de Cinema Universitário de Alagoas. Até o fechamento deste trabalho, foram nove edições em que estivemos integrados aos processos de planejamento, produção e execução. Neste contexto, o acúmulo de experiência nos permite lembrar lembranças, inclusive, da edição 2019 com certo nível de detalhismo, mesmo que ainda, à época, não tínhamos um olhar de pesquisador. Contudo, foi possível uma observação empírica sobre alguns impactos que o festival de cinema tinha sobre a cidade de Penedo.

Por fim, foram realizadas entrevistas de natureza qualitativa e subjetiva como processo de fechamento de todo o percurso investigativo escolhido por este trabalho. Foi necessária, nesta etapa, a submissão da pesquisa – e seus respectivos questionários – para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), vinculado à Plataforma Brasil, que é

(...) uma base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos para todo o sistema CEP/Conep. Ela permite que as pesquisas sejam acompanhadas em seus diferentes estágios - desde sua submissão até a aprovação final pelo CEP e pela Conep, quando necessário - possibilitando inclusive o acompanhamento da fase de campo, o envio de relatórios parciais e dos relatórios finais das pesquisas (quando concluídas). O sistema permite, ainda, a apresentação de documentos também em meio digital, propiciando ainda à sociedade o acesso aos dados públicos de todas as pesquisas aprovadas. Pela Internet é possível a todos os envolvidos o acesso, por meio de um ambiente compartilhado, às informações em conjunto, diminuindo de forma



significativa o tempo de trâmite dos projetos em todo o sistema CEP/CONEP (Plataforma Brasil, 2022, on-line)

Os questionários foram aplicados com moradores locais escolhidos de forma aleatória, com comerciantes e empreendedores locais, além de alguns integrantes das equipes organizadoras envolvidas. Sobre o método da entrevista, Teresa Haguette (2005), afirma que ela pode ser

Definida como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado. As informações obtidas através de um roteiro de entrevista constando de uma lista de pontos ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com a problemática central e que deve ser seguida (HAGUETTE, 2005, p. 86).

Foram desenvolvidas entrevistas semiestruturadas, por meio de um roteiro básico combinando perguntas abertas e fechadas, no intuito de facilitar a coleta de dados, dar celeridade e praticidade ao processo, sem que haja perda na qualidade da pesquisa.

Dois questionários foram aplicados entre os dias 22 e 28 de novembro de 2021, durante a realização da décima primeira edição do evento. Foram entrevistadas, na condição de comunidade local, 121 (cento e vinte e uma) pessoas, sendo abordadas apenas residentes na cidade de Penedo, como única condição para estar apto a responder às perguntas. O segundo questionário foi aplicado em 18 (dezoito) pessoas, na condição de empreendedor local, sem a necessidade de ser residente em Penedo.

Quanto às aplicações de entrevistas qualitativas e subjetivas, tornou-se importante a confirmação de autorização do uso das respostas, a partir dos envolvidos, nas publicações e resultados previstos, ao final da pesquisa. Assegurar o direito de não expor a figura dos entrevistados, sem o devido consentimento, foi uma preocupação que se seguiu como protocolo em todas as etapas.

Após a conclusão de todos os levantamentos, foi feita a sistematização dos dados coletados, para fins de análise e mensuração de resultados, referenciados através da compilação qualitativa da pesquisa realizada.

## 5. ANÁLISE DO CIRCUITO PENEDO DE CINEMA

Para chegarmos à análise aprofundada sobre o festival de cinema objeto do nosso estudo de caso, faz-se necessário discursar brevemente sobre a história do cinema alagoano e que dialoga diretamente com o Festival do Cinema Brasileiro de Penedo, realizado entre as décadas de 1970 e 1980, e que serve de base inspiradora, de memória afetiva e de resgate cultural para o Circuito Penedo de Cinema, na contemporaneidade.

### 5.1. Breve historicidade do cinema em Alagoas

De acordo com as investigações do alagoano, professor, escritor e crítico de cinema, Elinaldo Barros, expostas em seu livro “Panorama do cinema alagoano” (2010), o primeiro contato que o estado teve com a cinematografia foi em 1895, quando a capital alagoana Maceió recebeu a vista do Kinetoscópio, aparato tecnológico criado por Thomas Alva Edison – o mesmo que inventou a lâmpada elétrica – sendo este um aparelho que permitia a visualização de imagens em movimento a partir de fotos ou desenhos projetados dentro de uma caixa, a partir do comando de uma manivela. Em suas pesquisas, Barros (2010, p. 17-18) elenca que “se este foi o primeiro fato a atrair os indivíduos da província, outros tantos ocorreram: posteriormente, como o Motoscópio, a 7 de julho de 1897; o Bioscópio, em 1902, no Teatro Maceioense; o Projectoscópio, no ano de 1907, no Teatro Jaraguá”.

Contudo, o marco inaugural do cinema em Alagoas se dá a partir da primeira sessão pública realizada em um casarão localizado na Praça dos Martírios, região central de Maceió, em 1908, onde funcionava o Teatro Maceioense e que depois passou a se chamar Cine-Teatro Delícia, com o advento da cinematografia no estado.

Assim, o cinema foi se afirmando, em Maceió, com o surgimento de outras casas de exibição: o cinema Helvética, na Rua do Comércio; o Cine-Teatro Floriano, em 1913, que depois recebeu mais dois nomes: Capitólio e São Luiz; o Odeon, que surgiu em 1915; e, quatro anos depois, o Moderno. De acordo com o professor Diegues, o cinema sonoro (surgido nos Estados Unidos, em outubro de 1927, com o filme *O Cantor de Jazz*) chegou a Maceió em 1929, quando o cine Floriano exibiu o filme *Broadway Melody*, com Charles King, Anita Page e Bessie Love. Para José Maria Tenório Rocha, a primeira experiência sonora nos cinemas de Maceió aconteceu em 1930, com o filme *Follies 1929*, no mesmo Cine Floriano. (BARROS, 2010, p. 18)

Em 1919, o italiano Guilherme Rogato chegou em Maceió e tornou-se o pioneiro a realizar e rodar um filme seu em solo alagoano. Trazendo máquinas de cinema, produziu dois

curtas-metragens sobre o Carnaval de rua de 1921 e a inauguração de uma ponte de cimento, no município de Quebrangulo. Como consequência, Rogato se destacou e se tornou referência nos jornais e na sociedade alagoana.

Ligado ao movimento do cinema pernambucano, em novembro de 1930, chegou em Alagoas o cinegrafista Edson Chagas, trazendo experiências de trabalhos consagrados no Ciclo do Recife<sup>3</sup> e também na região sudeste. Sua presença em terras alagoanas foi importante por seu envolvimento em se juntar a outras pessoas à época na criação da Alagoas Films, empresa que contou com as presenças de Aurélio Buarque de Holanda, Guedes de Miranda, Manuel Diegues Jr., Jaime Altavila e José Lins do Rego (BARROS, 2010).

Juntamente com Ernani Rocha Passos, Chagas escreveu, em 1931, o roteiro que é considerado o do primeiro longa-metragem alagoano: *Um Bravo do Nordeste*. Filmado no município de União dos Palmares, a história falava de um caso de amor e roubo no sertão.

Para a pesquisadora alagoana Maysa Santos da Silva (2020), depois dessa época inicial, “novos registros sobre o cinema de Alagoas só foram encontrados a partir dos anos 1960, quando a empresa de José Wanderlei Lopes, Caeté Filmes do Brasil, fazia filmes dos acontecimentos políticos”. A autora afirma ainda que “não houve pesquisas que se debruçaram sobre a investigação desse período da cinematografia alagoana, entre a década de 1930 a 1960” (SILVA, 2020, p. 48).

Contudo, a partir da década de 1960, começou a surgir a cultura do cineclube em Alagoas, como um movimento de expansão da cinematografia no estado, ao tempo em que ocorreu a chegada das câmeras em Super-8, cujo custo-benefício e a praticidade eram especificidades que tornavam o acesso à área cinematográfica relativamente mais democrático. Sobre isso, Silva (2020) afirma que:

A história nos diz que a partir do desenvolvimento técnico e material do cinema, novas possibilidades são abertas aos cineastas. Na década de 1970, a novidade eram as câmeras em Super-8. Se comparadas às de 16mm e 35mm, são equipamentos mais baratos, leves e amadores e que possibilitaram experimentações visuais por todo o Brasil, inclusive em Alagoas. Com isso, ciclos de produção superoitista surgiram nos anos 1970 e 1980 (SILVA, 2020, p. 59)

---

<sup>3</sup> O Ciclo do Recife foi um dos mais importantes períodos produtivos do cinema brasileiro, entre os anos de 1923 e 1931. Com uma produção de treze longas-metragens, o grupo formado por Edson Chagas, Gentil Roiz, Jota Soares e Ary Severo, entre outros, conseguiu imprimir um dos mais produtivos ciclos regionais no Brasil (Cinemateca Pernambucana, 2018, on-line).

É neste cenário de aquecimento do cinema em Alagoas que surge o Festival do Cinema Brasileiro de Penedo e que teve oito edições durante os anos de 1975 até 1982, com fundamental papel para a difusão e a promoção do audiovisual brasileiro à época. Cidade banhada pelo Rio São Francisco, com destaque para sua rica arquitetura inspirada no barroco e seus casarões que carregam histórias do Brasil colônia, Penedo sediou o primeiro festival de cinema de Alagoas, tendo sido considerado um dos maiores no âmbito nacional de sua época.

Grandes nomes de destaque do cinema nacional passaram por Penedo apresentando, divulgando e promovendo seus filmes, como Nelson Pereira dos Santos, Antônio Fagundes, Bruna Lombardi, Bruno Barreto, Cacá Diegues, Glória Menezes, Vera Fischer, Silvio Beck (Silva, 2020). Os festivais realizados em Penedo também foram importantes para a produção alagoana, revelando ainda nomes como Mário Jorge Feijó, Otávio Casado, José Márcio Passos e Celso Brandão.

Após oito edições de destaque local, regional e nacional, o Festival de Cinema de Penedo teve em 1982 sua última realização, encerrando um período de desenvolvimento do cinema alagoano em paralelo com os eventos que vinham ocorrendo em nível nacional. Silva (2020, p. 49) discorre que no fim dos anos 1980, com o “declínio do setor audiovisual brasileiro devido ao governo de Fernando Collor e o fim do Ministério da Cultura e da Embrafilme, há uma queda na produção pulsante de Alagoas”. Segundo a pesquisadora,

Mais uma vez nos deparamos com a escassez de fontes e investigações sobre a história e as potencialidades desse fazer cinema e até mesmo diante da crise que afetou o cinema de maneira nacional. Então, até os anos 2000 foram escassos os registros de produções alagoanas. Devido à falta de investimentos em políticas públicas que fomentam a produção do audiovisual no Estado e com o fim do Festival de Penedo, nenhum mecanismo de promoção cinematográfica foi instaurado, gerando um período de quase inexistente produção e um atraso lamentável ao cinema de Alagoas (SILVA, 2020, p. 49-50)

Mesmo com esse declínio, a produção cinematográfica alagoana tentou resistir. Em 1988, em uma tentativa de ocupar um pouco da lacuna deixada pelo Festival de Cinema de Penedo, surgiu a iniciativa da Mostra de Filmes Alagoanos, promovida pela Secretaria de Cultura de Alagoas e pelo Teatro Lima Filho, com exhibições e reexibições de filmes alagoanos (BARROS, 2011, p.94).

Dez anos depois, em 1998, ocorreu a I Mostra de Vídeos Competitivos Alagoanos, uma parceria entre o Serviço Social do Comércio (Sesc), a produtora Queimando o Filme e a Associação de Videomakers de Alagoas. A partir daí, atrelado a resistência e insistência de uma

nova geração de realizadores locais, o incentivo de editais surgidos nos anos seguintes contribuiu para o cinema alagoano não estagnar totalmente.

A partir dos anos 2010, o cinema em Alagoas começa a se renovar por meio de várias iniciativas, principalmente no campo dos festivais e mostras, oriundo dos esforços de grupos, coletivos, instituições públicas e parceiros que fomentam e apoiam o segmento regional.

Com o objetivo de apresentar um panorama do cinema alagoano produzido até aquele ano e promover um espaço de celebração entre os realizadores, nasceu em 2009 a Mostra Sururu de Cinema Alagoano e que, até os dias atuais, vem se apresentando como um dos principais eventos de referência para o setor audiovisual do estado. Ocorrendo no Centro Cultural Arte Pajuçara (antigo Cine Sesi), em Maceió, o evento seleciona curtas na mostra competitiva e abre espaço para que o público conheça mais do trabalho dos realizadores e de seus processos criativos ao final de cada sessão (SANTOS, 2020, p. 39).

A Mostra Sururu passou a ser, também, uma importante vitrine para os curtas-metragens alagoanos e seus realizadores ganharem destaque, reverberando suas obras em outros festivais nacionais e internacionais.

Um outro espaço que passou a fazer parte do calendário de eventos do audiovisual em Alagoas foi a Mostra Sesc de Cinema, que é uma iniciativa nacional da instituição. Teve sua primeira edição realizada em 2017 e conta com etapas regionais em cada estado, onde são selecionados os filmes que compõem a programação de suas mostras, licenciados para serem exibidos no circuito nacional. Com sessões públicas e gratuitas, a mostra já é um dos espaços que têm fortalecido a cena e incentivado a produção audiovisual no estado.

Em Penedo, a cidade voltou a ser foco de eventos audiovisuais a partir da iniciativa da Universidade Federal de Alagoas, em parceria com outras instituições públicas e privadas. Surgiu, em 2011, o Festival de Cinema Universitário de Alagoas, com o objetivo de resgatar a tradição dos antigos festivais da cidade e de dar um novo movimento cultural à região, a partir deste seu histórico com o universo cinematográfico.

E em 2016, após cinco anos de trabalho na consolidação dessa retomada de festivais de cinema na cidade, o evento ganhou uma nova “roupagem”, transformando-se no Circuito Penedo de Cinema, cuja perspectiva foi de ser um grande projeto guarda-chuva unificando em uma só programação as atividades de cinco eventos temáticos: o Festival de Cinema Universitário de Alagoas, o Encontro de Cinema Alagoano, a Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental, a Mostra de Cinema Infantil e o Festival do Cinema Brasileiro, este último retomado

com o mesmo nome do festival das décadas de 70 e 80, como resgate e memória afetiva e cultural.

De fato, o Circuito Penedo de Cinema passou a ser um curioso estudo de caso a partir de uma análise iniciada e embasada pela discussão conceitual de identidade cultural e território que abordamos neste trabalho, e que agora passamos a considerar com mais propriedade, a partir da investigação realizada sobre a importância da comunicação na gestão de um festival de cinema de interior, toda a nossa hipótese de potencialidade que o evento tem para aproximar públicos, gerar senso de pertencimento e movimentar a comunidade local, promovendo o cinema de forma democrática e acessível.

## **5.2. Circuito Penedo de Cinema: linha temporal evolutiva**

Como já mencionamos, o surgimento do Circuito Penedo de Cinema se deu em 2011, com a realização da 1ª edição do Festival de Cinema Universitário de Alagoas, promovido pela Universidade Federal de Alagoas, através de um projeto de extensão coordenado pelo professor Sérgio Onofre. Contando com a parceria de outras instituições públicas e privadas, o evento teve como objetivo estimular o desenvolvimento do setor audiovisual em Alagoas, em especial do cinema nas instituições de educação, por meio de atividades de reflexões, estudos, produções e o cineclubismo com a participação de estudiosos, profissionais e demais interessados na área.

Sérgio Onofre – que coordena o evento até os dias atuais – sempre foi um entusiasta e pesquisador dos antigos festivais de cinema em Penedo. Historiador, mestre em Serviço Social e filho do dramaturgo, escritor, poeta, cineasta, músico, jornalista, advogado e ativista cultural Pedro Onofre (1936-2018), desenvolveu em 2009 o projeto cineclubista Cine Artpopular, uma ação cuja finalidade era exibir produções cinematográficas seguida de debates, em praças e ambientes de fácil acesso à população, organizada e conduzida por estudantes da unidade descentralizada da UFAL, na cidade de Penedo.

Com sessões abertas e gratuitas, a proposta do Cine Artpopular perpassava pelo resgate da importância do cinema para a região, extrapolando a dimensão do lazer e do entretenimento, transformando-se num espaço de discussão e produção do saber, incentivando a formação de público para esse campo do fazer cultural e possibilitando ao mesmo tempo um ambiente de democratização do acesso a produção audiovisual nacional e local (ARAÚJO, 2017, on-line). Essa experiência possibilitou o alicerce para a idealização que resultou na realização do Festival de Cinema Universitário de Alagoas, em 2011, como mostra a Figura 01.

**Figura 01: Exibição ao ar livre durante o 1º Festival de Cinema Universitário de Alagoas**



Fonte: Site Aqui Acontece. Disponível em <https://www.aquiacontece.com.br/noticia/cultura/29/11/2011/festival-de-cinema-universitario-desperta-estudantes-e-nao-envolve-comunidade/37068>

A primeira edição do Festival de Cinema Universitário de Alagoas aconteceu entre os dias 23 e 27 de novembro de 2011 – e até o fechamento deste trabalho, o evento se manteve ocorrendo sempre no mês de novembro – e ocupou algumas instalações da cidade de Penedo, entre prédios históricos, praças e avenidas. O palco principal foi o Teatro Sete de Setembro, que concentrou as exibições da Mostra Competitiva – e por questões de classificação indicativa de alguns filmes, não poderia ocorrer em praça pública. Houve ainda sessões de cinema ao ar livre, dentro das atividades cineclubistas, além da Mostra Sesc de Cinema Infantil.

No curso das águas do Rio São Francisco, a cidade de Penedo se ergueu como polo de formação histórica de Alagoas. Nesse ambiente, nasce a ideia do I Festival de Cinema Universitário de Alagoas, um espaço aberto para o estímulo da produção audiovisual universitária e a promoção do intercâmbio com a produção nacional (...) A programação do Festival premia obras cinematográficas e videográficas produzidas pela comunidade acadêmica das instituições brasileiras de ensino superior. E, além disso, fomenta o debate e a pesquisa sobre o cinema com a participação de cineastas, estudiosos e pesquisadores do audiovisual (...) Nos cinco dias do evento, além das mostras competitivas e paralelas, acontece o I Encontro de Cinema de Alagoas, com a realização de oficinas, mesas-redondas, apresentações de trabalhos acadêmicos e reunião de grupos de trabalho (...) Às margens do Velho Chico, o Festival de Cinema se realiza como um acontecimento que pretende, enfim, lançar novos caminhos de reflexão para o ensino acadêmico e a produção independente audiovisual (FESTIVAL DE CINEMA UNIVERSITÁRIO DE ALAGOAS, 2011, p.02)

Ao todo, a comissão organizadora recebeu 30 inscrições de curtas-metragens; destes, 17 foram selecionados e participaram do evento, concorrendo nas categorias de Melhor Curta-Metragem Alagoano, Melhor Curta-Metragem Nordeste, Melhor Curta-Metragem Nacional

e Melhor Curta-Metragem - Júri Popular. Foram seis os estados brasileiros representados no festival: Alagoas, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Sergipe. Nesta primeira edição, o homenageado foi o alagoano Elinaldo Barros (1947-2021).

A segunda edição do Festival de Cinema Universitário de Alagoas ocorreu entre os dias 13 e 17 de novembro de 2012 e deu continuidade ao modelo de estrutura e atividades da primeira edição (Figura 02). A novidade foi a inclusão da Mostra de Cinema Ambiental dentro da programação geral, com exibição de curtas e longas convidados, seguido de debates. A Mostra de Cinema Infantil passou a ser organizada pelos cineclubistas parceiros do evento, apresentando seleções de filmes da Programadora Brasil<sup>4</sup>.

**Figura 02: Arte de divulgação do 2º Festival de Cinema Universitário de Alagoas**



Fonte: Universidade Federal de Alagoas. Disponível em <https://ufal.br/ufal/noticias/2012/07/festival-recebe-inscricoes-de-producoes-cinematograficas>

O número de filmes inscritos para a mostra competitiva aumentou, em comparação à edição inaugural do festival: foram 92 inscrições e 27 filmes selecionados para participarem do evento. Houve ainda uma modificação nas premiações, que passaram de quatro para três categorias: Melhor Curta-Metragem – Júri Oficial, Melhor Curta-Metragem – Júri Popular e

<sup>4</sup> A Programadora Brasil nasceu em 2006, como um programa estratégico da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura e que se desenvolveu até fevereiro de 2013. No período, a Programadora Brasil construiu um catálogo com 970 filmes e vídeos de todas as regiões do país, organizados em 295 programas (DVDs), contendo encartes, valorizando a diversidade e as informações sobre o cinema brasileiro. Através do site oficial, era ofertado o serviço onde pontos de exibição podiam se cadastrar e se habilitar para sempre receber um conjunto de DVDs com obras licenciadas para exibição sem fins comerciais (Portal Brasileiro de Dados Abertos, 2021, online)



Prêmio Velho Chico de Cinema Alagoano. Nesse ano, a comissão organizadora ofertou espaço gratuito no albergue universitário, para a hospedagem dos realizadores. Entre os filmes selecionados para o festival, 08 eram de representantes de Penedo. O homenageado desta segunda edição foi o cineasta e alagoano Cacá Diegues, em celebração aos 50 anos de sua carreira.

Em 2013, o Festival de Cinema Universitário de Alagoas chegou em sua terceira edição consolidando o esqueleto de programação dos dois primeiros anos do evento, mantendo a mostra competitiva com as mesmas premiações da segunda edição, ocorrendo no Teatro Sete de Setembro. Além da realização das atividades ligadas ao 3º Encontro de Cinema Alagoano – mesas, workshops (Figura 03), oficinas, minicursos, apresentação de trabalhos acadêmicos –, das mostras desenvolvidas pelos cineclubes e da Mostra de Cinema Infantil, que passou a ter a curadoria da Empresa Júnior do curso de Turismo da Ufal, e Way Turismo e Consultoria. Houve ainda uma aproximação do evento com a Rede Nordeste de Cinema, criada pelo curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, além de bate papo com os realizadores presentes. Nesta edição, a Mostra de Cinema Ambiental não aconteceu.

**Figura 03: Workshop Cinema de Garagem, ministrado pelo professor Marcelo Ikeda, da Universidade Federal do Ceará, dentro do 3º Encontro de Cinema Alagoano**



Fonte: Relatório Geral 2013 – Festival de Cinema Universitário de Alagoas

O número de filmes inscritos no festival subiu novamente, passando para 100. Contudo, apenas 47 estavam aptos a participarem do processo de seleção e destes, 22 foram selecionados para a mostra competitiva, um número abaixo do registrado no ano anterior. O homenageado do ano foi o alagoano e fotógrafo Celso Brandão, que atuou como diretor desde a década de 70, sendo premiado em cinco edições do Festival Brasileiro de Cinema de Penedo.

O 4º Festival de Cinema Universitário de Alagoas ocorreu em 2014, mantendo-se com cinco dias de atividades. O grande homenageado da edição foi o alagoano e roteirista Tairone Feitosa, conhecido por seus roteiros em séries da Rede Globo e filmes como *Luzia Homem, Ele, o Boto* (1988) e *O Homem da Capa Preta* (1986). A programação permaneceu consolidando as ações do Encontro de Cinema Alagoano, a Mostra de Cinema Infantil, a mostra competitiva universitária e o retorno da mostra de cinema ambiental, que passou a se chamar Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental, a partir da parceria firmada com o Comitê da Bacia Hidrográfica do São Francisco – e que se manteve por todas as outras edições realizadas.

Para a edição de 2014, a grande novidade foi a montagem de uma estrutura de tenda climatizada na praça 12 de abril. Com capacidade para 500 pessoas, a mostra competitiva saiu do Teatro Sete de Setembro e passou para a praça – pela percepção de que o evento precisava de um espaço maior e mais próximo de uma sala de cinema real. Observa-se na figura 04 abaixo um destaque para a programação musical do festival, concentrada também na praça 12 de abril, com o objetivo de atrair mais público para as atividades do cinema.

**Figura 04: Arte do panfleto do 4º Festival de Cinema Universitário de Alagoas**



Fonte: Relatório Geral 2014 – Festival de Cinema Universitário de Alagoas

A 4ª edição do festival recebeu 62 filmes em curta-metragem inscritos, dos quais 25 foram selecionados para a mostra competitiva. A premiação se manteve com as três categorias dos últimos anos: Melhor Filme – Júri Oficial, Prêmio Velho Chico de Cinema Alagoano e Melhor Filme – Júri Popular.

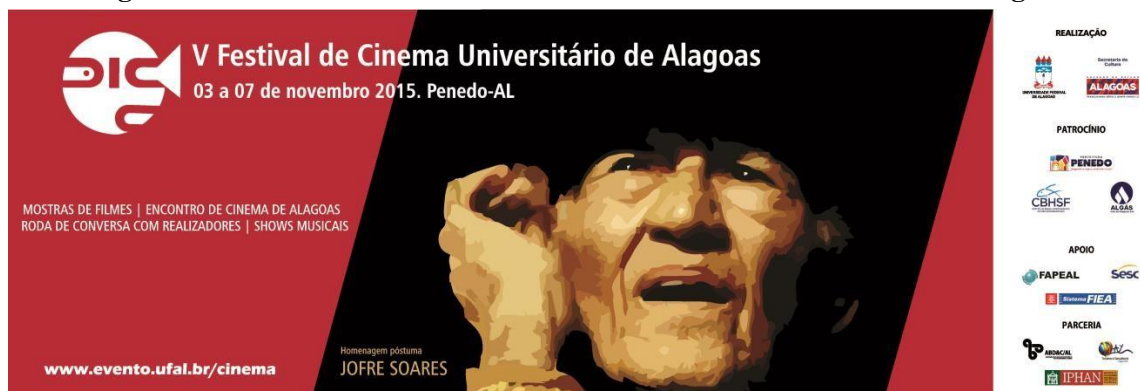
Em 2015, a 5ª edição do Festival de Cinema Universitário de Alagoas já se apresentava como um evento que reunia várias mostras temáticas consolidadas, como a Mostra de Cinema

Infantil (que começou a formular uma curadoria própria ligada à comissão organizadora) e a Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental (que também passou a trilhar com a ajuda de uma curadoria independente), além da Encontro de Cinema Alagoano, que integrava todas as atividades acadêmicas de formação e partilhas de conhecimento do evento, e da Mostra de Cinema Nacional, que reunia curtas e longas nacionais convidados, com a participação de artistas com apelo midiático mais expressivos. A edição escolheu o ator alagoano Jofre Soares (1918-1996) como homenageado, por toda sua contribuição ao cinema e a arte brasileira.

A boa repercussão das primeiras edições do evento favoreceu para uma maior captação de recursos que, por sua vez, possibilitou que a comissão organizadora pudesse custear uma maior participação dos realizadores em Penedo, como hospedagem, alimentação e traslado. Apesar disso, nesta edição de 2015, foram inscritos um número abaixo do esperado de curtas-metragens: 55 filmes e 24 selecionados para a mostra competitiva universitária.

A comissão organizadora também resolveu experimentar novas formas de premiação, alterando assim as categorias, passando de três para cinco. Foram mantidas as categorias de Melhor Curta-metragem – Júri Popular e Prêmio Velho Chico de Cinema Alagoano e criadas as categorias Melhor Curta-metragem Júri Oficial – Documentário, Melhor Curta-metragem Júri Oficial – Animação e Melhor Curta-metragem Júri Oficial – Ficção/Experimental.

**Figura 05: Arte do outdoor do 5º Festival de Cinema Universitário de Alagoas**



Fonte: Relatório Geral 2014 – Festival de Cinema Universitário de Alagoas

Após a realização de cinco edições do Festival de Cinema Universitário de Alagoas, que já abarcava atividades temáticas de forma integrada, foi preciso pensar em uma nova nomenclatura para que o evento pudesse ampliar ainda mais a participação de outros segmentos do audiovisual, para além do recorte universitário. Neste cenário de perspectiva de crescimento e mais aglutinação de outros públicos, a partir de 2016 o festival de cinema da cidade de Penedo passou a se chamar Circuito Penedo de Cinema.

Nascido da junção de outros grandes e consagrados eventos do cinema alagoano, o Circuito Penedo de Cinema faz sua estreia. Com o espírito de fomentar a cultura e fazer girar o ciclo de produção audiovisual independente, o Circuito contará com mostras competitivas, oficinas, palestras e mesas-redondas para os entusiastas do cinema nacional, além de apresentações artístico-culturais. Todas as atividades são abertas ao público e gratuitamente distribuídas (CIRCUITO PENEDO DE CINEMA, 2016, p.02)

O Circuito Penedo de Cinema passou a concentrar, como já foi dito neste trabalho, os quatro eventos já consolidados no acúmulo das outras edições: o Festival de Cinema Universitário de Alagoas, que desde 2011 voltou-se para a promoção das produções realizadas dentro do universo acadêmico; o Encontro de Cinema Alagoano, que aglutinou todas as atividades discursivas, formativas e reflexivas sobre pesquisas e projetos desenvolvidos dentro e fora das instituições de ensino superior, no campo do cinema; a Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental, que se consolidou a partir de um recorte temático que dialoga diretamente com bacia hidrográfica do Rio São Francisco, da qual Penedo faz parte; a Mostra de Cinema Infantil, que passou a ocupar um lugar próprio dentro da programação geral, tendo como público-alvo as crianças da região; e o Festival do Cinema Brasileiro, este último retomado com o mesmo nome do festival das décadas de 1970 e 1980, como resgate e memória afetiva e cultural.

Foi necessário também construir uma nova identidade visual para o evento, que pudesse agregar um logotipo criado para o Circuito Penedo de Cinema e as marcas dos seus eventos que o integram. O pesquisador Thyeres Rolim (2021) fez uma análise aprofundada sobre construção e aplicação de identidade visual tendo como estudo de caso o Circuito Penedo de Cinema. Para ele, o logo do Circuito foi pensado para apresentar um símbolo que pudesse fazer uma referência estilizada ao diafragma das câmeras fotográficas modernas. Como o Circuito Penedo de Cinema é um “conglomerado de eventos secundários, o logotipo também possui uma versão em que todos eles aparecem na sua assinatura visual. Cada um desses eventos secundários traz uma referência para seu símbolo”. Como ressalta Rolim (2021):

O símbolo do Festival do Cinema Brasileiro representa um mapa do país com um espaço de tela de cinema para representar a amplitude das origens das produções dos filmes que competem nesta mostra (...) O Festival de Cinema Universitário de Alagoas traz em seu símbolo a mesma referência à câmera Super-8 das edições anteriores (...) A Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental tem como símbolo uma carranca estilizada. A carranca é uma escultura, feita de madeira ou barro, que apresenta um rosto com zoomorfização, que é uma mistura de características humanas e animais (...) Estas esculturas têm forte apelo popular, fazem parte da cultura nordestina e são comumente encontradas em Penedo para venda em lojas de artesanato em diversos tamanhos e padrões (...) Já o símbolo do Encontro de Cinema Alagoano é uma figura de um olho

estilizado sobreposto em diversos formatos geométricos nas cores do símbolo do Circuito Penedo de Cinema (ROLIM, 2021, p.27-28)

A figura 06 abaixo mostra o resultado final de construção da nova identidade visual que passou a ser base para as edições que se sucederam à 2016.

**Figura 06: Logomarcas do Circuito Penedo de Cinema e eventos integrantes**



Fonte: Relatório Geral 2016 – Circuito Penedo de Cinema

Na edição de 2016, mantendo a constância em realizar o evento no mês de novembro, o Circuito Penedo de Cinema permaneceu com o mesmo formato de estrutura física de 2015, continuando a praça 12 de abril como principal espaço para as exibições dos filmes participantes. Além do retorno do Festival do Cinema Brasileiro após 34 anos desde a sua última edição, a outra novidade do Circuito desta edição foi a ampliação das mostras competitivas e a premiação, que passou a ser em dinheiro, fruto das parcerias institucionais firmadas.

Além da mostra competitiva do Festival de Cinema Universitário de Alagoas, passaram para a modalidade de competição a Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental e o Festival do Cinema Brasileiro, cada uma com duas premiações: Júri Oficial e Júri Popular. Pela primeira vez em seis edições, não houve a escolha de uma personalidade para ser homenageada.

Em 2017, o Circuito Penedo de Cinema conseguiu imprimir o mesmo ritmo de programação das edições anteriores, com a realização do 7º Festival de Cinema Universitário de Alagoas, do 7º Encontro de Cinema Alagoano, da 4ª Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental e do 10º Festival do Cinema Brasileiro. Novamente se repetiu o formato das premiações e das mostras competitivas, tendo um número recorde de filmes inscritos: 357. Destes, 41 foram selecionadas para as mostras: 18 para a Universitária, 18 para a Brasileira e 14 para a Ambiental.

**Figura 07: Realizadores e vencedores do Circuito Penedo de Cinema 2017**



Fonte: Relatório Geral 2017 – Circuito Penedo de Cinema

Nesta edição, o evento passou de cinco para seis dias e teve também, como grande novidade, o fato de que, pela primeira vez, o Circuito contou com a presença de um representante de todos os filmes concorrentes. Um realizador de cada curta-metragem selecionado recebeu transporte, alimentação e hospedagem para participar do Circuito Penedo de Cinema. Em 2015 e 2016, apenas os realizadores do Festival de Cinema Universitário puderam ser contemplados com essa iniciativa. Nesse ano, mais uma vez não houve indicação de homenageado.

A edição de 2018 do Circuito Penedo de Cinema trouxe mais um dia de programação, em comparação ao último ano: durante sete dias, de 27 de novembro a 02 de dezembro, o evento apresentou o formato já consolidado de programação interligando as atividades das mostras temáticas, além do 8º Encontro de Cinema Alagoas, com oficinas, bate papo, mesas-redondas, workshops e apresentação de trabalhos acadêmicos. Com um total de 492 filmes inscritos em todas as mostras, 51 curtas-metragens foram selecionados para concorrerem às premiações, que chegaram a R\$ 41 mil reais. 16 estados brasileiros estiveram representados em Penedo, por meio dos realizadores.

Foram onze edições do Circuito Penedo de Cinema realizadas até o fim desta pesquisa, entre os anos de 2011 e 2021. Como já mencionamos anteriormente, as edições executadas durante o período pandêmico – 2020 e 2021 – desenvolvidas em formato híbrido, não fazem parte do recorte do nosso trabalho; porém, traremos uma breve análise e reflexão acerca de nossa observação participante mais a frente, como forma de contribuir com a discussão que se fez tão presente nos últimos dois anos: o formato híbrido. Assim sendo, partimos para a análise do Circuito Penedo de Cinema realizado no ano de 2019, sendo essa a edição mais recente (até o encerramento desta nossa pesquisa) em que as atividades foram 100% presenciais – e como

já dito, o presencial é elemento fundamental para as relações socioculturais entre moradores e outros agentes, no tocante à promoção do território, da identidade e representação cultural que um evento cultural em cidade do interior pode estimular.

### **5.3. A edição de 2019**

O intuito deste trabalho foi desde o seu início apresentar conceitos e hipóteses sobre como um festival de cinema de interior pode gerar identificação cultural e movimentar a comunidade local, de forma democrática e acessível. E através do estudo de caso do Circuito Penedo de Cinema, podemos analisar seu modelo estruturante, enquanto evento cultural, suas técnicas e ferramentas de comunicação e divulgação e, principalmente, o seu diálogo com os públicos locais: o morador mais antigo, que detém a memória afetiva com os antigos festivais de cinema das décadas de 1970 e 1980; o morador jovem, que precisa ser cativado a dar continuidade a esse envolvimento cultural do cinema com a cidade; do morador empreendedor, potencialmente visto como parceiro criativo para o crescimento do próprio evento e de sua rede de apoio local; e o público infantil, que desperta para a formação desde criança de uma nova plateia cativa a partir de um trabalho de educação básica de inclusão social e cultural.

A edição 2019 do Circuito Penedo de Cinema trouxe alguns elementos que foram fundamentais para a escolha deste recorte como foco desta pesquisa. A nossa observação participante – que vem desde 2013, com o nosso envolvimento na comissão organizadora – percebeu uma tentativa mais acentuada do festival em se aproximar do público local. O exemplo mais claro foi a idealização e produção do projeto “Eu sou o cinema”, uma série de entrevistas com moradores locais desenvolvida pela equipe de comunicação e que despontou como uma ação voltada para o despertar de senso maior de pertencimento, de participação e de protagonismo da população de Penedo no próprio evento, com o propósito dela mesma se enxergar no festival, literalmente.

Fortalecido a partir das suas oito edições anteriormente realizadas na cidade, o Circuito Penedo de Cinema chegou em 2019 com o propósito de manter a consolidação do seu modelo de estrutura e de programação no intuito de promover a sua marca dentro do circuito de festivais de cinema brasileiro, porém sem perder a essência de um evento cultural feito em uma cidade de interior, com todas as suas particularidades.

Em 2019, o Circuito Penedo de Cinema concentrou suas atividades em quatro pontos distribuídos pelo centro histórico da cidade, sendo esses, espaços públicos e privados

viabilizados pelas parcerias locais. O Centro de Extensão Universitária (CEU), prédio da própria Universidade Federal de Alagoas, além de sediar uma das cinco oficinas ofertadas pelo evento, serviu como base para a comissão organizadora, secretaria administrativa, equipe de comunicação e equipe de produção videográfica. Nesse espaço foi feita a recepção, credenciamento, distribuição de material e os encaminhamentos de hospedagens para os participantes e convidados externos.

Outro prédio histórico utilizado foi o do Sebrae, com o uso do auditório e mais uma sala de capacitações, para a realização de oficinas. Esse é o primeiro registro que se tem de uso desse espaço com atividades do Circuito, uma vez que o prédio fica um pouco mais afastado dos outros pontos de programação.

A praça Barão de Penedo, onde fica localizada o prédio da Prefeitura e tem um espaço externo bastante amplo e aprazível, acolheu a atividade “Bate-papo com os Realizadores”, realizada ao ar livre, aproveitando-se da arquitetura do entorno.

E como principal espaço do Circuito, manteve-se na Praça 12 de Abril a estrutura montada da sala de exibições – tenda climatizada com 672m<sup>2</sup> e capacidade ampliada para 650 pessoas (comparada com a edição anterior), com piso em madeira alcatifada –, o palco para as apresentações artísticas, além dos stands montados no entorno da praça, com exposição dos parceiros institucionais.

**Figura 08: Estrutura da Sala de Exibições, montada na praça 12 de abril**



Fonte: Relatório Geral 2019 – Circuito Penedo de Cinema

A sala de exibições, por sua vez, era utilizada nos três turnos: manhã, com as sessões da Mostra de Cinema Infantil; tarde, para a Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental; e noite, com a programação das mostras competitivas universitária e brasileira, além dos filmes convidados e bate papo com atores e diretores igualmente convidados do evento.



Para a montagem de toda essa estrutura na praça 12 de abril, inclusive, a parceria firmada com a Prefeitura Municipal de Penedo desde a realização da primeira edição do festival de cinema, em 2011, é registrada nos relatórios finais da comissão organizadora como sendo de fundamental importância para a concretização e o sucesso do evento. Em 2019, para além das autorizações de uso dos espaços públicos, houve também o apoio da Secretaria Municipal de Educação, com a liberação de alunos e a cessão de transporte para participarem da Mostra de Cinema Infantil. Contou-se também com o apoio da Secretaria de Serviços Públicos, que atendeu as demandas de iluminação extra, como também a limpeza de todo o espaço utilizado. O Departamento Municipal de Trânsito realizou o suporte de ordenamento de trânsito, interdição de ruas e controle de tráfego durante os sete dias do evento, além do prolongamento do horário de transporte público, que normalmente encerra às 23 horas e durante o evento encerrou às 2 horas da manhã, permitindo uma maior circulação de público na programação noturna da praça 12 de abril.

Ainda sobre o principal espaço de atividade do Circuito – a estrutura da sala de exposições – que, de certo, atendeu aos objetivos propostos pela organização, em termos de mais espaço, mais conforto e mais centralidade das atividades de exibição de filmes – é importante considerarmos a análise e percepção sobre a diminuição do uso de espaços públicos e abertos justamente para outras exposições, como pudemos observar nas primeiras edições do festival, onde houve a parceria com os cineclubes alagoanos participantes do evento, que percorriam praças e ruas nos bairros da cidade, promovendo o cinema e, ao mesmo tempo, democratizando ainda mais o seu acesso.

Se por um lado, a grandiosa estrutura climatizada montada e erguida na praça 12 de abril aproximou o público local àquela sensação de estar em uma sala de cinema, com o abandono das ações cineclubistas nos bairros durante o evento, perdeu-se um pouco do “charme interiorano” de se promover ações deste tipo, tendo como pano de fundo as casas, os prédios, a própria arquitetura histórica da cidade. Tetê Mattos (2018), inclusive, faz uma reflexão sobre os festivais de cinema territorializados. Para ela,

(...) os festivais de cinema muitas vezes se beneficiam da atratividade do local para competir com os outros festivais em termos de economia do espaço global (...) se, por um lado, realizam sessões nos espaços mais tradicionais de exibição – a clássica sala de cinema –, por outro lado é comum assistirmos em festivais sessões de filmes em praias, florestas, praças (...) as exposições ao ar livre em festivais costumam ser gratuitas, com programação de filmes de linguagem mais acessível para todos os públicos. Em geral, são exposições de grande impacto visual que transformam os espaços públicos em cenários midiáticos devido à espetacularização (MATTOS, 2018, p. 90)

Quando passamos para a análise da programação de filmes do festival, pudemos observar que ao longo dos sete dias de evento, foram realizadas 66 atividades distribuídas nos três turnos, iniciando quase sempre às 8h da manhã prosseguindo até mais ou menos 2h da madrugada do dia seguinte. E como já mencionamos aqui, essa estrutura vem sendo mantida, com pequenas alterações entre uma edição e outra.

Em um quadro geral, no período da manhã se concentram as atividades de formação do Encontro de Cinema Alagoas (oficinas) e as sessões de cinema Infantil. No período da tarde, têm-se a continuidade das atividades formativas (mesas-redondas, palestras, bate papo) e as sessões de cinema ambiental. A noite é destinada para as sessões com as mostras competitivas (universitária e brasileira), mostras paralelas e as sessões de filmes com atores e diretores convidados. Além da programação musical, que geralmente inicia entre 23h e meia noite.

Quanto aos números da edição 2019 (Tabela 02), os registros pesquisados mostram os seguintes dados, em relação aos quantitativo de filmes exibidos em cada mostra:

**Tabela 02 – Quantidade de filmes exibidos por mostra na edição 2019**

<b>Mostra</b>	<b>Nº de filmes exibidos</b>
Festival de Cinema Universitário de Alagoas	15 curtas-metragens selecionados
Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental	19 curtas-metragens selecionados 01 curta-metragem convidado
Festival de Cinema Brasileiro	15 curtas-metragens selecionados
Mostra de Cinema Infantil	11 curtas-metragens selecionados
Mostra de Longa Metragem Nacional	07 longas-metragens convidados
Mostra Sururu de Cinema Alagoano	04 curtas-metragens convidados

Fonte: Elaboração do autor, com base em informações do Relatório Geral 2019 do Circuito Penedo de Cinema

Dentro de um panorama geral dos filmes selecionados via curadorias, a edição 2019 do Circuito Penedo de Cinema teve um total de 571 curtas-metragens inscritos nas três mostras competitivas (universitária, brasileira e ambiental), sendo que 49 foram selecionados pelas três comissões especiais. No quadro nacional (Tabela 03), tivemos curtas metragens de treze estados brasileiros, sendo o Rio de Janeiro aquele com maior representação.

**Tabela 03 – Quadro de filmes selecionados por estado para o Circuito 2019**

Estado	Nº de filmes selecionados
Rio de Janeiro	11 filmes (22,45%)
Alagoas	09 filmes (18,37%)
Bahia	06 filmes (12,24%)
São Paulo	05 filmes (10,20%)
Goiás	03 filmes (6,12%)
Minas Gerais	03 filmes (6,12%)
Ceará	03 filmes (6,12%)
Pernambuco	02 filmes (4,08%)
Paraíba	02 filmes (4,08%)
Rio Grande do Sul	02 filmes (4,08%)
Santa Catarina	01 filme (2,04%)
Rio Grande do Norte	01 filme (2,04%)
Piauí	01 filme (2,04%)

Fonte: Elaboração do autor, com base em informações do Relatório Geral 2019 do Circuito Penedo de Cinema

A partir dos registros pesquisados, verificou-se que este quantitativo geral de filmes inscritos foi o maior desde a primeira edição em 2011, considerado, pela comissão organizadora, como sendo um resultado da boa aceitação e da credibilidade que o evento vem alcançando ao longo de sua existência, “demonstrando ainda, a força do cinema alagoano, segundo estado entre os que mais aprovaram filmes nesta edição, ficando à frente de importantes celeiros do cinema nacional, como São Paulo, Pernambuco e Bahia” (CIRCUITO PENEDO DE CINEMA, 2019, p.12).

Quando observado o quadro por região (Tabela 04), verificamos o Nordeste como maior expressão de filmes selecionados no evento.

**Tabela 04 – Quadro de filmes selecionados por região para o Circuito 2019**

Região	Filmes selecionados	Estados representados
Nordeste	24	07
Sudeste	19	03
Sul	03	01
Centro Oeste	03	01
Norte	0	0

Fonte: Elaboração do autor, com base em informações do Relatório Geral 2019 do Circuito Penedo de Cinema

Todo esse levantamento se faz necessário para entendermos, mesmo que superficialmente, um pouco do perfil das curadorias de seleção que acabam por definir a linha e a estética abordadas na programação dos filmes exibidos na edição do festival. Nas atas de reunião de seleção localizadas até o fim desta pesquisa, foram identificados os critérios adotados e estabelecidos pela comissão organizadora para nortear as escolhas de cada grupo, alinhados com os editais lançados previamente para a submissão dos filmes. São eles:

- Criatividade e expressão artística – Pontuação de 0 a 10
- Qualidade técnica de som e imagem – Pontuação de 0 a 10
- Critério sugerido pelo curador – Pontuação de 0 a 10

É possível observar uma predominância de filmes relacionados aos gêneros ficção e documentário. Porém não foi possível fazer um levantamento mais preciso sobre as temáticas abordadas dentro de um panorama amplo, com exceção dos curtas-metragens da Mostra Ambiental, que já têm um recorte temático específico.

Uma das hipóteses levantadas por este trabalho, em relação ao quantitativo de filmes por estado e por região, é que pode haver uma preferência em dar visibilidade à produção local (Alagoas) e regional (Nordeste) por se tratar de um festival de cinema de interior nordestino. Para além das análises técnicas, pode estar sendo levado em consideração o movimento contra hegemônico das produções dos grandes centros, em destaque aquelas do Sul e Sudeste, por naturalmente já terem espaços no circuito de festivais das respectivas regiões.

Sobre o papel da curadoria e o peso de sua responsabilidade dentro de um festival de cinema, Tetê Mattos (2017), em seu artigo “A prática curatorial nos festivais de cinema brasileiros – reflexões”, faz indagações pertinentes às nossas observações acima proferidas.

Para ela,




A curadoria dos festivais de cinema pode ser considerada uma forma de arte? Quais são os critérios para as escolhas dos filmes exibidos na programação dos festivais? Quais ambições e intuições podem ser percebidas na prática dos curadores? Quais modelos de curadoria serão possíveis com o aumento significativo da produção? Sabemos que uma das principais funções dos festivais de cinema é dar oportunidade de exibição aos filmes. O desafio de compor um programa interessante, atrair o público, e ganhar a atenção da crítica dentro de um orçamento possível, faz da prática curatorial uma tarefa de importância crucial e que merece aprofundamento em seus estudos (MATTOS, 2017, p.678)

De certo é que tais exibições de produções locais e regionais acabam por despertar no público uma maior empatia e, conseqüentemente, torcida. Das nove produções alagoanas, uma foi destaque para o público presente por abordar Penedo e o rio São Francisco: o curta-metragem “O poeta do Barro Vermelho”, uma animação de 6min com direção de Matheus Nobre, retratou o ativista ambiental Toinho Pescador recitando seus versos ao contar sua história e a da cidade, ambas ligadas ao Velho Chico.

O curta, que participou da Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental, ganhou o prêmio nas duas categorias: júri oficial e júri popular, sendo ovacionado na noite de premiação dos melhores filmes da edição 2019. Toinho Pescador é uma figura bastante conhecida na cidade e é o exemplo de que quando a comunidade local se enxerga como parte do evento, o sentimento de pertencimento aflora, criando um maior estímulo na identificação cultural com as próprias ações culturais que as representam. Curiosamente, Toinho é um dos personagens que foram entrevistados na série de entrevistas “Eu sou o cinema”, que veremos mais à frente.

Abaixo, o quadro geral de vencedores (Tabela 05) da edição 2019 do Circuito:

**Tabela 05 – Quadro de filmes vencedores do Circuito Penedo de Cinema 2019**

<b>Mostra</b>	<b>Júri oficial</b>	<b>Júri popular</b>
 12º FESTIVAL DO CINEMA BRASILEIRO	<b>Uma história das cores</b> (Fic. / RJ / 2018 / 14') Dir. Victor Hugo Fiuza	<b>O branco da raiz</b> (Doc. / AL / 2019 / 23') Dir. Anderson Barbosa
 9º FESTIVAL DE CINEMA UNIVERSITÁRIO DE ALAGOAS	<b>Só sei que foi assim</b> (Aventura / RS / 2018 / 07') Dir. Giovanna Muzel	<b>Só sei que foi assim</b> (Aventura / RS / 2018 / 07') Dir. Giovanna Muzel
 6ª MOSTRA VELHO CHICO DE CINEMA AMBIENTAL	<b>O poeta do Barro Vermelho</b> (Animação / AL / 2019 / 06') Dir. Matheus Nobre	<b>O poeta do Barro Vermelho</b> (Animação / AL / 2019 / 06') Dir. Matheus Nobre

Fonte: Relatório Geral 2019 do Circuito Penedo de Cinema

Os responsáveis pela curadoria do 12º Festival do Cinema Brasileiro foram o realizador e pesquisador Nuno Balducci (AL), o crítico e pesquisador de cinema Ricardo Lessa (AL) e a cineclubista e fundadora da Mostra Ebgbé, Luciana Oliveira (SE). A curadoria do 9º Festival de Cinema Universitário de Alagoas foi feita pela produtora e pesquisadora Maysa Santos (AL), pelo jornalista Felipe Guimarães (AL) e pelo realizador Ulisses Artur (AL). A comissão de seleção da 6ª Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental foi composta pelos professores Kim

Barão (AL) e Camila Porto (AL) e pela professora, cineclubista e produtora cultural Yanara Galvão (SE).

Os convidados que compuseram o júri oficial da Mostra Brasileira foram o professor da UFPB Bertrand Lira (PB), o diretor de fotografia Diego Garc (SP) e o cineasta Ninho Moraes (SP). Da Mostra Universitária fizeram parte o produtor audiovisual Alexandre Taquari (PE), a professora da UFS Danielle de Noronha (SE) e o colorista e supervisor de pós-produção Daniel Dode. E da Mostra Ambiental, formaram o júri oficial o produtor audiovisual Devyd Santos e os professores da Ufal Guilherme Demétrio (AL) e Taciana Krammer (AL).

Ainda analisando a programação de filmes que foram exibidos na edição 2019 do Circuito Penedo de Cinema, a Mostra Sururu de Cinema Alagoano celebrou seus 10 anos de existência tendo, assim como outras edições anteriores do Circuito, um espaço para a exibição de algumas produções que participaram da Mostra Sururu do ano anterior, sendo mais uma janela que busca contribuir para ampliar a visibilidade da produção alagoana.

Desde 2009, a Sururu é a principal vitrine para os curtas-metragens locais, sendo um festival que ocorre anualmente na cidade de Maceió e que estimula, entre outras ações, o “surgimento de novas produções, a consolidação do trabalho de profissionais iniciantes, o diálogo entre integrantes da cadeia produtiva do audiovisual e a construção de um panorama do cinema alagoano contemporâneo” (CIRCUITO PENEDO DE CINEMA, 2019, p.17).

Em 2019, o Circuito Penedo de Cinema abriu espaço para a exibição de cinco curtas-metragens alagoanos, selecionados pela Mostra Sururu que, além da curadoria, leva a Penedo as discussões originárias do Fórum Setorial do Audiovisual Alagoano – FSAL.

Uma outra mostra paralela e não competitiva do evento é a Mostra de Longa-Metragem Nacional, que tenta imprimir ao festival a imagem de conectividade com outros festivais mais midiáticos, ao tentar levar a Penedo filmes, diretores e artistas de renome nacional e que estejam em evidência atual, chamando assim a atenção da imprensa e, principalmente, do público local e turístico.

Desde a primeira edição do festival em Penedo, em 2011, há essa preocupação em articular obras de grande apelo comercial para referenciar o Circuito como um festival de cunho nacional, e não somente regional/local. Neste contexto, em 2019 o Circuito Penedo de Cinema levou para a cidade a exibição de sete longas metragens convidados e alguns atores e diretores para debaterem com o público sobre suas obras. Dentro da linha de cinema de arte, foram exibidos os filmes “Benzinho”; “O seu amor de volta (mesmo que ele não queira)” que teve a presença do diretor Bertrand Lira e da atriz Danny Barbosa; o documentário “Faz sol lá sim”,

com a participação do diretor Cláudio Rodrigues; e “Pacarrete”, com a presença da atriz Marcelia Cartaxo.

Já na linha de filmes com uma maior expressão comercial e midiática, foram exibidos em Penedo “Turma da Mônica: laços”, com a presença dos atores que interpretam Mônica e Cebolinha, Giulia Benite e Kevin Vechiatto, respectivamente; “Minha vida em Marte”, que contou com a participação do ator Marcos Palmeira (e que permaneceu na cidade durante os sete dias do evento, envolvido inclusive em outras atividades); e “Bacurau”, que estava no auge de seu sucesso nacional e internacional, que contou com a presença do ator Silvero Pereira e das atrizes Danny Barbosa e da alagoana Eduarda Samara.

**Figura 09: artistas e diretores convidados da Mostra de Longa Metragem Nacional**



Fonte: Assessoria de Comunicação – Circuito Penedo de Cinema

#### **5.4. A comunicação do festival enquanto objeto de estudo**

Desde o começo desta pesquisa, o grande desafio de se investigar o papel da comunicação na relação de estímulo e promoção da identificação cultural entre evento e comunidade local a partir da produção e realização de um festival de cinema de interior, tendo como estudo de caso o Circuito Penedo de Cinema, foi a dificuldade em analisar a própria

comunicação do evento, enquanto equipe, enquanto banco de dados, enquanto material registrado.

É sabido que o Circuito Penedo de Cinema é realizado pela Universidade Federal de Alagoas e que tem uma estrutura própria organizacional de produção. Entre professores, técnicos e terceirizados da Ufal, profissionais contratados e estudantes que atuam como monitores e bolsistas, são aproximadamente 90 pessoas envolvidas direta e indiretamente na comissão organizadora. Não se pode considerar este grupo como uma equipe fixa. Porém, ao longo das últimas edições, têm-se consolidado a base principal de produção executiva, secretaria e comunicação.

As primeiras edições do festival de cinema em Penedo, em 2011, contaram com o trabalho da Assessoria de Comunicação da Ufal, para o suporte e desenvolvimento das ações de relacionamento com a imprensa, criação de identidade visual e gerenciamento do plano de comunicação, mídia e divulgação. Com o crescimento do evento, das atividades e da aglutinação de várias mostras em uma só programação, sentiu-se a necessidade de ter um grupo próprio de trabalho do Circuito, profissionais contratados para este fim.

Em 2016 foi constituída uma equipe de seis pessoas formada por dois jornalistas, um designer, um *social media* e dois fotógrafos. Em 2017 houve mudança na equipe, o que também aconteceu em 2018. Já em 2019, ocorreu um aumento no número de profissionais contratados (16 ao todo), porém, a coordenação e outros membros deram continuidade a um projeto sólido de comunicação institucional e cultural, que se seguiu nas edições posteriores, mapeadas até o fim deste trabalho.

No entanto, as constantes mudanças de profissionais na equipe de comunicação implicaram em alguns desafios para esta pesquisa. Por se tratar de um objeto efêmero – festivais de cinema – as produções anuais de relatório e de material produzido não foram devidamente compiladas e arquivadas em um banco de dados centralizado, junto à produção do evento. Devido a esta falta de armazenamento das informações e memórias, seja em arquivos físicos ou virtuais, uma das dificuldades foi levantar o material que se encontrava fragmentado em arquivos institucionais e outros pessoais. Não só por parte da comunicação, mas também da produção executiva. Contudo, contamos com uma busca ativa deste acervo de memória que, mesmo de forma não centralizada, todo o material localizado reflete dados oficiais e resultados alcançados pelo trabalho da equipe de comunicação do Circuito Penedo de Cinema. O estudo foi complementado pela entrevista concedida pelo coordenador de comunicação do evento, Raphael Von Sohsten.



Essa contextualização é importante para termos a clareza de que um trabalho de aproximação de um evento cultural com seus públicos locais necessita de planejamento e resgate histórico, para se chegar em um discurso institucional coeso com os objetivos do próprio evento, ligados e alinhados em todas as frentes visuais, estruturantes e de conteúdo. Para Tetê Mattos (2017),

O discurso institucional está presente na comunicação visual do evento, deste a criação da marca, a identidade visual de cada ano, as peças gráficas geradas, os textos publicados nos Catálogos, os discursos dos organizadores em sessões de abertura e encerramento, os espaços onde o festival é realizado e os territórios que ocupa na cidade, os artefatos produzidos, como troféu, camiseta, sacolas, e nas vinhetas exibidas antes das sessões. O discurso estético compreende as obras artísticas, isto é, os filmes cinematográficos selecionados para participar no Festival (MATTOS, 2017, p.17-18)

A criação da identidade visual do Circuito Penedo de Cinema teve como elemento base a canoa de tolda, que representa um dos símbolos do Rio São Francisco. As toldas originais eram grandes embarcações, porém a brasileira possui somente 16 metros de casco e foi adaptada para descer o rio, a favor do vento, com o pano aberto. A canoa de tolda faz parte da memória afetiva do povo penedense e também é referenciada no troféu que é entregue aos vencedores do Circuito Penedo de Cinema, produzida pelo artista alagoano Fredy Correia.

**Figura 10: Canoa de tolda em três imagens: a embarcação, o troféu e a representação gráfica**



Fonte: Arquivos Assessoria de Comunicação – Circuito Penedo de Cinema

As velas passaram a ser o elemento utilizado em toda a identidade visual, sendo aplicada com traços geométricos interligados a partir de uma paleta de cores harmônicas, em conformidade com as cores predominantes nas logomarcas do Circuito Penedo de Cinema e os quatro eventos integrantes.

**Figura 11: Identidade visual do Circuito Penedo de Cinema 2019**



Fonte: Relatório Geral 2019 – Circuito Penedo de Cinema

As estratégias de comunicação utilizadas pelo Circuito Penedo de Cinema edição 2019 tiveram como objetivo a divulgação, a promoção e ações de aproximação do evento com seus públicos, principalmente a comunidade local. Para tal engajamento, foram escolhidas algumas mídias consideradas mais tradicionais, além do fortalecimento das ferramentas virtuais e visuais. Sobre o uso de comunicação cada vez mais visual, Alves (2018) acredita que

Devido ao fluxo de informação ser intenso e as vivências pessoais de cada um serem protagonizadas pela velocidade a que as mensagens são recebidas e captadas, existe, atualmente, uma maior facilidade em comunicar com imagens e aspectos visuais. A comunicação por imagens corresponde, no fundo, a um tipo de comunicação não verbal que, tal como esta, pretende transmitir uma mensagem, carregada de eficaz. Fá-lo através das sensações transmitidas pelas cores e restantes elementos visuais, que são ativados automaticamente pelo cérebro, que a eles reage, permitindo assim uma mais rápida assimilação aos estímulos despertados pelas imagens (ALVES, 2018, p.40)

O evento utilizou-se, portanto, das seguintes mídias em sua edição 2019: cartaz, catálogo (programa), panfleto, banner, faixa de rua, camisa, crachá, mídias digitais – *site*, Instagram, Facebook, Youtube –, sinalização visual – banner, painel, testeira, fundo de palco, backdrop –, além de outdoor, carro de som e moto som.

Com o advento das novas tecnologias e a facilidade com que a informação e o conteúdo podem chegar de maneira mais rápida e imediata a um determinado segmento de público, toda a comunicação e divulgação da edição 2019 do Circuito teve início nas plataformas digitais (redes sociais, *site*) e no trabalho de assessoria de imprensa, com a articulação para entrevistas

em rádio e TV. Contudo, uma observação recorrente das últimas edições e que também ocorreu em 2019 foi o início tardio da divulgação do evento na cidade de Penedo, com o uso do material gráfico. Outdoor, faixas de rua, cartazes e panfletos deixaram de ser mais potencializados em termos de repercussão por conta das articulações com os artistas convidados, que por questões de agenda, acabam tendo que confirmar sua participação muito próximo do evento acontecer, e isso faz com que a arte – com a divulgação das “celebridades” aguarde esse tempo.

Essa é uma situação que foge do controle da comunicação e que pode prejudicar um pouco a relação de proximidade com o público local pela falta de uma maior divulgação do evento de forma antecipada. Contudo, por se tratar de uma cidade de interior em que a dinâmica do “boca a boca” é bastante relevante (veremos este dado nos resultados da pesquisa aplicada), quando há a presença de um artista de renome nacional na cidade, logo a informação se espalha e o evento e as peças de publicidade – tardiamente postas na cidade – acabam servindo como complemento da divulgação. Com Marcos Palmeira e Silvero Pereira, na edição de 2019, os outdoors na cidade só foram colocados na semana de festival.

**Figura 12: Arte do outdoor com a divulgação dos artistas da edição 2019 do Circuito**



Fonte: Relatório Geral 2019 – Circuito Penedo de Cinema

É claro que cada ferramenta de comunicação e divulgação é escolhida para uma finalidade, a partir do alcance que tal mídia – seja impressa ou digital – possa gerar. Há, contudo, dentro dos costumes de um festival de cinema, um material que é voltado a um público mais específico e que se torna essencial para quem é mais envolvido diretamente com o universo cinematográfico, porém não exclusivo para este grupo. O programa oficial do evento, um catálogo de tamanho A4 dobrado ao meio, com diagramação frente e verso, contendo sete

folhas e conseqüentemente 28 páginas, coloridas em papel couchê de gramatura 170g, torna-se uma peça de registro e memória para convidados, realizadores e profissionais do meio.

De certo, é um impresso que contém informações detalhadas e minuciosas sobre o festival e todos os seus elementos – programação completa, listagem de todos os filmes de todas as mostras competitivas, não competitivas e paralelas, com sinopse e informações de cada curta e longa metragem – além de trazer a biografia das curadorias, dos júris oficiais, ficha técnica e assinatura dos parceiros, e que não necessariamente fazem parte dos interesses imediatos do restante público, que precisa de uma informação mais prática e objetiva da programação em mãos – para este fim, o panfleto de tamanho A5, colorido frente e verso, contendo um resumo das atividades durante os sete dias do evento, funciona perfeitamente bem.

**Figura 13: Imagens do programa e panfleto em mãos de participantes do Circuito 2019**



Fonte: Arquivo Circuito Penedo de Cinema e arquivo pessoal do autor

Por este motivo, desde a primeira edição do Circuito, estes dois materiais foram adotados como padrão e suas tiragens são diferenciadas: enquanto o panfleto geralmente é rodado em uma quantidade acima das 5 mil unidades, o programa tem em média entre mil e dois mil exemplares. É um material que, para além da sua importância, exige tempo e concentração, passando por inúmeras revisões, sendo uma diagramação complexa e fiel a toda a programação. Por isso mesmo, em muitas edições do Circuito, tem sido o último impresso a ser confeccionado e a chegar, inclusive, ao evento.

O *site* oficial do evento foi a principal plataforma de divulgação de matérias e concentração de informações gerais sobre o festival, como os editais, programação, listagem de filmes por mostra, histórico do evento e fotos da edição atual. Infelizmente, por questões técnicas e falta de armazenamento – do qual já mencionamos anteriormente – não houve migração do conteúdo para o *site* da edição seguinte, não ficando mais disponível na internet

um banco de dados com a memória de 2019. Assim como não encontramos o registro com o levantamento de número de acesso, cliques e visualizações.

Nas redes sociais, que se utiliza de uma linguagem mais moderna para engajar um público predominantemente jovem, houve um trabalho focado em destacar o alcance das publicações. De acordo com o relatório do evento em 2019,

Iniciamos o planejamento para as redes sociais em junho de 2019. Com o apoio de um social media, conseguimos fechar o cronograma de postagens para o período pré-evento e o durante. O foco se deu com o Instagram, visto que hoje é a rede social com maior alcance de público. No entanto, alimentamos também a página do Facebook do Circuito (...) A proposta foi aumentar o quantitativo e o qualitativo do conteúdo programado. Nesta edição, tivemos o total de 95 postagens no Instagram – em 2018 foram 78 postagens –. Vale destacar que todo o alcance foi orgânico, ou seja, não contamos com nenhum orçamento para impulsionamento de publicações (CIRCUITO PENEDO DE CINEMA, 2019, p.11)

O perfil do evento no Instagram teve um aumento no número de seguidores para 527 durante os sete dias de realização do festival. Houve ainda um total de 1.644 compartilhamentos de conteúdos, gerando um engajamento de 196.018 impressões. As mensagens via *inbox* (privado) funcionaram como uma central de atendimento virtual, sobre dúvidas e perguntas dos seguidores. Foram 312 conversas registradas. O quantitativo geral de interações na rede chegou em 6.972 interações.

Apesar da maior interação de público do Circuito Penedo de Cinema acontecer pelo Instagram, o perfil do evento no Facebook foi alimentado a partir de uma curadoria de postagens de uma rede para a outra. Ao todo, foram 173 compartilhamentos dessas postagens, com maior alcance durante a semana do Circuito.

**Figura 14: Prints de publicações realizadas no Instagram, Facebook e Youtube**



Fonte: Relatório Geral 2019 – Circuito Penedo de Cinema

Já no Youtube, o perfil do Circuito foi alimentado com 19 vídeos que foram produzidos durante os dias do evento. Este trabalho contou com uma equipe de registro e produção videográfica, que ficou responsável pela captação e edição das imagens do festival, em 2019.

Foram produzidos:

- 04 “Resumo diário”: vídeos de 2min com o resumo do que aconteceu no evento nas últimas 24 horas e que eram exibidos na abertura das atividades da noite seguinte. Utilizando fundo musical e legendas, os vídeos captavam ações, pessoas, movimentos do festival;
- 06 “Redação Circuito”: material produzido e enviado para a TV Educativa Alagoas. Através de uma parceria com a emissora, os vídeos eram transmitidos dentro dos telejornais e tinham trilha sonora, apresentadora narrando as atividades (em off) e com as assinaturas do Circuito e da TV Educativa;
- 08 “Eu sou o cinema”: produção de uma série de entrevistas com personagens locais que viveram a época dos antigos festivais de Penedo, com o objetivo de gerar um senso de pertencimento atrelado à memória afetiva do passado. Os vídeos foram exibidos nas noites do Circuito e contou com a presença de muitos penedenses prestigiando os conterrâneos na grande tela do cinema.

Ocorreram outras ações de comunicação durante o evento, com o objetivo de movimentar o Circuito e gerar mais divulgação para a cidade. Em parceria com a Rádio *on-line* da Universidade Federal de Alagoas (Rádio Ufal), houve a instalação de um estúdio na praça 12 de abril, com transmissão ao vivo, sempre às noites, com entrevistas e notícias sobre o evento, a partir do Programa Cinema no Ar, apresentado por professores e jornalistas da própria Universidade.

O trabalho de assessoria de imprensa foi realizado a partir das articulações com as rádios e TVs, criando espaços para matérias, reportagens, entrevistas em estúdio e com entradas ao vivo, direto de Penedo. E em cidades do interior de pequeno e médio porte, a presença do rádio ainda é muito forte. Em Penedo, é uma comunicação que funciona, que tem respaldo, audiência e grande repercussão.

Além da clipagem em sites de notícias, uma outra ação – essa nas ruas da cidade – que sempre deu certo, foi o uso de panfletagem e a circulação de carro de som, nas ruas do comércio e região. Duas ferramentas de rua, de fácil acesso e de custo relativamente baixo.

## 5.5. Diálogos com a comunidade local: estímulos ao pertencimento cultural

A história oral e o testemunho", escreve Sarlo em Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva, "reconstituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida (privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou para reparar a identidade machucada<sup>5</sup>

Quando o jornalista Raphael Von Sohsten aceitou o convite em coordenar a comunicação do Circuito Penedo de Cinema em 2019, sabia que o desafio seria grande e, ao mesmo tempo, instigante. Havia participado da edição anterior somente como jornalista, fazendo somente a assessoria de imprensa. Mas foi o suficiente para perceber um detalhe bastante significativo para a relação do evento com Penedo: a falta de diálogo com a comunidade local. A nossa percepção – a partir da nossa atuação como produtor do evento que ocorre desde a edição 2013 – também comprova que a sensação é que o festival “chega”, se instala por uma semana e depois vai embora, criando poucos laços e raízes não tão profundas – que só ressurgem um ano depois, com a realização da edição seguinte. E mesmo durante os dias de atividades, não havia muitos elementos estimulantes que aproximasse o penedense de um dos objetivos do Circuito: resgatar a memória afetiva dos antigos festivais e fazer a população se envolver em todo o contexto cultural do evento.

Durante a entrevista que Raphael concedeu para este trabalho, em 2021, complementada com sua participação em uma mesa redonda em 2022, sobre Comunicação e Cultura, em que o jornalista apresentou o projeto “Eu sou o cinema” como um caso de sucesso – finalizando sua participação com a citação acima mencionada – fica claro o quão necessário foi a vontade de experimentar outras ações que pudessem trazer mais para perto o público de Penedo para o evento – e não somente como espectador, mas também como protagonista.

E neste sentido de pensar a comunicação como um todo, para além das estratégias e ferramentas tradicionais de uma assessoria de evento faz, a gente quis pensar algo diferente, que pudesse diminuir essa sensação de abismo que havia entre o Circuito e comunidade local, e que as vezes foge do campo de visão de uma produção que está na correria com tantas outras frentes de organização, de loucura, de estrutura (...) foi então que em 2019 a gente puxou para a comunicação essa missão de pensar elementos fora da caixa que pudessem germinar durante o evento e que a gente pudesse trabalhar isso de uma forma legal, bacana, leve, para a população se sentir parte integrante, assumindo um pouco de protagonismo, de envolvimento, de que aquilo tudo era pra ela, mas não

---

<sup>5</sup> Citação escrita por Raphael Von Sohsten, coordenador de Comunicação do Circuito Penedo de Cinema desde a edição de 2019, em sua apresentação durante a mesa redonda “Comunicação e Cultura”, dentro da Capacitação em Produção Cultural promovida pela Universidade Federal de Alagoas, em 06 de setembro de 2022.

só para ela, era preciso também ser com ela, a população participando do processo (SOSTEN, 2021)<sup>6</sup>

O primeiro passo foi planejar as ideias e o cronograma das ações previstas que seriam roteirizadas, produzidas e acompanhadas pelas equipes de produção e de comunicação do Circuito. A finalidade do plano de comunicação proposto para a edição 2019 era gerar “maior participação e protagonismo da comunidade penedense no processo de construção do evento, de modo a garantir que a população local se aproprie do evento a partir dos valores próprios da comunidade”. De acordo com o próprio planejamento, essa participação da população “se efetivará por meio da produção de registros audiovisuais com base no repertório local (...) com o convite a se verem projetados durante o Circuito, espera-se ter, também, maior adesão da comunidade à programação do evento” (Plano de Comunicação, 2019, p.1).

As ações foram previstas objetivando:

- Estimular a participação da comunidade no evento;
- Promover a comunicação local do evento;
- Promover as manifestações culturais e personagens locais, no sentido de inserir a população de Penedo no processo de construção do Circuito;
- Trabalhar as temáticas de pertencimento e valorização do patrimônio histórico/cultural da cidade.

A metodologia principal dessa comunicação aproximativa baseava-se em efetuar um mapeamento dos locais, manifestações e personagens da cidade, produzindo assim uma série de entrevistas transformadas em episódios de até 1 minuto, para exibição nos intervalos entre as mostras durante o Circuito.

A ideia era escolher personagens conhecidos em seus bairros ou na cidade por carregarem uma história na comunidade. “(...) o dono da tradicional venda, o professor querido na região, o artista que é patrimônio, o morador mais antigo do bairro (...) entre eles, um ou mais moradores que tenha vivenciado o antigo festival das décadas de 1970/80” (SOSTEN, 2021). A edição 2019 do Circuito pretendia encontrar pessoas que, devido às suas histórias de vida e fazeres, tornaram-se parte do patrimônio de Penedo – ainda (e principalmente) que não tenham sido amplamente conhecidos por isso.

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida por Raphael Von Sohsten para o autor, em 21 de novembro de 2021.



A proposta também incluía a realização de projeções nos bairros de Penedo, durante a semana que antecederesse o Circuito (como uma ação cineclubista), de um *teaser* publicitário dessa série de entrevistas, como forma de convidar a população para o evento, instigando seu interesse em participar do festival, além da divulgação e publicação de todo esse material videográfico nas redes sociais do Circuito. Havia, ainda, a intensificação de mobilização do público infantil e juvenil das escolas públicas e privadas da cidade, como grupos induzidos para a formação de novas plateias do evento.

O roteiro que encontramos nos registros junto com o plano de comunicação mostra os pontos traçados para a realização das ações propostas. Segundo o documento, a execução seguiria itens:

- 07 vídeos (mini documental) de 1 minuto cada;
- 01 personagem por vídeo;
- Vinheta animada com o nome da série;
- Sem narração ou entrevistador, apenas as falas do personagem diretamente no vídeo;
- *Teaser* com narração convidando a comunidade a “se ver” no Circuito, contendo: vinheta, compilado de imagens dos 7 personagens e, ao final, um convite narrado pelos personagens (edição de cada um deles falando uma palavra da frase-convite);
- Exibição itinerante do *teaser* nas praças ou pontos centrais dos bairros durante os 07 ou 10 dias que antecedem o Circuito, no horário de fim de expediente (18h às 19h);
- Exibição dos vídeos nos intervalos das mostras do Circuito.

### **5.5.1. Projeto Eu sou o cinema**

A partir do que já foi mencionado sobre o projeto “Eu sou o cinema”, é importante destacar o seu papel de representação social, dentro de um evento cultural. O propósito de gerar maior participação e protagonismo da comunidade penedense no processo de construção do próprio evento, a partir das histórias e memórias de personagens locais, fez despertar e reverberar vozes de pessoas anônimas, porém, conhecidas na cidade. Moradores que tiveram suas vidas entrelaçadas, direta ou indiretamente, com os festivais de cinema locais, realizados nas décadas de 1970 e 1980, e que na atualidade veem com muita nostalgia o retorno desse movimento na região, através do Circuito Penedo de Cinema.

Sobre o uso da memória como processo exploratório para narrar histórias, Walter Benjamin (1985, p.239) discorre que “...a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio”. Diz ainda que “É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava”.

E foi buscando explorar uma memória afetiva de personagens reais que a edição 2019 do Circuito Penedo de Cinema desenvolveu o projeto “Eu Sou o Cinema”, idealizado pela equipe de Comunicação do festival, a partir das inquietações provocadas pela falta de um diálogo mais próximo com quem faz, de fato, o evento acontecer: o público local.

Realizou-se um trabalho de investigação, mapeamento, identificação e roteirização dos vídeos, com a proposta de serem exibidos antes de cada mostra ou longa-metragem na principal Sala de Exibições, montada na praça 12 de abril.

A estratégia foi vista como forma de, a partir do reconhecimento dos espectadores durante a transmissão dos episódios nas noites das mostras, pudesse haver, ali, um maior estímulo de participação da comunidade no Circuito. No pensamento de que a população pode reconhecer o morador da cidade ali naquele lugar, o entendimento é que a ação serve de aproximação para o sentimento de pertencimento com a própria identidade da retomada do movimento audiovisual, a partir de 2011.

Inicialmente foi previsto a produção de sete vídeos a partir de entrevistas que seriam realizadas antes do evento, para se ter um material de divulgação na ação de circulação nos bairros, já com um *teaser* da série. Porém, imprevistos fizeram com que essa antecedência na produção de todo o material não fosse possível acontecer. Segundo Raphael Von Sohsten, em sua entrevista concedida para este trabalho, o desafio maior foi ter que executar todo o processo de produção, filmagem e edição durante o evento, enquanto as atividades e a programação já estavam acontecendo. Era isso ou abandonar a ideia do projeto.

Já com o mapeamento e os contatos feitos com os moradores que seriam entrevistados, todos eles – os personagens e protagonistas – foram captados pelas lentes do cinegrafista Fernando Brandão, integrante da equipe videográfica do festival. O que era para ter sido filmado em uma semana, acabou sendo realizado em um único dia, no primeiro dia do Circuito. Durante o processo, optou-se em entrevistar mais um morador, ficando a série com oito episódios, um a mais do que o planejamento inicial.

Após a coleta de todo o material, passou-se para a fase da edição e finalização. Um outro desafio posto pela equipe foi o fato de que as entrevistas com os moradores foram longas,

algumas com quase duas horas de duração. Para Raphael, “eles tinham muita coisa pra botar pra fora, enquanto memória, enquanto recordações, enquanto vivências”. Transformar tudo isso em vídeo de 1 minuto – essa era a proposta inicial – ficou inviável. Com isso, cada produção acabou ficando com uma duração média de três a quatro minutos.

No fim, houve tempo ainda da preparação dos *teasers* para promover a ação nas redes sociais e na abertura de cada noite de exibição das mostras competitivas, visando instigar a população a prestigiar os ilustres moradores, que apareceriam na tela do cinema, durante o festival. Os oito episódios foram exibidos a partir da segunda noite do evento.

**Figura 15: Vinheta da série “Eu sou o cinema” sendo projetada na Sala de Exibições**



Fonte: Relatório Geral 2019 – Circuito Penedo de Cinema

A partir da observação dos episódios da série “Eu Sou o Cinema”, foi possível analisar o conteúdo e o modelo adotado pela produção. Disponibilizados no canal do evento no Youtube, os vídeos foram sendo postados sempre após a exibição presencial e servem, até o presente momento, não somente como arquivo videográfico do Circuito, como também possibilita a partilha direta das emoções, das histórias e das memórias dos personagens, para quem quiser assistir dentro de uma realidade atemporal.

Ao todo, os oito episódios renderam aproximadamente 45 minutos de exibição. Os vídeos, sempre iniciados com vinheta padrão que apresentava todos os entrevistados, tiveram um aspecto informal – e por vezes bruto, sem lapidação e sem grandes edições e efeitos.

Observou-se, também, a ausência de um entrevistador, deixando a narrativa mais solta para que os personagens ficassem mais à vontade, a partir das perguntas feitas em *off*, como já era previsto desde a ideia inicial. E apesar de ser uma série de entrevistas sem o propósito inicial

de ser um documentário fracionado em episódios, podemos considerar a linguagem audiovisual utilizada como documental, enquanto modelo narrativo explorado.

Nesse âmbito, voltamos para a discussão de representação social. Bill Nichols (2005), em seu livro “Introdução ao documentário”, afirma que

Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como o conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos (NICHOLS, 2005, p.26-27)

Ao estarem na grande tela de uma sala de cinema montada em praça pública, os oito moradores passam a ser personagens, representantes da comunidade local, transmitindo identidades em forma de memórias. Representam também a aproximação do cinema com as pessoas. O pertencimento, a identificação, o ser real projetado no imaginário subjetivo de cada um, presente no evento.

Eu acredito que o mais importante foi a gente chegar no lugar que a gente gostaria de chegar, o lugar de provocação, de despertar nas pessoas esse olhar da comunidade se enxergando, e era muito massa, velho, as pessoas de fato reconheceram as outras, as pessoas que estavam lá elas se viam e reconheciam aquela figura, então isso é muito interessante. Essa identificação que provoca no público e que torna realmente uma coisa mais próxima. Não é o cinema, aquela coisa lá imensa e distante. É o Toinho, aquele que mora ali na esquina e que agora tá aqui, ao meu lado e ao mesmo tempo ali, no telão (SOSTEN<sup>7</sup>, 2021)

Coincidentemente, o primeiro episódio de “Eu sou o cinema” foi exibido na noite da terça-feira (segundo dia de evento) tendo Toinho, o pescador, como o primeiro personagem dessa série. O morador foi também tema do curta metragem de animação “Poeta do Barro Vermelho”, que participou da Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental – e que, inclusive, foi vencedor pelos dois júris (oficial e popular) como já mencionamos.

Com 86 anos à época, a biografia de Antônio Gomes dos Santos, mais conhecido por Toinho Pescador, o poeta de Penedo, tem uma longa história de luta em defesa do Velho Chico e dos pescadores artesanais. Poeta e pescador, como ele mesmo gosta de lembrar, Toinho já

---

<sup>7</sup> Entrevista concedida por Raphael Von Sohsten para o autor, em 21 de novembro de 2021.

ganhou o prêmio Muriqui em 2007, promovido pelo Conselho Nacional da Biosfera da Mata Atlântica, que agracia pessoas e entidades por suas atividades em defesa da biodiversidade e do conhecimento científico da Mata Atlântica, além de já ter sido presidente da Federação dos Pescadores de Alagoas e membro do Movimento Nacional dos Pescadores. Em 2020, sua trajetória virou livro, com informações sobre sua vida de pescador e suas lutas em defesa do meio ambiente, em especial o Rio São Francisco.

No episódio de quatro minutos e dez segundos, um dos moradores mais conhecidos da cidade de Penedo se apresentou com total naturalidade e nenhuma intimidação por estar na frente de uma câmera de vídeo. Mostrando desenvoltura, lucidez e sempre muito bem-humorado, sentado na varanda de sua casa e mesmo carregando as marcas do tempo no rosto, Seu Toinho transmite orgulho e verdade em tudo o que fala. No primeiro recorte da entrevista, já se apresenta como o primeiro presidente da Federação dos Pescadores de Alagoas, em pleno regime militar. Seguro das palavras e sem dar muitas pausas para pensar, reproduz os gestos de um homem que sempre foi de lutar pela defesa dos seus companheiros. E com um olhar afrontoso, se volta para o entrevistador (que se mantém em *off*) e afirma que “jogava bola sim, jogava bem, fui artilheiro sim do Penedense”, fazendo alusão ao maior time de futebol da cidade.

Retoma a sua fala agora para as lembranças do tempo em que Penedo tinha um cinema. Na espontaneidade, rememora uma cantiga e, cantarolando, ri ao final ao recordar de uma cena vivenciada no cinema, em que toda a plateia passou a cantar “Ai, viuvinha”. Na sequência, o corte seco da edição já mostra Seu Toinho contando a sua relação com o cinema e ao mesmo tempo já emenda com o resgate de um Rio São Francisco da década de 1970, onde o rio era “azul”, uma referência à abundância que se tinha do peixe pirá, uma espécie que se encontra em extinção e que se destaca por ter uma cor azul brilhante, focinho cônico e que pode chegar até a um metro de comprimento.

Voltando-se novamente para o entrevistador, com aquele olhar de quem sabe o que fala com propriedade, aquele olho no olho que prende a atenção, Seu Toinho declama um poema sobre o Velho Chico que, como ele mesmo diz, é velho, mas “eu nem sei quando ele nasceu”. Passando segurança e firmeza nas palavras, ao fim do poema, há a passagem para a vinheta de encerramento deste primeiro episódio da série “Eu sou o cinema”.

**Figura 16: Exibição do primeiro episódio de “Eu sou o cinema”, com Toinho Pescador**



Fonte: Relatório Geral 2019 – Circuito Penedo de Cinema

Seu Toinho foi aplaudido de pé por toda a plateia presente na sala de exibição. Entre moradores, realizadores alagoanos e de outros estados e demais convidados, houve ali um reconhecimento e uma identificação de valor de uma pessoa que, mesmo desconhecida para alguns, demonstra orgulho de sua vida e de sua voz, que sempre foi de firmeza e de luta. Toinho fala não somente para os seus pares pescadores. Ele representa todo aquele morador que sabe e reconhece a importância em defender o Velho Chico.

O segundo vídeo exibido na tela da Sala de Exibições em Penedo teve Tadeu dos Bonecos Gigantes como protagonista. O artista visual de 56 anos à época, nascido em Sergipe, mas que foi morar cedo na cidade de Olinda, migrando depois para Penedo, é um personagem popular na cidade. Não somente pelo seu jeito extrovertido, alegre e brincalhão, mas, principalmente, por ter ganhado destaque e notoriedade por trabalhar com as artes plásticas, em especial na confecção de bonecos gigantes, sendo inclusive o autor do boneco mais alto do Brasil, feito para o carnaval de 2015, chamando a atenção da mídia regional e nacional.

Foi em Olinda, ainda criança, que Tadeu descobriu sua paixão pelas artes visuais. No vídeo produzido de três minutos e quarenta e oito segundos, o artista aparece em seu ateliê, em primeiro plano na tela, tendo ao fundo cabeças e moldes de seus bonecos gigantes. Sempre vaidoso, de óculos escuros, Tadeu começou a entrevista falando justamente do seu dom de produzir arte com uma folha de papel, na escola. Comenta sobre sua paixão pelo frevo e as histórias por qual já passou com os bonecos. Dá gargalhadas meio tímidas quando relembra essas passagens da vida. Sentado numa posição parcialmente inclinada para o entrevistado – que não aparece – muda a feição ao falar dos antigos festivais, da saudade que o cinema deixou

e de como a retomada, a partir de 2011, trouxe novamente um movimento para a cidade. Volta a sorrir ao lembrar de Roberto Carlos, Eva Vilma e outros artistas que já estiveram em Penedo. E finaliza agradecendo a equipe pelo evento, “por vocês estarem promovendo a cultura aqui pra esses jovens, o jovem precisa é de cultura”.

**Figura 17: Imagem da entrevista de Tadeu dos Bonecos para a série “Eu sou o cinema”**



Fonte: Canal Circuito Penedo de Cinema no Youtube

Na terceira noite do Circuito 2019, foram exibidos mais dois episódios da série “Eu sou o cinema”. O primeiro vídeo a ser apresentado foi com um outro grande personagem de destaque na cidade, por seu talento e sua arte. O Mestre santeiro Antônio Francisco Santos, mais conhecido como Timaia, é um escultor de mão cheia que transforma madeira em peças de arte sacra. E foi nos fundos de sua oficina de arte, localizada na praça ao lado da Catedral de Penedo, que o mestre concedeu a entrevista para a equipe do festival de cinema.

Mestre Timaia faz parte da quinta geração de santeiros de Penedo e se orgulha demais em contar isso. Ele teve como professor o Mestre Antônio Pedro dos Santos, descendente da Escola de Santeiros do Penedo. Também conta que seu filho é a sexta geração de santeiros e que essa formação vem desde a construção do Convento Nossa Senhora dos Anjos, que começou a ser construído em 1661. O mestre santeiro é uma das figuras mais relevantes do cenário cultural atual da cidade ribeirinha.

No episódio de três minutos e dois segundos, o artista aparece em seu ambiente de trabalho, cercado de peças religiosas feitas de madeira, e com seus óculos pendurados no pescoço por um cordão – bem típico de quem trabalha com as mãos e não pode perder o acessório entre tantos outros objetos no seu entorno – mestre Timaia, quando fala de seu amor

por arte, se vira e logo pega uma de suas produções, a mais próxima que ele encontra de si, enfatiza e demonstra paixão por aquilo que faz e de sua preocupação em passar o ofício para seus filhos, na esperança de que as tradições de arte sacra não se percam no município.

Relembra que os festivais de 1970-80 sempre abriam espaços para exposições – e que era uma forma de divulgar seu trabalho dentro daquela festa. Volta no tempo e lança um sorriso no rosto, ao rememorar o quão importante era para os jovens a presença do Cine São Francisco e do Cine Penedo. Com um conhecimento rico da relação do passado e do presente e com uma consciência segura, conversa gesticulando como se ali não existisse uma câmera, com total domínio de sua oratória. A vivência e a memória com que guarda as recordações da época em que Penedo respirava cinema, com produções em super-8, mostra o quanto Timaia sempre foi envolvido com o movimento cultural da região. Para ele, “hoje o cinema perdeu espaço para a internet e os jovens precisam se aproximar mais do contato com a sétima arte”.

**Figura 18: Mestre Timaia, no terceiro episódio da série “Eu sou o cinema”**



Fonte: Canal Circuito Penedo de Cinema no Youtube

O quarto episódio exibido durante o Circuito Penedo de Cinema foi a entrevista concedida pelo escultor e pintor Castanha. Em sua oficina e cercado por suas obras – pinturas em tela, esculturas em pedra e em bronze – o artista de 55 anos na época da gravação deste vídeo iniciou suas esculturas ainda criança, observando outros artesãos da cidade. Autodidata, Castanha conta também que adorava os festivais de cinema, andava com os atores e celebridades que por ali passavam. O artista, que fala com uma certa dificuldade por conta de um derrame sofrido há um tempo, revelou ainda que colocava “cabelo de milho” embaixo das axilas para dizer que era jovem e que já tinha idade para entrar nos cinemas da época.



Nos dois minutos e trinta e três segundos do vídeo, Castanha ainda conta que acompanhava o porteiro do cinema quando o mesmo ia queimar os ingressos já utilizados, na esperança de apagar o fogo e resgatar algum inteiro, para não precisar pagar em outra sessão. Essas vivências resgatadas pela memória do escultor arrancaram grandes gargalhadas no público presente à sessão de exibição do episódio.

**Figura 19: O escultor Castanha com uma de suas esculturas na mão, em “Eu sou o cinema”**



Fonte: Canal Circuito Penedo de Cinema no Youtube

Na quarta noite do Circuito, com o público mais se fazendo presente na programação do evento, foram exibidos dois novos episódios da série “Eu sou o cinema”. O primeiro da noite foi a entrevista realizada com o poeta e professor Chico. O artista revelou sua paixão pela cultura e sua trajetória no segmento, durante a edição de três minutos e quarenta e três segundos.

Revelou ainda que sua casa era próxima ao Cine Penedo e foi justamente lá onde assistiu, pela primeira vez, um filme em uma sala de cinema, ainda criança. “Eu me lembro de uma apresentação do Quinteto Violado, na frente da Catedral, com sua formação original. Era uma época em que Penedo tinha uma movimentação cultural grande, não era só o cinema aqui”.

A lembrança marcante da festa durante os festivais, os artistas nas ruas, as várias apresentações que aconteciam em diversos pontos da cidade, tudo isso foram memórias que voltaram nas lembranças de Chico, que falava com bastante emoção e saudosismo. Encerrou sua entrevista declamando um poema que não foi identificado no vídeo.

**Figura 20: O poeta e professor Chico, no quinto episódio da série “Eu sou o cinema”**



Fonte: Canal Circuito Penedo de Cinema no Youtube

Em um vídeo de pouco mais de três minutos, a sexta entrevista coletada pela equipe de comunicação e transformada em episódio foi realizada com Egno, administrador do Teatro Sete de Setembro, o primeiro a ser erguido e entrar em funcionamento em todo o estado de Alagoas. É difícil ter alguém em Penedo que não conheça o teatro da cidade e, conseqüentemente, Egno.

Por mais de 25 anos, ele trabalha no prédio cultural e a entrevista não poderia ter ocorrido em outro cenário. Na galeria de assentos do primeiro andar do teatro, Egno revela sua grande admiração pelo cinema e pela cultura, lembrando um pouco sua própria trajetória em Penedo, juntamente com o movimento de resgate cultural para fazer o teatro ser conhecido pela juventude da região.

De fala mansa e brilho nos olhos, Egno transmite veracidade através do tom de sua voz, do seu olhar desencontrado com a emoção de falar daquilo lhe traz boas recordações, com um conhecimento de causa, como ele mesmo diz, de quem vivenciou a época dos antigos festivais e de quem agora está participando dessa retomada, juntamente com o Circuito.

Sua lembrança traz ainda fatos históricos importantes, como a desavença que houve entre os donos do Cine Penedo com o proprietário do Cine Ideal, que por um período ocupou o teatro, utilizando-o como um cinema – aproveitando-se de sua estrutura mais confortável. O corte para a vinheta de encerramento é feito e o espectador fica com a sensação de não ter tido o desfecho de um enredo verídico, sobre a história dos cinemas em Penedo. Na sala de exibição, houve-se, inclusive, um burburinho de lamentação, no estilo fofoca de bairro contada pela metade.

**Figura 21: Episódio 06 de “Eu sou o cinema” com Egno, dentro do Teatro Sete de Setembro**



Fonte: Canal Circuito Penedo de Cinema no Youtube

Até aquele momento, já haviam sido exibidos seis dos oito episódios da série “Eu sou o cinema”. Inicialmente programado para haver duas exhibições por noite, decidiu-se separar os dois últimos episódios. O penúltimo, com as irmãs Sassá e Cessé, seria transmitido na noite da sexta-feira que também teria, na programação, a longa metragem “Minha vida em Marte” com a participação do ator Marcos Palmeira. E o último episódio da série ficou para ser exibido na noite do sábado, juntamente com o filme “Bacurau” e artistas convidados. Por estratégia para atrair mais público e para ter mais pessoas prestigiando os episódios finais da série.

Sendo assim, a sétima entrevista foi realizada com as irmãs Sassá e Cessé, bilheteiras que trabalharam no Cine Penedo e Cine São Francisco. Talvez não houvesse escolha melhor para resgatar a memória afetiva dos antigos festivais da cidade. As duas senhoras protagonizaram uma divertida contação de história, cercada de lembranças espontâneas em um bate papo descontraído e bem-humorado.

Apoiada em uma janela aberta de sua casa, que possui uma vista privilegiada do rio São Francisco, o episódio já mostra Sassá chamando por sua irmã, que estava em outro cômodo da casa. Há um corte na edição e a partir daí, Sessé surge na tela ao lado da irmã e ambas vão trazendo lembranças complementadas uma pela outra, memórias e histórias da época em que atuavam nos dois cinemas. Em vários momentos, as duas falavam ao mesmo tempo, mas havia ali a ânsia em não esquecer de falar nada sobre aquele período em que elas viveram com bastante intensidade.

Com seus cabelos totalmente brancos, Sassá revela que trabalhou 13 anos na bilheteria do Cine Penedo. “Aí o cinema fechou e eu fui pra sorveteria” (risos na plateia na sala de

exibição do Circuito porque ninguém entendeu se ela foi trabalhar na sorveteria após o Cine Penedo fechar ou se ela foi tomar sorvete depois que o cinema fechou).

Vieram os Trapalhões, Robertos Carlos, Ronnie Von a cidade ficou superlotada de gente (...) turista? Toda noite o cinema era cheio, cheio, cheio, cheio. Todo mundo queria ver os artistas (...) a Gazeta veio, me filmou no Cine São Francisco (...) meu Deus, eu trabalhei tanto neste mundo, o cinema era um tapete, era o melhor do nordeste. Quando o cinema foi construído, ele era o melhor do nordeste. Chegou uma pessoa assim de fora pra mim e disse “cuidado que o cimento tá mole”. Quando eu vi, era o tapete. E o telão? Quando tocava o sino, ele abria. Quando tocava assim, ele fechava. Você conhece ele? (SASSÁ e CESSÉ, 2019)

A divertida entrevista das irmãs Sassá e Cessé foi resgate de uma representação de um passado, no presente. O jeito simples e descontraído das duas contarem suas histórias fazia qualquer um ficar preso no vídeo. Durante cinco minutos e cinco segundos, elas foram lembrando das situações, enquanto o público presente na sala de exibição ia se envolvendo com as protagonistas. Relembrou vários momentos da época em que as celebridades da televisão andavam por Penedo e transformaram um depoimento em um testemunho carregado de afetividade em cada memória compartilhada, fazendo as duas receberem uma calorosa e demorada salva de palmas, ao final da exibição.

**Figura 22: Episódio 07 da série “Eu sou o cinema” com as irmãs Sassá e Cessé**



Fonte: Canal Circuito Penedo de Cinema no Youtube

Encerrando a série de entrevistas “Eu Sou o Cinema”, o oitavo e último episódio foi exibido na noite do sábado, dia 30 de novembro de 2019, penúltimo dia de programação do Circuito Penedo de Cinema. Historicamente, o sábado é o dia em que tem uma maior circulação

de público dentro e fora da sala de exibições. Por ser o dia em que as pessoas estão descompromissadas com trabalho e que podem ficar até mais tarde, aproveitando o entretenimento do festival.

Para além disso, essa noite do sábado ainda contou com a exibição do longa metragem *Bacurau* (2019) – que estava no auge do seu sucesso à época – além das presenças dos artistas Danny Barbosa e Silvero Pereira, este em evidência midiática nacional também à época. Ou seja, já seria naturalmente uma noite de grande lotação na sala. Contudo, a nossa observação participante nos traz a subjetividade da presença do público também pela exibição do derradeiro episódio de “Eu sou o cinema” com o Nazo, figura folclórica da cidade conhecida por todos.

Para Raphael Von Sohsten, a presença de Nazo e a reação do público naquela noite poderia indicar um termômetro sobre a receptividade do projeto para a comunidade local.

Ai, gente... o Nazo! Primeiro que eu não sabia se ele ia estar presente no dia da exibição. Então eu fiquei muito apreensivo pensando se ele iria aparecer, porque eu tinha muito medo como ele ia receber isso. De certa forma, a gente fez uma entrevista de duas horas e colocou tudo isso em 4 minutos! Então era a história de vida dele, como é que isso ia chegar para ele (...) porque ele se expõe bastante no vídeo, ele fala da vida dele, ele fala dos traumas, das cicatrizes todas e eu não sabia como seria essa reação dele nem do público. E foi logo no dia do Bacurau que esse vídeo foi exibido, antes da exibição do Bacurau e a sala estava absolutamente, absurdamente lotada e o Nazo estava presente (SOSTEN<sup>8</sup>, 2021)

Performático e com roupas sempre coloridas, Nazo, um aposentado de 65 anos à época, tornou-se um personagem em Penedo devido a sua irreverência e alegria, sempre levada para as ruas da cidade por onde passa. Com seu vestido carregado de brilho e lantejoulas, pulseiras e colares como acessórios e uma maquiagem leve e discreta – talvez pelo calor que fazia na cidade - no vídeo de pouco menos de cinco minutos, Nazo já inicia a entrevista revelando ter sido espancado pela família, aos 12 anos, por ser homossexual. Compartilha com o espectador um pouco de seu sofrimento vivido ao longo dos anos sem se preocupar com exposição ou julgamentos. Em seu corpo magro, ele mostra a marca deixada por uma queimadura feita por seu irmão, na região superior do braço. Contou que engoliu um dente após ter levado um murro de outro irmão, apenas pelo fato dele ser gay.

O tom natural como ele conta sua história demonstra uma pessoa que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas, não esconde o que é com um prazer de ter sido um sobrevivente. Olhando sempre para o entrevistador (que sempre se manteve *off* em todos os episódios), Nazo

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida por Raphael Von Sohsten para o autor, em 21 de novembro de 2021.

gesticula com uma das mãos, enquanto a outra segura firme o celular. Assume um tom mais firme quando fala que naquela época – ele ainda criança – não existia os termos que hoje são conhecidos. “Não existia lésbica, não existia homossexual, não existia bi. Era marico. E viado, essa palavra pesada”.

Em outro recorte da entrevista, Nazo fica de pé para mostrar a forma como os irmãos o pegavam por trás, amarrando-o para ser espancado. A câmera retrai o *zoom* para ficar em plano aberto e dar destaque ao protagonista por inteiro.

Quando eu descobri que eu era homossexual, o meu sonho era um dia sair da companhia da minha família porque eu achava muito bonita, achava não, ainda acho, uma mulher bem-vestida, bem calçada, bem maquiada, salto alto, meu sonho era esse (...) as estrelas brilham lá no céu e eu brilho na terra, a noite e o dia porque eu adoro roupa com pedraria (NAZO, 2019)

A edição do vídeo corta para outro ponto da entrevista – afinal, foram mais de duas horas de captação de imagens – e Nazo aparece já comentando sobre sua relação com o cinema. E revela que nunca gostou de filmes e novelas. Não assistia por falta de tempo, pois precisava trabalhar dia e noite para se manter. E até hoje nunca assistiu um filme. “A novela quem faz sou eu, o filme quem faz sou eu”. O vídeo é finalizado com Nazo externando que “sempre eu digo para os meus amigos homossexuais. É homossexual? É. Desde quando você descobrir que é homossexual, procure estudar, se formar, trabalhar, alugar uma casa pra morar. Desocupar-se da tutela do seu pai”.

**Figura 23: Nazo sendo entrevistado para o episódio 08 da série “Eu sou o cinema”**



Fonte: Canal Circuito Penedo de Cinema no Youtube

Assim como ocorreu com a exibição do primeiro episódio da série – com Toinho pescador – toda a plateia ficou de pé para aplaudir Nazo, que se encontrava presente e foi ovacionada por todos. Em um gesto de respeito, as luzes da sala de exibição foram acessas, para que todos pudessem conhecer Nazo, que mesmo da plateia, entre as pessoas, foi identificado e reverenciado. Até o fim deste trabalho, o vídeo do episódio de Nazo, postado no Youtube, continuava sendo o segundo vídeo mais visto do canal do Circuito na plataforma, perdendo apenas para uma entrevista do ator Irandhir Santos, gravada e publicada em 2018.

E depois da exibição, eu fui falar com o Nazo, saber o que ele tinha achado do resultado. E eu lembro que ele esticou a mão pra me cumprimentar, agradecendo, falando que adorou se ver na tela do cinema, as pessoas aplaudindo ele (...) e aí eu perguntei se eu podia dar um abraço nele. E eu só pensava "ufa, deu certo". E outra coisa muito interessante foi o respeito com que as pessoas estavam ali, aplaudindo ele no fim da exibição. E depois eu fui dar uma volta na praça, fumar um cigarro aliviado (risos) e ele tava lá, desfilando, parecendo uma celebridade. Era o momento dele. E tanto que depois disso, ele virou protagonista de um curta metragem produzido por uma professora da Ufal. Então o nosso esforço germinou, deu certo, repercutiu, criou outros produtos de pertencimento e identificação cultural. Deu certo, deu certo (SOSTEN<sup>9</sup>, 2021)

De tanta repercussão positiva, Nazo acabou sendo convidado para protagonizar o seu próprio curta-metragem: “Nazo – dia e noite Maria”, produzido pela professora da Ufal, Andréa Paiva, em 2021, que conta sobre a discriminação enfrentada na luta por sua identidade de gênero. O filme já participou de vários festivais pelo Brasil, sendo premiado em alguns destes.

Um dos aspectos mais marcantes de toda a série foi a memória afetiva e o saudosismo dos personagens com os antigos festivais. E o destaque da importância da retomada do movimento audiovisual, através do Circuito Penedo de Cinema. Sobre memória, Pierre Nora (1993) diz que:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações... A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente... (NORA, 1993, p.9)

A utilização de uma narrativa pessoal, carregada dessa memória afetiva, fez com que a série de entrevistas “Eu Sou o Cinema” ganhasse um destaque importante dentro das estratégias de aproximação com o público local do Circuito Penedo de Cinema. Na edição de 2019, foi

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida por Raphael Von Sohsten para o autor, em 21 de novembro de 2021.

possível observar que a presença dos espectadores na sala de exibição do festival aumentava dia a dia, e uma das hipóteses que levantamos é a intensificação de divulgação dos episódios da série e do reconhecimento das pessoas com aqueles moradores ilustres, sendo exibidos na tela do cinema.

**Figura 24: Público tirando foto do episódio com Toinho Pescador: empatia, identificação**



Fonte: Relatório Geral 2019 – Circuito Penedo de Cinema

O documentário, além de registrar depoimentos, ele capta emoções. Através dos gestos, das feições, da fala e do comportamento no vídeo, o espectador consegue se envolver com o conteúdo exibido; é capaz de emocionar, de prender e de chamar a atenção; é estratégico no que se propõe a causar e é um recurso que gera empatia, identificação e representação, a partir das histórias contadas com sentimento e emoção.

### **5.5.2. Cineclube nas escolas**

Outra ação de estímulo ao pertencimento e aproximação cultural do evento com a comunidade foi o desenvolvimento das atividades de execução do projeto cineclubista Cine Artpopular, tendo como foco a circulação de exibições nas escolas da rede pública e privada de Penedo, ocorrida duas semanas antes do início do evento principal.

Com o objetivo de promover exibição de curtas-metragens e debates nas escolas de ensino fundamental e médio da cidade e região, as atividades buscaram refletir sobre questões do cotidiano das crianças e adolescentes nos ambientes familiar e escolar a partir do cinema.



A metodologia consistiu em planejar, articular e executar a ação nas escolas. Primeiramente, foram realizadas reuniões curatoriais de seleção dos filmes. Na sequência, iniciou-se o processo de divulgação e articulação junto às escolas, para que elas mesmas pudessem informar a faixa etária do público preterido e o melhor horário de aplicação da atividade nas dependências da instituição de ensino. Por fim, foi executada a itinerância cineclubista nas escolas.

A realização das atividades ficou a cargo do Projeto Cine Artpopular, responsável pela curadoria, pelas exhibições e condução dos debates junto aos jovens e adolescentes, alunos das escolas contempladas. Todos os filmes exibidos compõem o acervo do Circuito Penedo de Cinema, que vem sendo formado ao longo das últimas edições realizadas na cidade.

A ação cineclubista não tem como finalidade a exibição de filmes como forma de entretenimento, todavia, entendê-los como uma ferramenta pedagógica importante para o ensino e sua interculturalidade. Na itinerância, é promovido o deslocamento do cinema para outros espaços, nesse caso, as escolas, entendendo-as como ambientes para a construção da diversidade, do exercício da cidadania e democratização do acesso ao saber.

Constituiu-se ainda, numa grande oportunidade de articulação, divulgação, mobilização e agendamento das escolas de Penedo participarem das atividades do Circuito Penedo de Cinema 2019, criando assim, para além da indução, formação e fidelização de público, um estreitamento dos laços com o evento, gerando mais aproximação e mais pertencimento e identificação cultural como processo de continuidade do movimento já iniciado na escola.

**Figura 25: Público infantil e juvenil nas escolas participantes da ação cineclubista**



Fonte: Relatório Geral 2019 – Circuito Penedo de Cinema

Através dos registros coletados por este trabalho, observou-se que esta é uma ação que ocorria nas primeiras edições do Circuito Penedo de Cinema, quando ainda era apenas Festival de Cinema Universitário de Alagoas. Por meio da parceria com outros cineclubes de Penedo e Maceió, principalmente, a itinerância ocorria em bairros da cidade, antes e durante a realização do evento, como forma de promover o cinema e divulgar o festival. Com o passar dos anos, a parceria com os cineclubes foi diminuindo e essa ação acabou sendo secundarizada.

Em 2019, com a retomada do projeto de extensão Cine Artpopular, há esse resgate de uma ação tão aproximativa com a comunidade local, porém com o foco voltado agora para o público infantil e juvenil, das escolas penedenses. Nesse contexto, neste ano foram contempladas sete escolas da rede pública e privada do ensino infantil e médio de Penedo e também da cidade de Igreja Nova, atingindo 600 alunos, conforme quadro abaixo (Tabela 06):

**Tabela 06 – Quadro de escolas contempladas na ação cineclubista Cine Artpopular**

ESCOLA	ALUNOS ATENDIDOS	NÍVEL	MUNICÍPIO	REDE
Instituto Federal de Alagoas	110	Médio	PENEDO	PÚBLICA
Escola de Educação Básica Irmão Francisco	60	Educação Básica Infantil	PENEDO	PRIVADA
Escola Estadual Hermilio de Freitas Melro	90	Educação Básica Infantil	PENEDO	PÚBLICA
Escola de Educação Infantil Lúcia Nogueira	108	Educação Básica Infantil	PENEDO	PÚBLICA
Escola Estadual Professor Pedro Reys	90	Fundamental	IGREJA NOVA	PÚBLICA
Escola Municipal de Educação Básica Vereador Manoel Soares de Melo	112	Fundamental	PENEDO	PÚBLICA
Colégio Imaculada Conceição	30	Fundamental	PENEDO	PRIVADA

Fonte: Elaboração do autor, com base em informações do Relatório Geral 2019 do Circuito Penedo de Cinema

Uma observação relevante, a partir de uma percepção empírica nos locais em que a ação cineclubista ocorreu, é a identificação de um público que já conhece o Circuito Penedo de Cinema. Principalmente com o público juvenil, alguns apontaram já ter participado das atividades do evento e consideraram importante a exibição nas escolas. Isso reflete a continuidade

e ligação que as ações devem ter, visando o desenvolvimento do hábito e do gosto pelo cinema nacional bem como o estímulo à formação de público para este produto cultural.

### **5.5.3. Formação de plateias: mostras de cinema infantil e ambiental**

Em se tratando de formação de públicos e continuidade dos vínculos afetivos entre o evento e a comunidade local, a Mostra de Cinema Infantil e a Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental desenvolvem um trabalho educativo no envolvimento de escolas para a composição de plateias durante a realização do Circuito Penedo de Cinema. Observa-se que a parceria firmada com a Secretaria de Educação Municipal e com a rede privada de ensino permite um fluxo natural de interesse, por parte das escolas, em participarem do evento a partir de uma articulação que já vem desde as primeiras edições do festival.

A Mostra de Cinema Infantil é realizada desde 2011. Como já vimos neste trabalho, começou como Mostra Sesc de Cinema Infantil, depois passou a ter uma curadoria juntamente com cineclubes e, de 2015 para cá, passou a ter uma curadoria própria, tendo professores da Universidade como integrantes deste grupo de seleção.

O trabalho consiste não somente em escolher os filmes que serão exibidos durante o festival de cinema. A partir da entrevista concedida para o nosso trabalho pelo produtor cultural que acompanha a Mostra Infantil, Fernando Artur Martins, notamos uma preocupação em separar curtas metragens infantis por temáticas. E para além de apenas exibi-los, há interação com o público infantil, puxando os assuntos para um lado mais pedagógico.

Durante o Circuito, nos intervalos entre as exibições dos curtas, professores/pedagogos integrantes da Curadoria se revezam na interação com as crianças, sempre abordando os temas relacionados aos filmes como o bullying, a diversidade racial, as boas maneiras, a identidade cultural, o comportamento e a acessibilidade (MARTINS, 2021)<sup>10</sup>

As sessões da Mostra de Cinema Infantil ocorrem sempre pela manhã e na edição 2019 repetiu-se o formato já consolidado da atividade: três manhãs com sessões de três horas de duração (das 8h às 11h), levando-se em conta que as aulas de educação básica da rede pública e da rede privada acontecem pela manhã. A prefeitura fornece o transporte para o deslocamento dos alunos da rede pública até o local do evento e o seu retorno à escola, garantindo desta forma, a efetiva participação daquelas crianças em todas as sessões da Mostra.

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida por Fernando Artur Martins para o autor, em 23 de novembro de 2021.

É importante ressaltar que o trabalho de divulgação e mobilização realizado durante a execução do Cine Artpopular nas escolas possibilita uma parceria fortalecida de articulação e comprometimento das direções com a viabilização da ida dos alunos.

Em 2019, foi a primeira vez que a produção do Circuito abriu o processo de inscrições para que os realizadores pudessem submeter seus curtas metragens no processo de seleção da Mostra de Cinema Infantil. Mesmo não sendo competitiva, houve um número considerável, porém não suficiente para formar uma grade de três dias de programação. Considerando os diferentes temas norteadores propostos, a curadoria decidiu complementar a grade buscando como referência, a programação de outros festivais e mostras de cinema infantil ocorridas no país, coletânea de animações e direitos humanos, além de curtas convidados.

**Figura 26: crianças na sessão da Mostra de Cinema Infantil**



Fonte: Relatório Geral 2019 – Circuito Penedo de Cinema

As sessões da Mostra de Cinema Infantil ocorreram na sala de exibições montada na praça 12 de abril. Ao chegarem na praça, as crianças eram recepcionadas pela equipe de monitores do evento, com bastante animação e alegria. Ao entrarem na sala, algumas dessas crianças nunca estiveram em uma sala de cinema. Para elas, era um novo mundo: o tapete vermelho que se estendia da entrada até o palco; a grande tela, que causa impacto e chama atenção de quem não tem familiaridade com o ambiente; as “tias” e a “boneca” falante, que interagem e conversam com as crianças enquanto elas recebem gratuitamente saquinhos de pipoca para acompanhar os filmes; o ar-condicionado, a sala escurinha, o filme na tela. Durante as sessões, há gargalhadas, gritaria, palmas e muita vontade de permanecer ali. Mas às 11h, os ônibus começam a chegar para buscar as crianças e levá-las de volta às suas escolas. Algumas mães, inclusive, acompanham seus filhos. Empiricamente, o que percebemos é uma satisfação

delas, ao vê-los encantados com aquele universo do cinema, algo que não faz parte do cotidiano nem das mães nem das crianças. No total, foram 1.742 crianças presentes nas sessões da Mostra Infantil durante os três dias de atividade.

A Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental mantém a mesma sistemática e metodologia da Mostra Infantil, em relação ao seu público, que é formado por jovens do ensino fundamental e médio da rede pública e privada da cidade, a partir do mesmo processo de articulação com diretores e com a Secretaria Municipal de Educação, que viabiliza o transporte da rede pública.

Diferente da Infantil, a Mostra Ambiental tem a exibição dos filmes e logo depois tem debates com convidados sobre as temáticas abordadas, inclusive na edição 2019 houve a presença do ator Marcos Palmeira, que se colocou a disposição para conversar sobre meio ambiente e desmatamento na Amazônia. Contudo, desde que a mostra passou a ser competitiva, há uma atenção mais sensível da curadoria em relação ao debate que é gerado após a exibição dos curtas, para que não haja uma interferência direta no voto do júri oficial e do júri popular – essa é uma outra diferença para a Mostra Infantil, onde os jovens presentes na Mostra Ambiental podem votar para escolher o seu curta metragem preferido, gerando aproximação e um maior pertencimento com o evento.

A Mostra Velho Chico de Cinema Ambiental tem como objetivos ainda a promoção de mais um espaço de discussão acerca da temática ambiental, com um foco que busca privilegiar o debate sobre os problemas relacionados a Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. Objetiva também, sensibilizar os diferentes segmentos da sociedade, especialmente a população ribeirinha, para um olhar mais atento ao rio São Francisco e as agressões por ele sofrida ao longo de toda a sua calha.

Na edição de 2019, a mostra contou com 19 filmes, que foram divididos em três sessões realizada no período da tarde, das 14h às 16h. A mostra contou com filmes de Alagoas, Ceara, Goiás, Minas Gerais, Paraíba, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e São Paulo, contemplando no total de nove estados brasileiros.

O público total circulante nas três sessões da Mostra Ambiental, vindo das escolas agendadas, foi de 1.620, mantendo o patamar de jovens participantes das edições anteriores.

## **5.6. A relação do evento com a comunidade local a partir da sua própria análise**

Como já mencionamos anteriormente, este trabalho se utilizou da análise de todo material disponibilizado pela comissão organizada do Circuito Penedo de Cinema, além da investigação e levantamento de informações, complementada por nossa observação participante enquanto membro integrante da produção executiva do evento – condição que vem desde a terceira edição, em 2013. Contudo, foi necessária, para além da pesquisa documental, a aplicação de questionários com a comunidade local, de cunho qualitativo e quantitativo, com o objetivo de analisar a relação cultural entre o evento e moradores e empreendedores locais.

A presente pesquisa, portanto, foi realizada durante as atividades da 11ª edição do Circuito Penedo que ocorreu entre os dias 22 e 28 de novembro de 2021 e, apesar deste trabalho se debruçar sobre a edição 2019, os assuntos abordados nos questionários aplicados perpassam por uma identificação de perfil da comunidade e de suas relações culturais com o evento que vão além da análise de uma edição isolada. Investigou-se também a identificação cultural e a visão que a comunidade local tem quanto à organização e modelo do próprio Circuito, que mantém basicamente o mesmo formato desde 2016, quando passou a instalar uma grande estrutura de sala de exibição climatizada na praça 12 de abril, como principal espaço para as mostras competitivas e demais atividades da grade de programação.

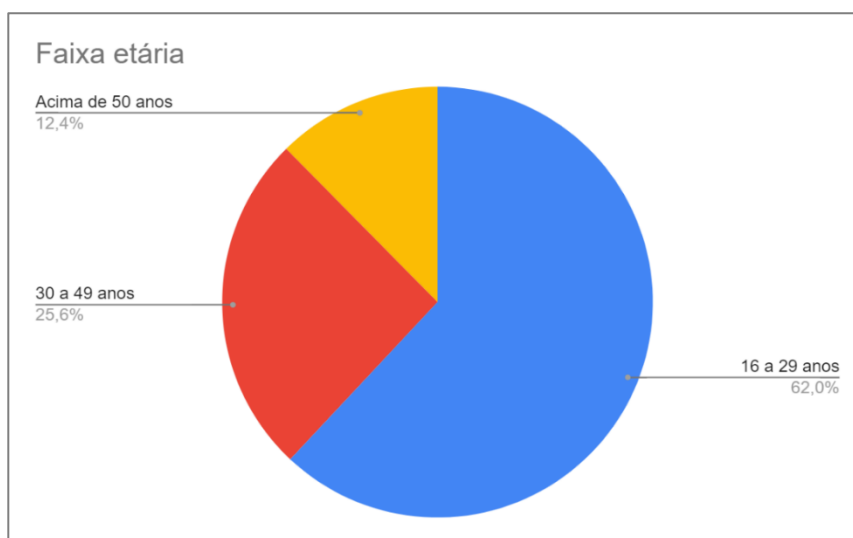
Para o alcance dos objetivos propostos por esta pesquisa, escolheu-se coletar os dados a partir do terceiro dia do evento, durante às noites na praça 12 de abril. Foram visualizados dois grupos como público-alvo e por isso, na abordagem inicial, eram realizadas duas perguntas-filtro para confirmar se os entrevistados eram moradores de Penedo e se tinham mais de 16 anos. Neste cenário, foram aplicados 139 formulários, sendo 121 questionários com pessoas aleatórias identificadas como morador local (grupo 1) e 18 entrevistas respondidas por empreendedores locais (grupo 2), também devidamente encaixados dentro do perfil necessário.

Para o morador local, o questionário possuiu 17 perguntas, sendo 15 de caráter objetivo e 02 questões subjetivas. Para o empreendedor local, foram 15 perguntas, sendo apenas 02 abertas. Todo o material coletado foi tabulado, utilizando-se a ferramenta Google Forms, gerando estatísticas e, juntamente com as informações separadas e analisadas pelas respostas qualitativas, foram interpretadas e transformadas em produção textual. Aqui, apresentamos os resultados da pesquisa aplicada e separada pelos dois grupos abordados.

### **5.6.1 Grupo 1 – morador local**

Quando partimos para a análise do grupo formado por moradores locais, a pesquisa revela um perfil de público jovem, solteiro, com escolaridade entre o ensino médio e superior e que é conectado com as redes sociais. Dos 121 entrevistados, 69,4% são do gênero feminino, 29,8% masculino e 0,8% outros. Conforme o Gráfico 01, a faixa etária predominante deste grupo é dos 16 anos aos 29 anos de idade.

**Gráfico 01: Faixa etária (grupo 1 – morador local)**



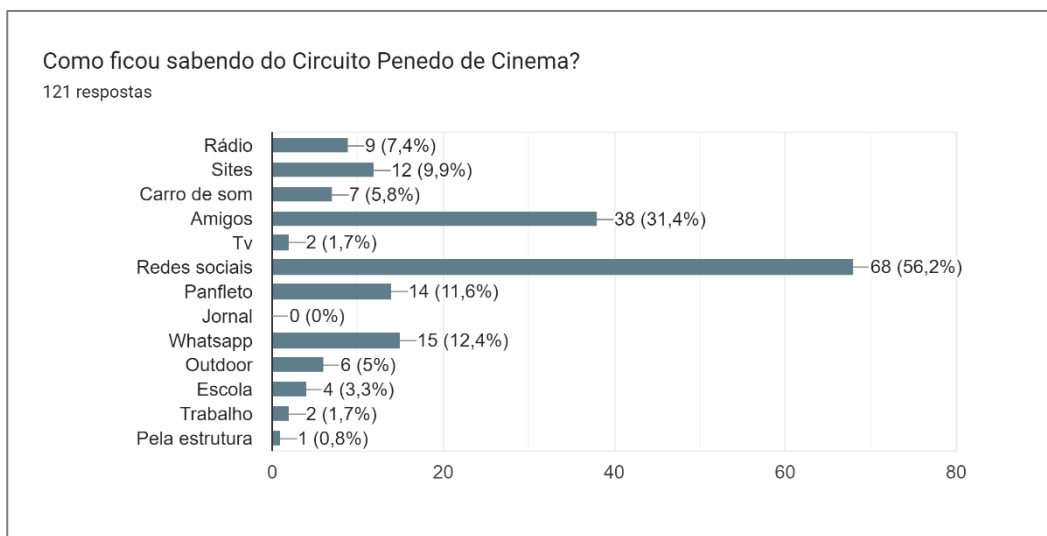
Fonte: Elaboração do autor (2022)

Um total de 26,4% dos entrevistados são casados enquanto 67,8% marcam o seu estado civil como solteiro. Quanto ao nível de escolaridade, a maioria deste grupo tem o ensino médio: 45,5%. Enquanto 13,2% têm apenas o ensino fundamental e 40,5% têm (ou está) no ensino superior. A hipótese para este último dado é o reflexo da presença da Universidade Federal de Alagoas na cidade, que oferta cinco cursos de graduação e que tem grande impacto de formação social e cultural, principalmente, para os jovens de Penedo.

Quando perguntados sobre a forma como ficou sabendo do Circuito Penedo de Cinema, os entrevistados responderam a partir das opções que lhe foram dadas: rádio, sites, carro de som, amigos, tv, redes sociais, panfleto, jornal, WhatsApp, outdoor e outros. A maioria absoluta respondeu redes sociais (56,2%), reflexo de um público mais jovem e conectado com as novas tecnologias. Contudo, a divulgação feita entre amigos foi responsável por 31,4% das respostas, o que leva ao entendimento que há ainda uma presença considerável do chamado “boca-a-boca”, a frente de outros meios de comunicação, como rádio (7,4%) e outdoor (5%). As ferramentas digitais continuam com destaque (9,9% sites e 12,4% WhatsApp), enquanto o

impresso panfleto representa 11,6% das escolhas. No gráfico 2, abaixo, todo o detalhamento deste quesito:

**Gráfico 02: Como soube do evento (grupo 1 – morador local)**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

A pesquisa revelou que 78,7% dos entrevistados já haviam participado de alguma edição anterior do Circuito Penedo de Cinema. 19,8% estiveram em todas as edições desde 2011, 21,5% marcaram presença em mais de cinco edições e 37,2% foram em até cinco edições. Para 21,5% dos que responderam, aquele era a primeira vez que estavam no evento.

Um outro dado que dialoga com essa presença do público em edições anteriores mostra onde foi a primeira experiência do entrevistado com o cinema, enquanto espaço físico. Para 42,1% dos entrevistados, foi o Circuito quem promoveu este primeiro contato com uma sala ou espaço de projeção. Enquanto que 43% foram através de uma sala de cinema convencional e 13,2% deste grupo vivenciou um primeiro contato por meio dos antigos festivais e/ou cinemas de Penedo, nas décadas de 1970 e 1980.

Para 51 pessoas em um universo de 121 entrevistados, o Circuito Penedo de Cinema significou o seu primeiro contato com uma sala de cinema. Deste recorte, 39 pessoas estão na faixa etária dos 16 aos 29 anos, 11 estão entre 30 e 49 anos e apenas 01 pessoa, acima dos 50 anos. Esse retrato mostra que ao longo das onze edições realizadas em Penedo, o evento promove uma nova vivência para uma parcela da população, que muitas vezes não tem acesso nem condições de estar em uma sala de cinema de verdade.

Neste âmbito, 95% do grupo entrevistado considera que toda a estrutura do evento é pensada para a comunidade local, regional e turística. 3,3% consideraram o evento somente



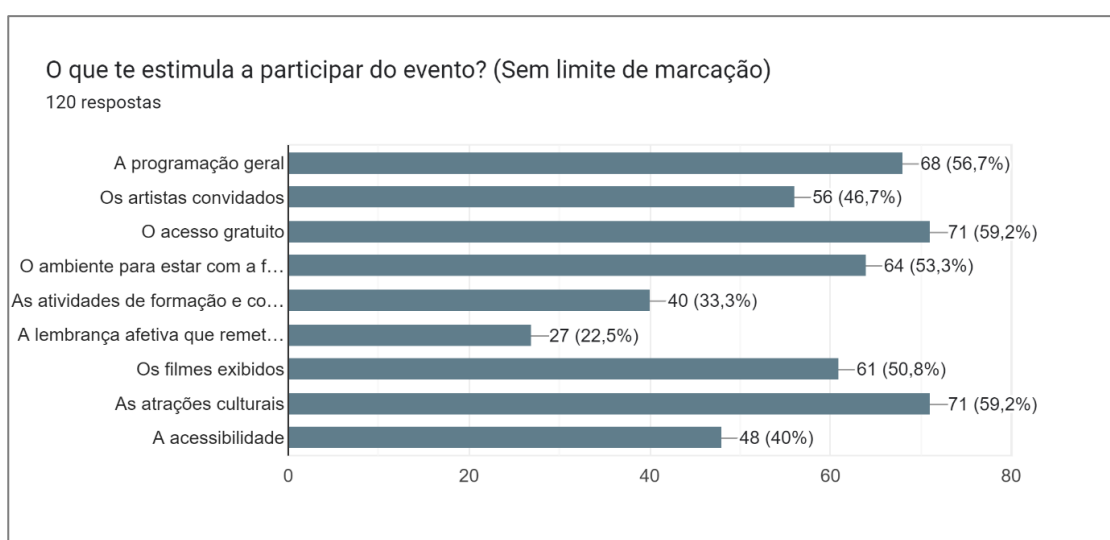
para a comunidade local e regional e 1,7% somente para turistas. Isso reflete no entendimento que os moradores têm com a importância do evento para a cidade. Para 94,1% das pessoas pesquisadas o Circuito tem muita importância para a Penedo, enquanto para 5,9% há pouca ou nenhuma importância a realização do festival para a região.

Como já mencionamos anteriormente, o formato das atividades do Circuito e a estrutura dos espaços basicamente são os mesmos há algumas edições. Existem as mudanças no conteúdo ano após ano, mas a grade de programação geral, em suma, mantém-se um contínuo no intuito de fidelizar o participante – mas que, com o tempo, isso pode trazer comodismo e a perda do interesse do público por falta de novidades – e envolver a comunidade local a partir de um modelo que dá certo, segundo o coordenador geral do evento, Sérgio Onofre.

Os elementos que compõem o formato do Circuito foram colocados para análise dos entrevistados em dois momentos: primeiramente, quanto aos estímulos para sua participação no evento. E depois, a sua visão quanto à estrutura geral do festival, ponto a ponto.

No tocante aquilo que faz o morador sair de casa para estar no evento, seja como participante direto das atividades ou como espectador pontual de uma programação, a pesquisa fez o levantamento dos pontos de estímulo despertados pelo Circuito. Foram considerados pontos estruturantes, de conteúdo, de sensações de bem-estar e de memória afetiva, além do acesso gratuito e atrações culturais enquanto, conforme o Gráfico 03 abaixo:

**Gráfico 03: Estímulos a participar do evento (grupo 1 – morador local)**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

Levando-se em consideração a variável de se poder responder mais de uma opção nesta pergunta, o acesso gratuito e as atrações culturais foram os estímulos com o maior percentual

apresentação na pesquisa, para 59,2% dos entrevistados. A programação geral e o ambiente para estar com a família foram os outros dois pontos mais bem lembrados, com 56,7% e 53,3%, respectivamente. Enquanto as lembranças que remetem aos antigos festival das décadas de 1970 e 1980 na cidade representam 22,5% de estímulo para as pessoas abordadas. Estes dados revelam que a comunidade local reconhece no evento um espaço aberto e acessível para todos e que não estão ali única e exclusivamente para assistirem filmes. A nossa hipótese é que elas enxergam no festival de cinema um lugar de entretenimento com a família, de interação com amigos, com outras atividades para além dos filmes, porém, para uma parcela menor, todo este universo desperta uma memória afetiva com todo o clima de euforia e agitação cultural dos festivais de cinema de 1970-80, ocorridos na cidade.

Sobre o papel cultural que o Circuito Penedo de Cinema desperta e tem para a cidade, 99,2% dos entrevistados acreditam que o evento já faz parte do calendário cultural municipal. Para 92,6%, o festival é reconhecido como um evento cultural da cidade e 99,2% das pessoas participantes da pesquisa afirma que o Circuito contribui com a cultura local e com o turismo da região.

Ainda sobre a relação cultural do evento com a cidade, a pesquisa fez outras indagações, conforme Tabela 07.

**Tabela 07 – Perguntas realizadas ao grupo 1 – morador local**

<b>VOCÊ CONSIDERA QUE O EVENTO</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
Promove a economia local, gerando emprego e renda?	92,5%	7,5%
Desperta o interesse das crianças pelo cinema?	92,5%	7,5%
Desperta o interesse dos jovens por debates no cinema?	94,2%	5,8%
Consegue resgatar a memória dos antigos festivais da cidade?	89,9%	10,1%
É democrático e aberto para toda e qualquer pessoa?	98,3%	1,7%
Possui acessibilidade para pessoas com deficiência?	91,6%	8,4%
Movimenta a cidade e comunidade local?	100%	0%

Fonte: Elaboração do autor (2022)

Sobre se o evento desperta nas pessoas um sentimento de identificação cultural, 118 pessoas responderam a esta questão. O gráfico 04 abaixo mostra que a maioria absoluta dos entrevistados acredita que sim.

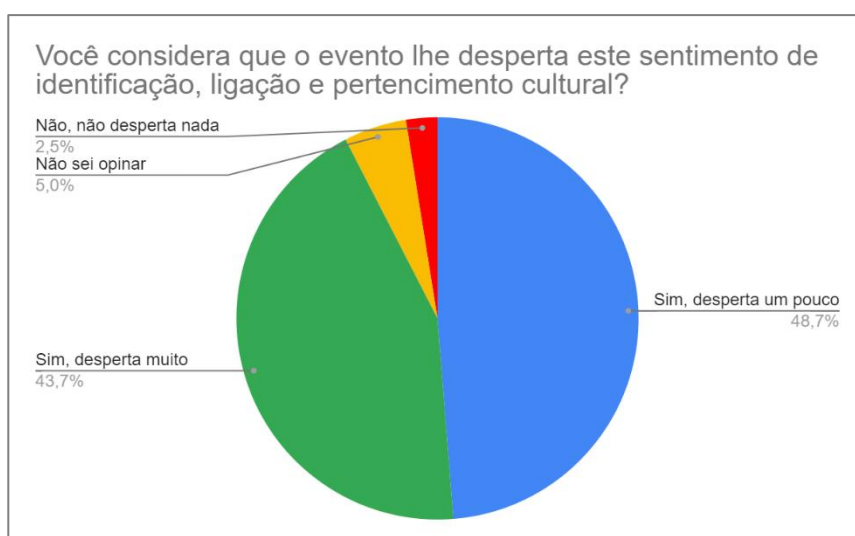
**Gráfico 04: O evento desperta sentimento de identificação cultural? (grupo 1 – morador local)**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

O mesmo questionamento foi feito, agora perguntando sobre o seu próprio sentimento de identificação cultural com o evento (Gráfico 05). Desta vez, 119 das 121 pessoas responderam. 92,4% afirmaram que o evento desperta em si este sentimento de pertencimento, identificação e ligação cultural, entre “sim, desperta um pouco” e “sim, desperta muito”.

**Gráfico 05: O evento desperta em você sentimento de identificação cultural?**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

Os 121 moradores locais participantes desta pesquisa avaliaram onze quesitos do evento, dentro dos conceitos de ótimo, bom, regular, ruim e péssimo: estrutura geral, organização, divulgação, programação geral, filmes, artistas convidados, atrações culturais, acessibilidade e horário das atividades.

Nem todos os entrevistados se sentiram aptos a avaliarem todos os pontos. Por isso, há uma variação no quantitativo de respostas para cada quesito e sua mensuração foi feita de forma individual. Para 44,6% dos participantes a estrutura geral do evento é ótima, enquanto 41,3% consideraram como bom. 14,1% afirmaram que a estrutura do festival é regular ou ruim. Já a organização foi 51,7% das avaliações como ótimo e 37,5% bom. 10,9% das respostas apontaram a organização do festival regular ou ruim.

A divulgação, um dos pontos mais sensíveis de qualquer evento e que envolve todas as ferramentas, estratégias e ações de comunicação, foi mais bem avaliada com o conceito bom: 42,9%. Para 37% dos entrevistados, a divulgação do evento é ótima e para 20,1% ela é regular ou ruim, conforme gráfico 06 abaixo:

**Gráfico 06: Avaliação da divulgação do evento (grupo 1 – morador local)**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

É importante ressaltarmos o que já foi mencionado aqui, quanto à percepção do tempo em que a divulgação do evento começa, de fato, na cidade de Penedo. Essa é uma das hipóteses deste percentual – de certa forma significativo – referente aos conceitos regular e ruim, de 20,1% dos entrevistados. A pesquisa já revelou que a maioria dos entrevistados soube do evento pelas redes sociais – e que este público, de perfil jovem e que dialoga com as mídias virtuais, possivelmente pode ter avaliado a divulgação em bom/ótimo. No entanto, com o intuito de

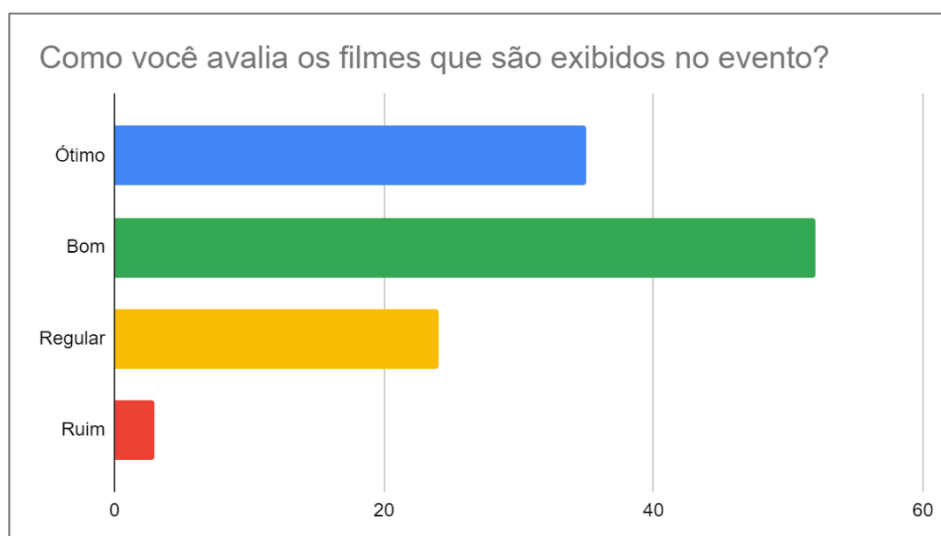
fortalecer ainda mais os laços com a comunidade em geral, há de se ter também um olhar para fora das redes e integrado ao território, e talvez seja esta fatia do público que tenha feito uma avaliação negativa neste quesito.

Quanto à programação geral (observando-se universalmente todas as atividades que integram o Circuito Penedo de Cinema), 37% dos participantes avaliaram como ótimo, enquanto a maioria (52,9%) indicaram a programação geral do evento com conceito bom. E para 10%, a nota ficou entre regular e ruim. Os artistas convidados (incluindo aqueles que fazem parte do cenário independente e aqueles com uma expressão e apelo midiático maior) foram avaliados como bom para 48,2% dos entrevistados. 40,2% acham ótimo e 11,6% consideram a participação dos artistas convidados ruim ou regular.

De fato, esta é uma análise que perpassa pelo campo da subjetividade a partir do que cada um considera de maior valor afetivo para estar em um evento cultural. Em nossa observação participante, sabemos que um artista que esteja em evidência na mídia consegue mobilizar um grande público para as atividades em que ele esteja envolvido. Mas isso não significa, necessariamente, que esta participação seja muito bem avaliada.

Quanto aos filmes que são exibidos durante o Circuito Penedo de Cinema – entre os curtas das mostras competitivas, não competitivas e os longas metragens convidados – o conceito ótimo recebeu apenas 30,7% das avaliações, enquanto 45,6% dos participantes da entrevista avaliaram os filmes dando o conceito bom. Chama a atenção para os 23,7% de ruim ou regular, conforme Gráfico 07, abaixo:

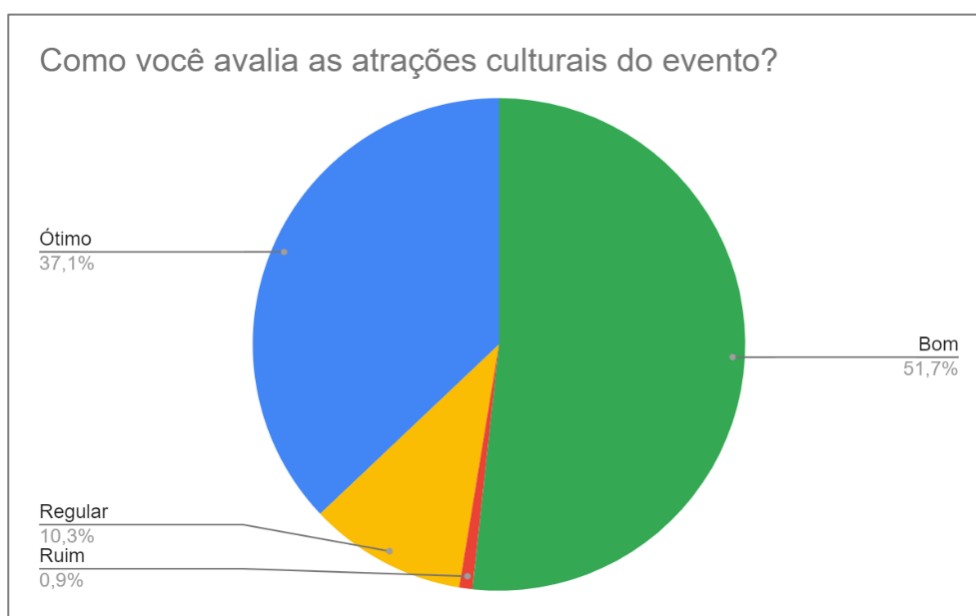
**Gráfico 07: Avaliação dos filmes exibidos durante o evento (grupo 1 – morador local)**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

As atrações culturais do evento (aquelas que se apresentam no palco todas as noites, após a exibição dos filmes e que são basicamente grupos musicais) foram avaliadas como ótimo (37,1%) e bom (51,7%). Apenas 11,2% dos entrevistados deram conceito regular ou ruim, conforme Gráfico 08.

**Gráfico 08: Avaliação das atrações culturais do evento (grupo 1 – morador local)**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

A acessibilidade do evento também foi outro ponto avaliado pelos participantes desta pesquisa. Desde a edição de 2016, a comissão organizadora passou a incluir intérpretes de libras nas principais sessões da programação. Mesmo com limitações e muito longe do ideal, até o fim deste trabalho, todas as edições pós 2016 contaram com um trabalho mais aproximativo de acessibilidade para as pessoas com deficiência – e que vai muito além de somente ter o intérprete de libras. Na avaliação dos entrevistados, 39,5% consideram a acessibilidade do evento como ótimo, 49,6% como bom e 10,9% apontaram como regular ou ruim, conforme Gráfico 09 abaixo.

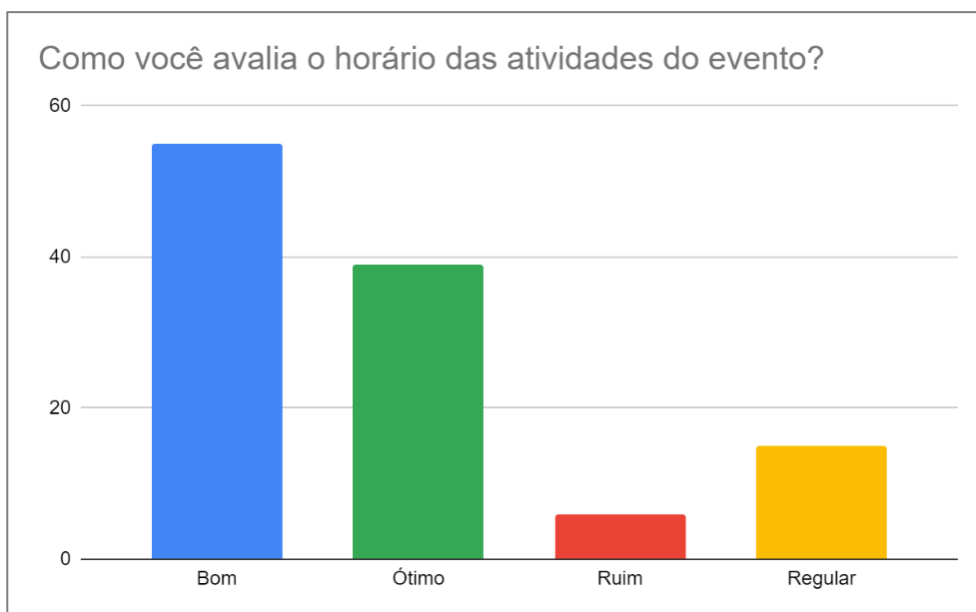
**Gráfico 09: Avaliação da acessibilidade do evento (grupo 1 – morador local)**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

Outro dado levantado foi sobre o horário das atividades. 18,2% dos entrevistados avaliaram como ruim ou regular, 47,8% apontaram como bom e 33,9% consideraram ótimo o horário posto para a programação do evento, que começava em torno das 8h da manhã e seguia até às 2h da madrugada (Gráfico 10).

**Gráfico 10: Avaliação do horário das atividades durante o evento (grupo 1 – morador local)**

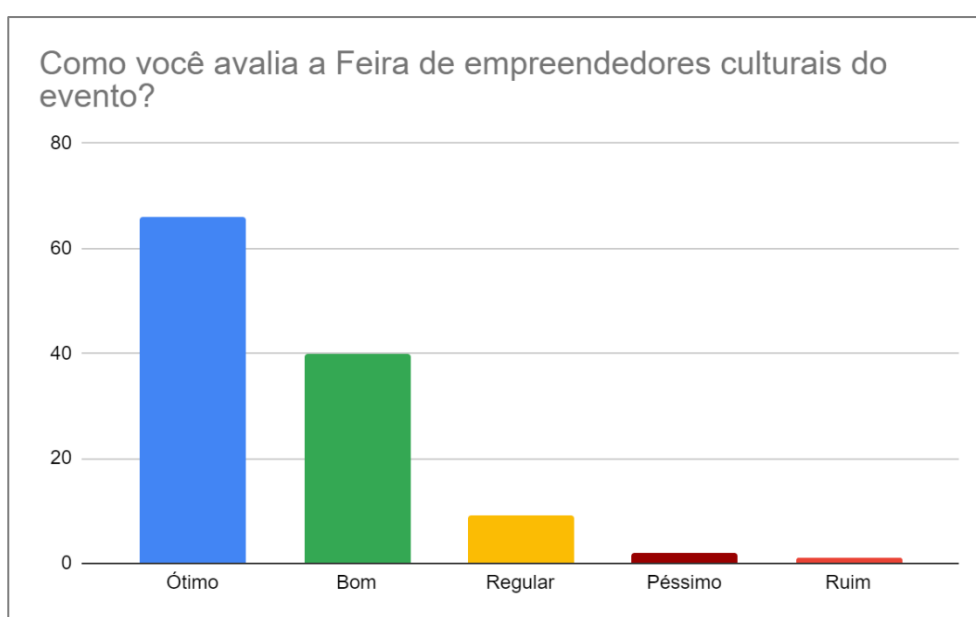


Fonte: Elaboração do autor (2022)

Nas edições de 2020 e 2021 do Circuito Penedo de Cinema, foi montada, na praça 12 de abril, uma estrutura de feirinha cultural para os empreendedores locais, com exposição e comercialização de artesanato, gastronomia, bebidas, venda de livros, além de alguns estandes institucionais dos parceiros do evento. Esta pesquisa também avaliou este quesito.

Para 55,9% dos entrevistados, a ideia da feira de empreendedores locais teve conceito ótimo. 33,9% acharam bom, 7,6% consideraram a feira regular, 0,8% ruim e 1,7% deram o conceito péssimo. No geral, das 118 pessoas que responderam esta questão, 106 avaliaram como bom e ótimo, o que corresponde a 89,8% das avaliações (Gráfico 11)

**Gráfico 11: Avaliação da Feira de empreendedores culturais locais (grupo 1 – morador local)**

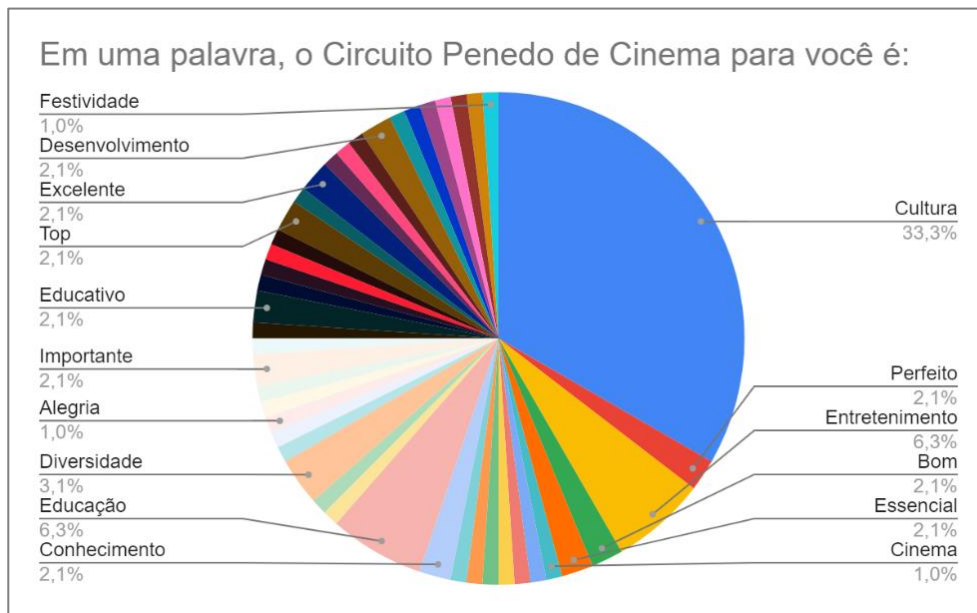


Fonte: Elaboração do autor (2022)

Os entrevistados foram provocados a falarem uma única palavra, que pudesse representar o Circuito Penedo de Cinema para eles. Cultura, entretenimento e educação foram as três palavras mais citadas pelos participantes. Por se tratar de uma resposta espontânea e pessoal, chama a atenção para 33,3% (Gráfico 12) dos entrevistados terem escolhido a palavra cultura. É uma hipótese que pode refletir a relação de identificação e representação cultural que o evento esteja espelhando nos moradores locais.



**Gráfico 12: O que o evento é para você em uma única palavra (grupo 1 – morador local)**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

Das 121 pessoas que participaram desta pesquisa enquanto grupo 1 – morador local, alguns entrevistados se sentiram à vontade em pontuar colocações positivas e negativas sobre o evento e que são importantes observá-las.

Enquanto pontos positivos, que podem ser vistos mais como elogios, tivemos as seguintes afirmativas: “acessível e democrático”; “bom para a cidade”; “geração de renda para a cidade”; “importante para gerar estímulos de cultura para os jovens”; “resgata a cultura do cinema na cidade”; “valoriza a cidade”; “movimenta a economia”; “ótima localização das atividades”; “evento de grande valia”.

Os participantes que ficaram à vontade em comentar sobre pontos negativos, mostraram-se também dispostos a dar sugestões para, na concepção de alguns, melhorar ainda mais o evento. Alguns destes comentários foram: “falta área de alimentação mais próximo do evento”; “atrações culturais deixaram a desejar”; melhorar a limpeza nos banheiros químicos”; “gerador barulhento”; “cenas de filmes inadequadas”; “colocar oficinas a noite”; “ter filmes infantis a noite”; “falta filmes para crianças a noite”; “horário das oficinas para quem trabalha é inviável”, “filmes para a criançada a noite”; “filmes que todos possam entender e gostar”; “melhorar o horário de encerramento a noite”; “falta de ônibus até tarde”.

Ressaltamos os comentários “pouca divulgação”, “melhorar a divulgação com a comunidade para ter mais engajamento dos moradores da cidade” e “mais divulgação na cidade” que, para além de serem opiniões individualizadas, corroboram com os resultados que

trouxemos no Gráfico 06 da página 106, sobre a visão da comunidade acerca da divulgação do evento na cidade, onde 20,1% respondeu regular ou ruim. É o reflexo de que é preciso ter uma maior atenção às estratégias de comunicação que são adotadas e novas formas de atingir o público local, de forma antecipada visando um maior engajamento e participação.

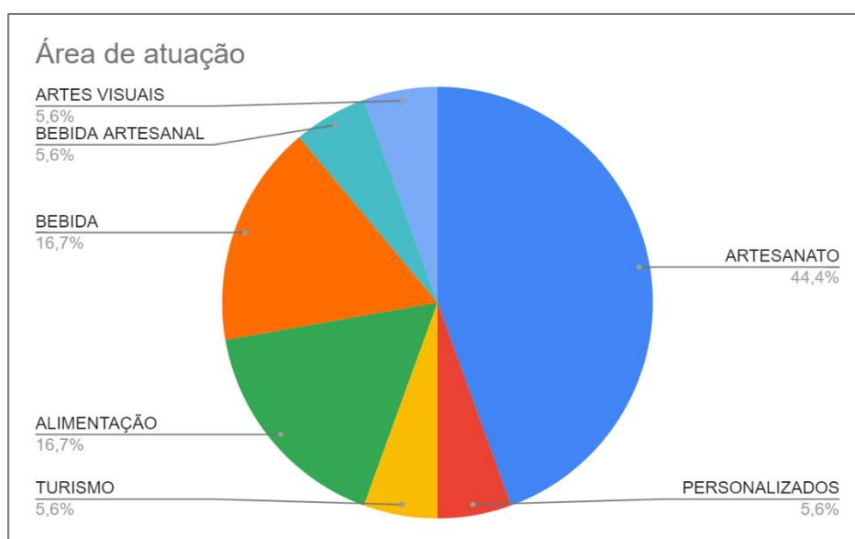
### **5.6.2 Grupo 2 – Empreendedor local**

Como já relatado neste trabalho, nas edições de 2020 e 2021 do Circuito Penedo de Cinema houve a instalação, digamos, mais organizada, de uma feira de empreendedores locais, no entorno da praça 12 de abril, principal local das atividades do evento. Estruturados em tendas, com divisórias e iluminação apropriada, 12 comerciantes conseguiram se inscrever – através de uma chamada pública – para ocuparem os espaços, cedidos gratuitamente pela organização. Para além destes, havia na 12 de abril ambulantes e outros comerciantes em áreas não demarcadas pela produção.

Esta pesquisa foi aplicada com empreendedores participantes diretamente da feira organizada pelo evento e os demais comerciantes. Ao todo, foram entrevistadas 18 pessoas, representantes de seus próprios negócios, aproveitando a movimentação de público circulante na praça 12 de abril. Toda a sistemática das entrevistas foi a mesma adotada com o grupo 1 – morador local. Para fins deste trabalho, vamos considerar “empreendedor local” todos os comerciantes, os ambulantes e as pessoas que trabalharam por conta própria ou que participaram da feira de empreendedores, envolvidas nesta pesquisa.

A coleta de dados realizada mostrou que 44,4% dos empreendedores entrevistados trabalham com artesanato em diferentes frentes. Esse dado nos mostra a presença de setores das indústrias criativas na cidade. O artesanato, enquanto segmento cultural integrante da economia criativa, é representado no Gráfico 13, agregando valor ao Circuito Penedo de Cinema como espaço de trocas e fortalecimento da cadeia criativa local. Alimentação e bebidas são os outros segmentos com uma maior representatividade na pesquisa. O gráfico mostra todas as áreas de atuação deste grupo 2 – empreendedores locais.

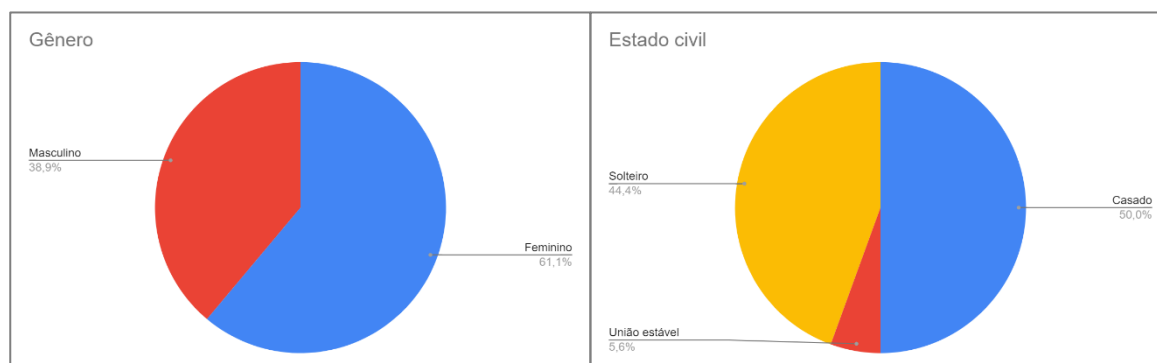
**Gráfico 13: Áreas de atuação (grupo 2 – empreendedor local)**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

A pesquisa aplicada com os empreendedores culturais locais revela um perfil diferente dos traços do grupo 01 – morador local. Como mostramos no Gráfico 01 da página 101, o perfil dos moradores locais entrevistados mostra um público jovem, solteiro, de maioria feminina, com escolaridade entre o ensino médio e superior e conectado com as redes sociais. Com os empreendedores locais, encontramos um público mais velho, na faixa etária média dos 40 anos, de escolaridade predominantemente no ensino médio, e que também, assim como o grupo 1, a presença feminina se mantém mais forte que a masculina: 61,6% e 38,9%, respectivamente. Pessoas casadas aparecem mais neste grupo, representando 50% do total. Os demais, 44,4% são empreendedores solteiros e 5,6% estão em união estável, como mostra a representação no Gráfico 14.

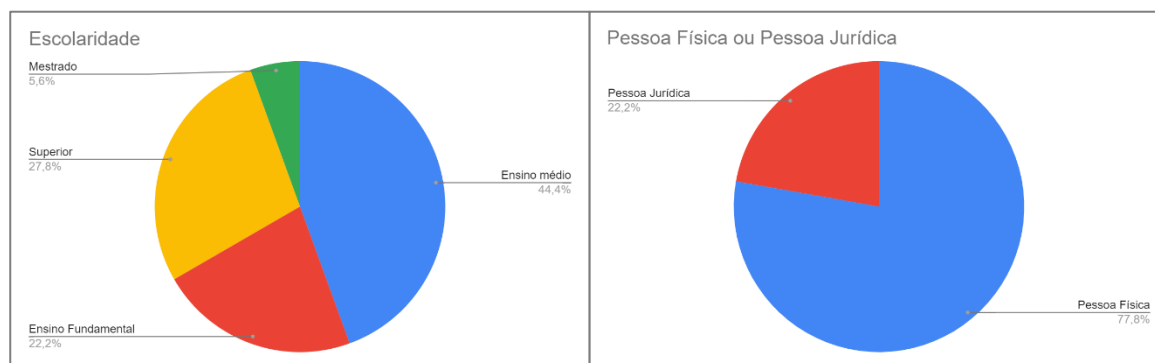
**Gráfico 14: Perfil do grupo 2 – empreendedor local: gênero e estado civil**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

O nível de escolaridade entre os comerciantes é de 22,2% para quem tem o ensino fundamental, 44,4% de pessoas com ensino médio, 27,8% aqueles com nível superior e 5,6% indicaram ter mestrado. Um outro dado coletado mostrou que 77,8% dos entrevistados trabalham como pessoa física, enquanto apenas 22,2% são pessoa jurídica. Os números estão no gráfico 15 abaixo.

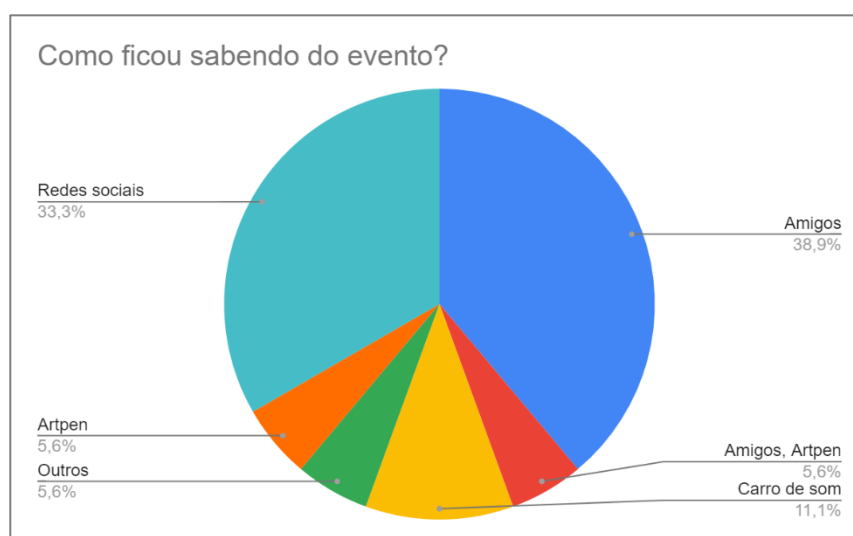
**Gráfico 15: Perfil do grupo 2 – empreendedor local: escolaridade e forma de trabalho**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

Em relação a forma como soube da realização do evento, entre os empreendedores locais, 38,9% afirmaram ter conhecimento do Circuito através de amigos, no chamado “boca a boca”. Na sequência, 33,3% dos indivíduos apontaram as redes sociais, enquanto 11,1% disseram saber sobre o evento por meio de carro de som. Houve ainda aqueles que souberam através da Artpen – Associação dos Artesãos de Penedo (Gráfico 16).

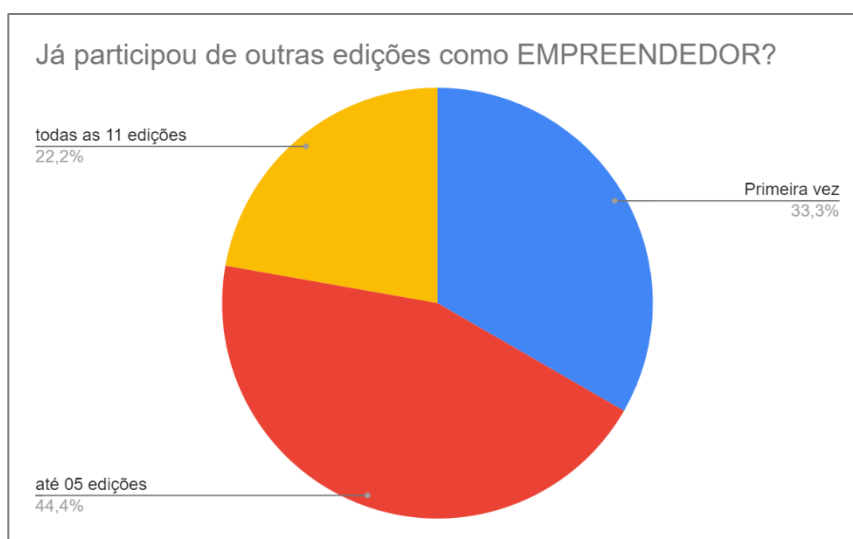
**Gráfico 16: Como soube do evento (grupo 2 – empreendedor local)**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

Enquanto público, 27,8% dos entrevistados revelaram ser aquela a primeira vez participando do evento, 50% já participaram de até cinco edições, enquanto 11,1% já estiveram em mais de cinco edições. Outros 11,1% informaram já terem participado de todas as edições do festival, como público. Já enquanto empreendedor, seja comerciante ou ambulante, o percentual de ser a primeira vez sobe para 33,3%, enquanto 44,4% informaram ter trabalhado em até cinco edições, e 22,2% estiveram em todas as edições do evento (Gráfico 17).

**Gráfico 17: Participação no evento como empreendedor local (grupo 2 – empreendedor local)**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

Quando perguntados sobre a média de faturamento em edições anteriores, apenas dez entrevistados responderam. Entre valores de R\$ 200 a R\$ 2.000, uma média de lucro de R\$ 650,00. Sobre a expectativa para o faturamento daquela edição vigente no ato da pesquisa, a média ficou em 800,00 reais.

Sobre já ter trabalhado como empreendedor local em outros eventos culturais da cidade ou da região, 80% dos entrevistados responderam sim, 10% disseram que não, somente no Circuito, e outros 10% afirmaram nunca terem trabalhado em evento cultural antes.

A presente pesquisa também apontou os estímulos que fizeram os empreendedores locais a participarem do evento, comercializando seus produtos. Das onze opções apresentadas, houve bastante equilíbrio e uma pequena variação na porcentagem entre uma resposta e outra. No geral, todos os itens serviram de entusiasmo para os entrevistados, conforme Gráfico 18:

**Gráfico 18: Estímulos a participar do evento (grupo 2 – empreendedor local)**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

Os empreendedores locais também avaliaram os elementos estruturantes do Circuito Penedo de Cinema, assim como o grupo 1 (morador local). Considerando os conceitos bom e ótimo como positivos, regular como neutro e ruim e péssimo como avaliação negativa, tivemos os seguintes números (Tabela 08):

**Tabela 08 – Avaliação do evento (grupo 2 – empreendedor local)**

Como os empreendedores locais avaliam os itens abaixo	Positivo	Neutro	Negativo
Estrutura geral	94,4%	5,6%	0,0%
Organização	88,9%	11,1%	0,0%
Divulgação	70,6%	29,4%	0,0%
Programação geral	94,4%	5,6%	0,0%
Filmes	88,9%	11,1%	0,0%
Artistas convidados	94,4%	5,6%	0,0%
Atrações culturais	72,2%	27,8%	0,0%
Acessibilidade	72,2%	11,1%	16,7%
Horário das atividades	77,8%	22,2%	0,0%
Feira de empreendedores locais	94,4%	5,6%	0,0%

Fonte: Elaboração do autor (2022)

Os dados revelam que todos os itens tiveram avaliação positiva dos empreendedores locais, sendo “acessibilidade” o único quesito a receber um percentual negativo. É fato que a

produção do evento já compreendeu a necessidade da presença de intérpretes de libras nas principais sessões para os surdos, a partir da análise que já levantamos nos resultados do grupo 1 – moradores locais (página 108, gráfico 09). Contudo, acessibilidade não é somente dialogar através de libras. As necessidades que as pessoas com deficiência (PcD) têm perpassam por vários outros elementos que envolvem estrutura física, práticas sociais e educativas direcionadas a este público.

## 5.7. Movimento na economia local

O Circuito Penedo de Cinema chama a atenção dos empreendedores locais desde a sua primeira edição, quando ainda se chamava Festival de Cinema Universitário de Alagoas, em 2011. O gráfico 13 deste trabalho apresentou os 22,2% dos entrevistados que comercializaram seus produtos em todas as edições do evento. É normal em cidade de interior de pequeno e médio porte qualquer evento que atraia público, a depender da sua natureza, ser visto como um espaço em potencial para a lucratividade do pequeno comerciante. Em se tratando do Circuito, que vem se consolidando cada vez mais no calendário cultural da cidade, gera aproximação e sentimento de pertencer ao evento, a partir dos laços criados com o setor do comércio e de serviços da cidade, a exemplo das pousadas, bares e restaurantes, que passam a receber um volume maior de clientes durante os dias de realização do festival em Penedo.

A edição de 2019 teve um público circulante de mais de 13 mil pessoas, durante os sete dias de atividades. A maior parte deste número passou pela praça 12 de abril. Para a cidade, o evento levou 151 pessoas, entre equipe de produção, artistas convidados e realizadores. Somente de hospedagem, foram mais de 40 mil reais injetados na economia local, conforme Tabela 09:

**Tabela 09 – Impactos na economia local: meios de hospedagens – edição 2019**

Pousada	Grupo	Nº de Hóspedes	Nº de diárias pagas	Valor total
Hotel São Francisco	Artistas, convidados, júri oficial	46	164	R\$ 19.636,00
Pousada Bella Vista	Realizadores	30	144	R\$ 7.200,00
Pousada Central	Equipe de produção, curadores e realizadores	29	179	R\$ 12.060,00
Pousada Braz	Realizadores, interpretes, grupos musicais	46	136	R\$ 4.842,00
<b>Total</b>		<b>151</b>	<b>623</b>	<b>R\$ 43.738,00</b>

Fonte: Elaboração do autor, com base em informações do Relatório Geral 2019 do Circuito Penedo de Cinema

Além de movimentar os meios de hospedagens locais com os grupos que o evento abarca as despesas, tem a demanda espontânea de turistas que visitam a cidade e participam do festival. Com a logística de alimentação, a edição 2019 do Circuito injetou quase 15 mil reais em alguns restaurantes da cidade. Foram mais de 760 refeições realizadas e pagas pelo evento.

Para além da movimentação na economia local, o evento contribuiu com a contratação de profissionais locais, gerando autoestima e o senso de pertencimento e ligação cultural com o festival. A Tabela 10 apresenta um recorte do impacto real do evento na economia da Penedo.

**Tabela 10 – Impactos na economia local: prestadores de serviços – edição 2019**

<b>PRESTADORES DE SERVIÇOS LOCAIS</b>	<b>VALOR (R\$)</b>
Contratação de serviços de 04 produtores culturais	20.000,00
Contratação de serviços de 06 assistentes de produção cultural	19.200,00
Contratação de serviços de 02 intérpretes de Libras	3.200,00
Pagamento de 40 ajudas de custo	12.000,00
Contratação de serviços de pipoqueiro	2.100,00
Contratação de 02 mestres de cerimônia	2.100,00
Contratação de serviços de pessoa segurança privada	1.700,00
Contratação de serviços de bombeiro civil	3.900,00
Contratação de serviços gráficos	20.973,00
Contratação de serviços de hospedagem (hotéis e pousadas)	43.738,00
Contratação de serviços de alimentação (restaurante)	14.971,50
Contratação de equipe de comunicação	9.260,00
Contratação de equipe de produção videográfica	7.200,00
Contratação de grupos artísticos e musicais locais	3.500,00
Confecção de carrancas em madeira	1.500,00
Contratação de limpeza e conservação	6.200,00
Compra de materiais e bens de consumo	2.500,00
<b>Total</b>	<b>174.042,50</b>

Fonte: Elaboração do autor, com base em informações do Relatório Geral 2019 do Circuito Penedo de Cinema



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender a importância cultural do Circuito Penedo de Cinema e discutir seu papel na relação com a comunidade local, a partir da análise e observação de pontos de estímulos criados pelo evento no intuito de gerar uma maior aproximação, participação, senso de pertencimento e identificação cultural com os moradores da cidade de Penedo.

Neste sentido, entendemos o cinema como prática sociocultural e a necessidade de expandir o debate sobre o audiovisual e suas atuações, onde este trabalho fez um recorte para o segmento dos festivais de cinema, em especial aqueles realizados em cidades do interior, compreendendo ser este, antes de tudo, um movimento de descentralização dos espaços de promoção e exibição, contra hegemônico aos grandes centros urbanos, cuja importância se passa pela valorização da identificação local e do resgate regional, a partir de seu território, seu espaço, seu povo e suas culturas.

Como problema de pesquisa, procuramos observar como um festival de cinema de interior poderia gerar senso de pertencimento cultural e movimentar a comunidade local, de forma democrática, acessível e com gatilhos que pudessem despertar uma maior aproximação e envolvimento do público com as atividades culturais, tendo como pano de fundo uma memória afetiva presente em Penedo dos festivais de cinema que aconteciam na cidade, nas décadas de 1970 e 1980.

Como forma de embasamento teórico, desenvolvemos uma breve historicidade dos festivais de cinema no Brasil, com enfoque no Nordeste e no interior, dissertando-se ainda sobre o processo de surgimento e evolução do segmento no estado de Alagoas e, por fim, na cidade de Penedo. Enquanto evento cultural, o festival de cinema atua também como agente de desenvolvimento do território e se apresenta como uma importante ferramenta para movimentar a região, atraindo novos olhares dentro e fora da localidade, além de contribuir para o fortalecimento deste segmento das indústrias criativas e promover a economia criativa local.

Para aferir empiricamente essas questões, este estudo se aprofundou na edição 2019 do Circuito Penedo de Cinema, pela necessidade de analisar um evento cuja essência está na participação do público de forma presencial, ancorado na linha de pensamento da professora doutora Tetê Mattos e porque também passamos a considerar um festival de cinema como uma experiência compartilhada, coletiva e de várias formas de integração e interação. Além disso, a edição 2019 do Circuito Penedo de Cinema utilizou-se de elementos e estratégias de

comunicação na rememoração de experiências e lembranças que a cidade tem com os antigos festivais de cinema, com o propósito de gerar maior participação e protagonismo da comunidade local no processo de construção do próprio evento.

Como processo de coleta de dados junto à comunidade local, esta pesquisa se prevaleceu da aplicação de questionários com moradores e empreendedores de Penedo, com o propósito de identificar, mesmo que a partir de uma amostragem, a visão que a população tem do Circuito Penedo de Cinema, da sua relação direta com a cultura e economia criativa local.

É sempre importante ressaltar que a escolha deste estudo se deu a partir do nosso envolvimento direto enquanto produtor cultural do Circuito Penedo de Cinema desde a sua terceira edição, em 2013, quando ainda se chamava Festival de Cinema Universitário de Alagoas. Participar de todo o processo de planejamento, produção e execução durante nove edições do evento, até a conclusão deste trabalho, permitiu um acúmulo de vivência e experiências capaz de promover uma observação empírica sobre alguns impactos que o festival de cinema tem na cidade de Penedo. Contudo, até então, era um olhar superficial de produção que muitas vezes se tornava frágil em sua avaliação de como o diálogo com a comunidade local estava acontecendo, e de que forma esse diálogo está transformando a presença do público em real aproximação e envolvimento cultural.

Somente quando nos tornamos pesquisadores, a partir de 2020, com a entrada no Mestrado Profissional em Indústrias Criativas da Universidade Católica de Pernambuco, é que assumimos um papel de investigador dentro do Circuito Penedo de Cinema, após a escolha do evento como objeto de estudo, e passamos a observá-lo de uma forma mais crítica, ao ponto de conseguirmos identificar elementos no festival de cinema que puderam reafirmar as nossas hipóteses quanto ao potencial de relacionamento cultural que o Circuito tem com a comunidade da cidade de Penedo.

A Universidade Federal de Alagoas é a principal realizadora do Circuito Penedo de Cinema desde a sua primeira edição, em 2011. E nós, enquanto servidores públicos e produtores culturais da instituição, sempre estivemos envolvidos na organização do evento. Entre os anos de 2013 e 2017, trabalhamos na unidade da Ufal em Penedo. Foram quatro anos atuando e morando na cidade, onde os laços afetivos inevitavelmente foram criados com pessoas e instituições, principalmente pelo peso que uma universidade federal tem dentro de uma cidade de interior de pequeno a médio porte. E mesmo depois da nossa transferência para trabalhar na sede da Ufal em Maceió, no fim de 2017, continuamos atuando na produção cultural do Circuito Penedo de Cinema e, até o fechamento deste trabalho, nosso envolvimento se mantém. Talvez,

uma – ou a maior – das dificuldades encontradas no decorrer deste estudo foi justamente saber separar o pesquisador do produtor cultural do evento. Em nosso caminho percorrido, tentamos ao máximo dissertar de forma neutra, porém justa.

O Circuito Penedo de Cinema é um evento extraordinário para a cidade de Penedo e desponta como referência para o estado de Alagoas, almejando sua consolidação também no calendário nacional de festivais de cinema, principalmente aqueles que dão uma maior visibilidade para as produções independentes, que muitas vezes não têm espaços nos festivais de cinema mais comerciais.

Nesse contexto, o próprio Circuito passa a fazer parte de uma rede afetiva e regionalizada de festivais de cinema de interior, principalmente cidades nordestinas e que passam a impulsionar uma nova safra de realizadores e produtores regionais. Nossa análise se aproxima do pensamento de Marcelo Ikeda, professor da Universidade Federal do Ceará, o qual abordamos em nosso trabalho sobre a importância da interiorização do cinema e os impactos afetivos com os quais os festivais têm com seus territórios. O Curta Taquary, Festival Internacional de Curta-metragem realizado em Taquaritinga do Norte, na região agreste do estado de Pernambuco, é exemplo desse movimento de resistência cultural regionalizada e que se abre para dialogar com outros festivais, assim como o próprio Circuito Penedo de Cinema, que mantém uma janela aberta para a troca de experiências entre realizadores de festivais de cinema.

Em termos socioculturais, o Circuito Penedo de Cinema cria impactos positivos para a cidade, mas que podem ser mais bem potencializados. A importância que um festival de cinema tem para cidades de interior, perpassa pela sua dimensão identitária, cultural e econômica do território, e que se sustenta nos conceitos de Milton Santos que trouxemos no capítulo 2, onde abordamos que são nas relações de espaço, enquanto lugar sociocultural, as possibilidades de efetiva comunicação, troca de saberes e fortalecimento das identidades culturais de uma comunidade, a partir de suas dinâmicas.

Para a fundamentação de evento enquanto produto com potencialidades para o despertar do pertencimento cultural com a comunidade local, analisamos ainda no capítulo 2, a sua relação de sentimento com o território que gera uma aproximação com a identidade local, assumindo as relações de interação social e cultural de uma região. Ao se reconhecer como produto cultural local, o Circuito Penedo de Cinema passa a incorporar elementos territoriais da história, da tradição e da cultura local como aplicação de conteúdo e imagem para gerar essa identificação cultural da população local com o evento.

Dessa forma, analisamos as estratégias de comunicação utilizadas na edição 2019 do Circuito Penedo de Cinema – recorte deste estudo – no intuito de identificar o seu papel enquanto ferramenta na relação de estímulo e promoção da identificação cultural entre a comunidade local e o evento. Como vimos no capítulo 4, buscamos tecer nossa pesquisa a partir das categorias de análise adotadas neste trabalho, que foram: levantamento bibliográfico, onde observamos uma ainda limitada produção acadêmica com a temática de festivais de cinema; pesquisa documental, etapa em que foram coletados materiais de registro, relatórios, prestações de contas, material impresso, clipagens, planos de comunicação e de produção; análise de conteúdo, método de investigação em que nos debruçamos sobre as ferramentas e estratégias de comunicação adotadas pelo evento e disponíveis para consulta durante esta pesquisa, entre material impresso, plataformas digitais, redes sociais, peças de promoção e relacionamento com a imprensa; observação participante, onde enquanto membro da comissão organizadora pudemos analisar com um olhar mais próximo todos os elementos da produção e da comunicação – mesmo que este papel de pesquisador não tenha sido assumido na edição 2019, por esta pesquisa ter se iniciado em 2020 - ; e aplicação de entrevistas de natureza qualitativa e subjetiva à moradores e empreendedores locais, como processo de fechamento do percurso investigativo escolhido por este trabalho.

Foi perceptível, no decorrer de nossa pesquisa, o quão sensível se encontra a memória documental do Circuito Penedo de Cinema. Por não possuir uma base de dados (seja físico ou em ambiente virtual), um local único e centralizado para o armazenamento dos arquivos e registros de todas as onze edições já realizadas até o fechamento deste trabalho, o material se encontra fragmentado. Boa parte dos documentos foi coletada com o coordenador geral do evento, professor Sérgio Onofre, em inúmeros HD's externos, e que por si só já são equipamentos frágeis, que coloca em risco a perda de todo um histórico de imagens, relatórios e mídias audiovisuais de mais de uma década de evento. Outros arquivos foram encontrados em e-mails pessoais de integrantes da equipe de produção e outros foram localizados em plataformas virtuais (drives, nuvem), porém com limitação de espaço para tal armazenamento.

Quando falamos há pouco sobre territorialidade e o processo de se reconhecer como produto cultural local, conseguimos identificar que o Circuito Penedo de Cinema adotou elementos territoriais nas peças visuais e nos conteúdos audiovisuais de sua edição 2019, no intuito de estimular as temáticas de pertencimento e valorização do patrimônio histórico/cultural da cidade. Observamos que toda a identidade visual daquele ano se utilizou da aplicação da canoa de tolda como elemento base na diagramação, que representa um dos

símbolos do Rio São Francisco e que faz parte da memória afetiva regional e do povo penedense. O evento traz essa mesma referência da canoa de tolda para a concepção dos troféus de premiação que, como vimos na página 71 deste trabalho, é produzida como uma réplica da embarcação, feita em latão com base de acrílico.

As estratégias de comunicação utilizadas pelo Circuito Penedo de Cinema tiveram como objetivo a divulgação, a promoção e ações de aproximação do evento com seus públicos, principalmente a comunidade local. Porém, no tocante ao material gráfico impresso e de rua (panfletos, faixas, banners, outdoors), percebeu-se que, na edição 2019, assim como em outros anos, a divulgação na cidade de Penedo começa muito próximo ao início da programação. A hipótese que levantamos, a partir da de nossa observação participante, é que não se cria na cidade um ambiente de expectativa, de ansiedade, pois o evento quando é divulgado pelos meios mais tradicionais – incluindo carro de som, entrevistas em rádio – já é em cima da hora, ficando as mídias digitais como forma de uma comunicação mais antecipada, direcionada ao público mais jovem e mais conectado com as novas tecnologias.

Quanto aos estímulos criados para um maior diálogo com a comunidade local, o projeto “Eu sou o cinema”, uma série de entrevistas realizadas com moradores locais e que resultou em oito episódios exibidos nas noites da programação do Circuito Penedo de Cinema edição 2019, estabeleceu um conexão direta com a população, a partir de uma proposta de fortalecer o sentimento de pertencimento por meio de memórias afetivas e depoimentos pessoais de moradores que tiveram suas vidas entrelaçadas pelos festivais de cinema da cidade, ocorridos nas décadas de 1970 e 1980. O resgate dessas lembranças, transformadas em produtos audiovisuais, despontou como uma oportunidade de abrir espaço para ecoar a voz dos moradores locais, criando uma representatividade social e cultural, além de empatia territorial.

Diante do que foi analisado e apresentado nesta pesquisa, é possível concluir, principalmente a partir dos resultados obtidos com a aplicação das entrevistas realizadas com moradores e empreendedores locais, que o Circuito Penedo de Cinema é um evento reconhecido por sua importância cultural para a cidade, além de promover o turismo e a economia criativa local. O evento desperta ainda um sentimento de identificação e pertencimento cultural para a população local.

Dentro do universo da amostra da pesquisa, há uma forte presença de público jovem e conectado às redes sociais, que passam a ter um papel importante na divulgação e promoção do evento, a partir de uma linguagem leve, moderna, mas que precisa, em termos de conteúdo, encontrar um equilíbrio entre a mensagem que se quer passar para o público interno –

moradores de Penedo – e público externo (turistas, moradores de outras cidades, realizadores e toda comunidade do segmento audiovisual brasileiro).

Por outro lado, a pesquisa revelou uma grande presença da comunicação “boca a boca”, pelo alto percentual de pessoas que apontaram ter conhecimento do evento através de amigos. Há a hipótese de que este cenário possa ser reflexo de uma parcela da população que ainda não tem acesso ao mundo digital ou que não consegue utilizar a Internet de maneira habitual. E por consequência destas limitações, esse público não alcança a informação das redes sociais que se propaga em uma velocidade bem diferente de outros meios de comunicação e divulgação.

Este é um desafio que o evento tem em melhorar suas estratégias de comunicação, a partir de um maior aprofundamento na análise e no conhecimento do perfil de seus públicos. Para 20,1% dos entrevistados na pesquisa de campo, a divulgação do evento é regular e ruim, conforme apontou o gráfico 06 da página 106 nesse trabalho. Nesse contexto, sugere-se a aplicação anual de uma pesquisa de opinião e de retrato de públicos, incluindo neste universo, não somente os moradores locais, abrangendo visitantes, turistas, participantes do evento de outras cidades e estados.

Outro aspecto percebido neste estudo é o diálogo com a economia local que, mesmo sem dados oficiais das secretarias municipais de Cultura e de Turismo – que não desenvolvem um trabalho de monitoramento da economia criativa causada por eventos de cunho cultural e/ou turístico na cidade – consegue movimentar os segmentos de hotelaria, serviços, bares e restaurantes da cidade. Na edição de 2019, foram injetados mais de 40 mil reais somente no setor de hospedagem pagos pelo evento, em um total de 623 diárias, dentro de um período de sete dias.

Faz-se necessário reconhecer que o Circuito Penedo de Cinema contribui, para além da movimentação financeira, com um trabalho de valorização de profissionais locais que atuam no próprio evento, e que vieram de formações a partir de outras ações da Universidade Federal de Alagoas em Penedo. Três dos quatro produtores culturais que atuam no evento foram estudantes da Ufal em Penedo e bolsistas nas primeiras edições do festival de cinema. Seis assistentes de produção foram estudantes da Ufal Penedo ou de cursos técnicos de audiovisual promovidos pela Universidade para estudantes do ensino médio local. Quatro integrantes da equipe de videografia são moradores da cidade e participaram também de formação técnica local.

Incluindo contratação de todo esse pessoal e outros serviços locais, a edição de 2019 conseguiu movimentar quase 175 mil reais em Penedo, conforme tabela 08, na página 80. Isso

reflete o incentivo que o evento dá para o envolvimento da própria comunidade na construção e execução do Circuito Penedo de Cinema.

Dentro de uma perspectiva teórica, espera-se que este trabalho contribua no aumento do debate acadêmico nos campos da comunicação, da cultura, do cinema e das indústrias criativas, a partir da discussão que tentamos produzir a partir deste trabalho, acerca das relações de identificação cultural entre comunidade local e um festival de cinema de interior.

Esperamos que esta dissertação se torne uma leitura que promova reflexões para gestores e organizadores de festivais de cinema, em especial os realizados em cidades do interior e que tenham como base uma perspectiva democrática, ampla e acessível, de contribuição e transformação local a partir de ações criativas em prol do desenvolvimento sociocultural regional.

Por fim, sugere-se que mais pesquisadores debatam o tema do audiovisual tendo como recorte os festivais de cinema, uma vez que a produção acadêmica neste campo ainda é limitada. Também é necessário abrir espaço para que mais estudos de caso possam ser analisados, com enfoque para as produções nordestinas e de interior, estimulando pesquisas regionalizadas e proporcionando novos debates em cima de ações que dialogam com a comunidade local, com sua economia criativa e com seus costumes, tradições, identidades e territórios.

## 7. EPÍLOGO: REFLEXÕES SOBRE O CIRCUITO NO PERÍODO PANDÊMICO

Mesmo não sendo objeto desta pesquisa, resolvemos trazer, a título de contribuição, uma breve reflexão das edições 2020 e 2021 do Circuito Penedo de Cinema que ocorreram dentro do período pandêmico da Covid-19, fazendo com que o evento adotasse uma reformulação em suas atividades, a partir de uma programação híbrida que reduziu o quantitativo de público presencial, ao tempo em que se permitiu experimentar outras formas de captar novos públicos. Porém, antes, é preciso rememorar os primeiros movimentos de resistência dos festivais de cinema no Brasil à época.

Com a chegada da pandemia da Covid-19, no primeiro semestre de 2020, uma série de protocolos sanitários passou a ser adotado por todos, incluindo o distanciamento social e a suspensão dos eventos e atividades presenciais. Neste âmbito, o segmento do audiovisual precisou repensar e reconfigurar toda a sua dinâmica diante das restrições e limitações durante o período.

Diante do contexto da pandemia do novo coronavírus, os festivais de cinema tiveram que se aproximar ainda mais das novas tecnologias em 2020, a partir de um processo de enxergar possibilidades, de abertura e expansão de públicos e de utilizar o campo virtual como oportunidade para gerar um espaço democrático e acessível para as pessoas. À medida em que estes festivais foram migrando do formato *in loco* para as plataformas online, foi possível acompanhar os resultados, os alcances e as repercussões da aplicabilidade deste novo formato, ainda que experimental à época, mas que pudesse dar continuidade à promoção do cinema e suas produções.

Apesar do ambiente digital não ter sido uma novidade para produtores e realizadores do audiovisual – visto que muitos festivais de cinema já se utilizavam, há mais de uma década, de recursos como inscrições online e submissão de filmes por meio de links privados –, a situação posta pela pandemia, segundo Cirino e Canuto (2021, p.272), forçou o apogeu de um percurso que já vinha sendo trilhado. A relação dos festivais com as novas mídias consolidou diversas novas perspectivas do cinema, e passou a reconfigurar não só a forma de se fazer uma produção cinematográfica, mas de sua distribuição e exibição.

Diante dessa premissa, um dos primeiros exemplos de festival de cinema com registro de realização no ambiente virtual no Brasil em 2020 foi o BIFF – Brasília International Film Festival, ou Festival Internacional de Cinema de Brasília, dedicado à produção de realizadores que começam a despontar no cenário cinematográfico mundial. Programada de início para



ocorrer presencialmente, a sétima edição do evento acabou migrando para as plataformas digitais, sendo realizado de 21 a 26 de abril de 2020 e conseguindo manter toda sua programação original, o que incluiu as mostras competitivas. De acordo com os dados coletados e disponíveis no site do próprio evento, foram mais de 50 mil acessos à plataforma que exibiu os filmes, superando marcas importantes como, por exemplo, a edição de 2018, que contou com a presença de 8 mil pessoas durante os dez dias de atividades presenciais.

Além da participação do público que assistia aos filmes em casa, foram mensuradas 800 mil visualizações nas postagens e interações realizadas nas redes sociais do BIFF, servindo de modelo experimental e referência para outros festivais brasileiros, como foi o caso do Curta Taquary, que se assemelha ao Circuito Penedo de Cinema por ser um festival de cinema realizado em cidade de interior, e que serviu inclusive, de parâmetro para as considerações que o evento de Penedo precisaria fazer para a realização de sua edição, em 2020.

O Curta Taquary – Festival Internacional de Curta-metragem é um evento cultural realizado em Taquaritinga do Norte, na região agreste do estado de Pernambuco. Ao longo das doze edições realizadas no formato presencial até 2019, o Curta Taquary exibiu mais de 1.600 filmes para um público superior a 70 mil pessoas, tornando-se um importante espaço para a difusão da produção audiovisual do Brasil e da América Latina (CURTA TAQUARY, 2020a). Além de mostras competitivas e filmes convidados, o evento também promove ações para a comunidade, por meio de oficinas em escolas, sessões itinerantes e incentivo à economia criativa local, através de atividades sociais de cultura, educação e cidadania. Ou seja, tem uma forte presença no diálogo com a comunidade local.

Assim como o Festival Internacional de Cinema de Brasília, o Curta Taquary foi um dos primeiros festivais de cinema no país a realizar o evento totalmente online em 2020. Ocorrido entre os dias 22 e 25 de abril, o festival utilizou o seu site oficial para disponibilizar todos os filmes participantes durante o evento, por meio da tecnologia *streaming*, onde o espectador assistia aos curtas diretamente na internet, sem a necessidade de download.

A partir do gerenciador de visualizações do site, a produção conseguiu mensurar os números de acesso, de visitantes e os cliques para a votação popular das mostras competitivas. Com isso, foi possível confirmar o registro de mais de 100 mil visualizações de filmes durante todo o período. Isso representou mais do que todo o quantitativo de público registrado nas doze edições presenciais do evento. A partir daí, vários outros festivais de cinema – inclusive novos – passaram a se utilizar das plataformas digitais para a realização de suas atividades.

Para além dos festivais de cinema, a internet passou a ser um fervoroso espaço de eventos e atividades virtuais de todas as ordens – musicais, artísticos, políticos, reuniões de trabalho, estudos remotos – tudo passou a ser feito no ambiente virtual. Porém, depois que passou a euforia inicial, as pessoas foram cansando de estarem sempre na frente de uma tela.

Atrelado a isso, a pandemia da Covid-19 passou a ter ciclos de altos e baixos períodos de contaminação, mesmo depois do início da vacinação no Brasil, em janeiro de 2021. Contudo, aos poucos, alguns setores foram sendo flexibilizados e as atividades presenciais começaram a ser retomadas, ainda com a adoção dos protocolos sanitários, até meados do primeiro semestre de 2022, pelo menos.

Nesse contexto, o Circuito Penedo de Cinema assumiu o compromisso de realizar a sua edição 2020 a partir de um formato híbrido, com atividades presenciais e virtuais, aproveitando-se de uma janela de desaceleração dos índices de contaminação da Covid-19 em que foi permitido o retorno de atividades presenciais. De 23 a 29 de novembro de 2020, ocorreu a edição comemorativa de 10 anos do Circuito Penedo de Cinema.

Com um discurso de resistência e insistência cultural, tanto pela chegada ao décimo ano de evento como também por conseguir realizar um festival de cinema em tempos de pandemia, o Circuito Penedo de Cinema em 2020 teve uma participação menor de público, sem a presença de realizadores e com um número reduzido de convidados externos, basicamente formado pela comunidade da cidade de Penedo.

Como à época já estávamos atuando como produção do evento e pesquisador acadêmico, foi possível identificar empiricamente a importância da realização do evento para a cidade e, principalmente, para os moradores locais. Em tempos de pandemia, um evento cultural serviu como um alívio, um respiro, um momento para sair de casa e, com todos os cuidados sanitários, participar da programação do festival. A grande estrutura de sala de exibições climatizada instalada na Praça 12 de Abril em edições anteriores, com capacidade para 650 pessoas, foi substituída por tendas abertas com pouco mais de 100 cadeiras, colocadas com distanciamento de 1,5m entre elas, para que o público pudesse acompanhar as exibições dos filmes ao ar livre, em telão montado na própria praça, que continuou a ser o principal espaço de atividades do evento.

Como forma de manter a sua programação de mostras competitivas, seguindo o exemplo do Curta Taquary, todos os filmes concorrentes foram disponibilizados em plataforma *online* para que o público pudesse assistir, votar e escolher os melhores na categoria Júri popular. Presencialmente, além da exibição de curtas metragens com classificação indicativa

livre na praça 12 de Abril durante às noites, ocorreram algumas oficinas com redução de participantes. No ambiente remoto, foram mantidas as atividades de mesas redondas e o bate papo com realizadores.

Um dado bastante relevante que observamos foi o número de curtas metragens inscritos e selecionados para a edição 2020 do evento: 823 e 49 filmes, respectivamente. A hipótese que levantamos é que, com a diminuição no quantitativo de festivais de cinema realizados no primeiro ano de pandemia, para produtores e realizadores audiovisuais era preciso garantir a exibição de suas obras em eventos que conseguiram se manter, seja virtual ou híbrido. O número de curtas recebidos pelo Circuito em 2020 foi o maior de todas as edições já realizadas até então, o que mostra também o alcance que o festival tem em nível de divulgação nacional. Empatado com Pernambuco, Alagoas foi o terceiro estado com o maior número de filmes inscritos: 22, perdendo apenas para Rio de Janeiro (67) e São Paulo (121).

Como forma de celebrar a chegada da 10ª edição do evento, as duas primeiras noites do Circuito Penedo de Cinema aconteceram dentro do Cine São Francisco, que à época havia sido reformado depois de estar fechado por 29 anos. Por ter sido apenas um ato simbólico comemorativo, as outras cinco noites de programação do evento ocorreram na Praça 12 de Abril.

Naquela edição, o evento conseguiu levar para Penedo cinco longas metragens que contaram com a presença de artistas e diretores convidados: *Acqua Movie* (2019), com o ator Antônio Haddad e o diretor Lírio Ferreira; *Jackson – na batida do Pandeiro* (2019), que contou com a presença do diretor Marcus Villar e o diretor de Fotografia Thiago Marques; *Piedade* (2019), que levou para Penedo o ator Matheus Nachtergaele, a atriz Mariana Ruggiero o diretor pernambucano Claudio Assis; *Cavalo* (2020), filme alagoano que gerou um bate papo com os diretores Rafael Barbosa e Werner Sales; além da exibição do longa *Três Verões* (2019).

No campo da comunicação, ressalta-se o registro de 240 mil acessos de usuários ao site do evento, durante os dias de programação em que os filmes ficaram liberados para acesso gratuito de todo o público. Pela primeira vez, foi possível produzir um banco de dados com informações dos visitantes à plataforma do festival, permitindo traçar um perfil de público. 45% dos acessos foram realizados por pessoas entre 20 e 30 anos de idade, com a maior concentração de visitantes vindo da região Sudeste. Nas redes sociais, o perfil do evento no Instagram conseguiu em 2020 um aumento de 66% de novos seguidores em comparação ao ano anterior e de 833% a mais no percentual de interações ocasionadas pelas postagens.

Em 2021, a pandemia da Covid-19 continuou com altos e baixos períodos de contaminação, fazendo com que os eventos mantivessem suas preocupações em relação aos seus formatos de realização. O Curta Taquary, por exemplo, permaneceu com sua edição online, ocorrida no mês de abril. O Circuito Penedo de Cinema, mais uma vez, conseguiu se manter no formato híbrido graças ao ritmo de vacinação da população que, à época, já começava a ajudar na desaceleração de contágio do vírus.

Entre os dias 22 e 28 de novembro de 2021 o evento chegou a sua 11ª edição, batendo um novo recorde de filmes inscritos: foram 873 no total, sendo 70 selecionados para as mostras competitivas, que se mantiveram disponíveis no site do festival, durante os dias de programação, além das exhibições in loco, que desta vez contou com o retorno da estrutura de tenda climatizada na Praça 12 de Abril, ainda com a adoção dos protocolos sanitários de uso de máscara, álcool em gel e distanciamento entre as cadeiras.

O evento continuou sem a presença dos realizadores e sem as exhibições da Mostra Infantil e da Mostra Ambiental, que sempre foram espaços com público induzido das escolas de educação básica, fundamental e ensino médio da rede pública e privada de Penedo. Contudo, buscando mitigar os impactos da pandemia, o Circuito conseguiu promover três sessões itinerantes em escolas da rede municipal, para crianças entre 3 e 7 anos de idade.

Com o retorno da sala de exhibições climatizada na praça, foi possível aumentar o número de longas metragens convidados para a edição 2021 – em 2020, pelas exhibições terem acontecido na praça ao ar livre, por questões de classificação indicativa, não foi possível a projeção de filmes com conteúdo mais sensíveis. Participaram, entre outros títulos, *Ensaio sobre o fracasso* (2021), com a presença remota do diretor Cristiano Burlan; *Fim de festa* (2020), com a participação presencial do diretor Hilton Lacerda e, no virtual, do produtor Joao Vieira; *Marighella* (2021), que levou a Penedo a atriz Maria Marighella; e *Doutor Gama* (2021), com os atores presentes Erom Cordeiro, Cesar Mello e Angelo Fernandes.

Observamos que a edição 2021 teve um aumento na circulação de público local, comparando-se ao ano anterior. O fato dos números de contaminação e mortes por Covid-19 terem dado uma diminuída à época permitiu que as pessoas se sentissem mais à vontade para estarem no evento com suas famílias.

Durante o período de 7 de novembro a 7 dezembro de 2021, foram registrados 4,5 mil acessos de usuários no site oficial do Circuito. A maior concentração de visita aconteceu na semana do evento, de 22 a 28 de novembro. Esse dado reforça a hipótese de que o auge da

interação entre eventos online e público aconteceu em 2020, havendo uma desaceleração no ano seguinte, principalmente com o retorno gradual das atividades presenciais.

A partir de nossa análise participativa nestes dois anos em que abordamos como recorte temporal neste epílogo, conseguimos atuar como pesquisador, inclusive com a aplicação do questionário que legitimou nossa investigação principal, no estudo de caso do Circuito Penedo de Cinema edição 2019.

Conseguimos observar que houve uma atenção da equipe de comunicação em dar continuidade à produção de conteúdos audiovisuais que remetessem a um maior senso de pertencimento e identificação cultural da comunidade local com o evento, a partir de duas ações realizadas. Em 2020 foi desenvolvido o projeto “Penede-se”, que apresentou, em quatro episódios, bens culturais de Penedo destacando o seu patrimônio histórico e as riquezas arquitetônicas da cidade. O material foi postado nas redes sociais do Circuito e, apesar do seu formato leve e dinâmico, poderia ter sido também exibido presencialmente, nas aberturas das mostras noturnas.

E em 2021, o evento produziu o documentário especial “Cultura é pertencimento”, que teve como fundamento a valorização dos saberes, das celebrações e das formas de expressão cultural existentes em Penedo. Aproveitando-se da participação de diversos grupos culturais que se apresentaram durante a programação do Circuito, foram registrados depoimentos das mestras e mestres da cultura popular, que descreveram as histórias das poucas práticas coletivas culturais existentes no Baixo São Francisco, as dificuldades enfrentadas pelos representantes dos grupos, em especial a falta de incentivo público. O vídeo de seis minutos e vinte e cinco segundos foi veiculado no site oficial do Circuito e no seu canal do Youtube. Mais uma vez se perdeu a oportunidade de potencializar o acesso ao conteúdo com exibição presencial, o que não ocorreu diferente do “Eu sou o Cinema”, em 2019.

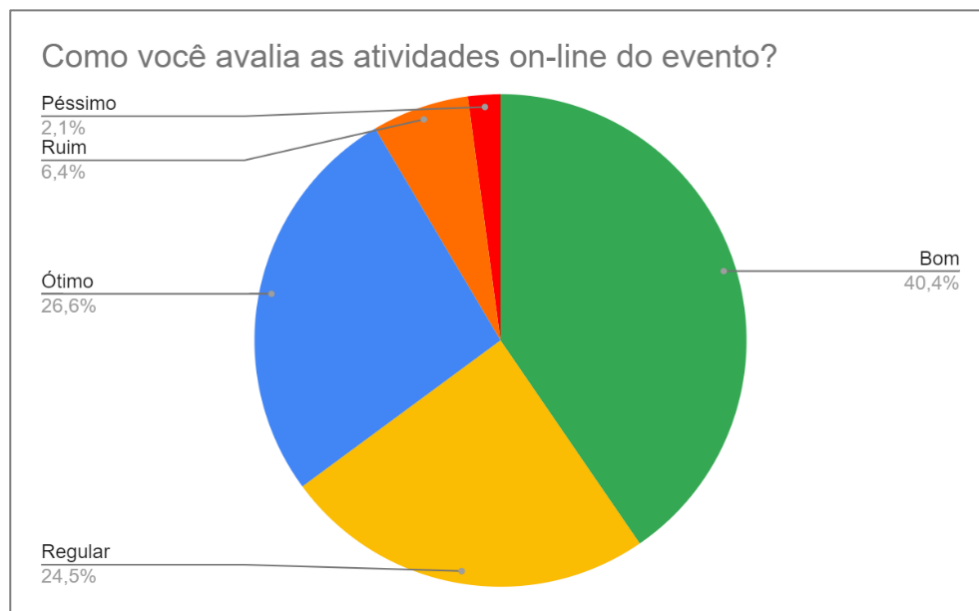
Um outro dado que observamos nos dois anos de evento dentro do período pandêmico foram as despesas locais que o Circuito teve com a realização do festival. Foram gastos pouco mais de 158 mil reais com serviços de contratação local somente em 2020, sendo 27 mil nos meios de hospedagem. Em 2021, essa despesa subiu para 40 mil reais, com o aumento de equipe e convidados.

Atrelada a essa movimentação na economia local que o evento gera, tanto em 2020 quanto em 2021 o Circuito Penedo de Cinema promoveu a Feira do Empreendedores Culturais, dando um maior corpo a um espaço que já existia em edições anteriores, destinado a empreendedores, comerciantes e artesãos da cidade de Penedo, disponibilizo na Praça 12 de

Abril. Neste recorte de 2020-2021, a estrutura disponibilizada para os expositores foi maior e mais organizada, sendo uma vitrine para a economia criativa de Penedo potencializar a visibilidade de produtos e fazedores da arte e da cultura local.

Neste âmbito, com a nossa aplicação de questionários à moradores e empreendedores locais em 2021, foi possível observar a visão destes públicos em relação ao evento. No geral, das 118 pessoas que responderam sobre a ideia da feira de empreendedores culturais, 106 avaliaram como bom e ótimo, o que corresponde a 89,8% das avaliações. As atividades *on-line*, inseridas na programação do evento em 2020 e 2021, dentro do formato híbrido em que o Circuito se configurou no período pandêmico, tiveram 67% de conceito bom e ótimo e 33% entre regular, ruim e péssimo, conforme Gráfico 19:

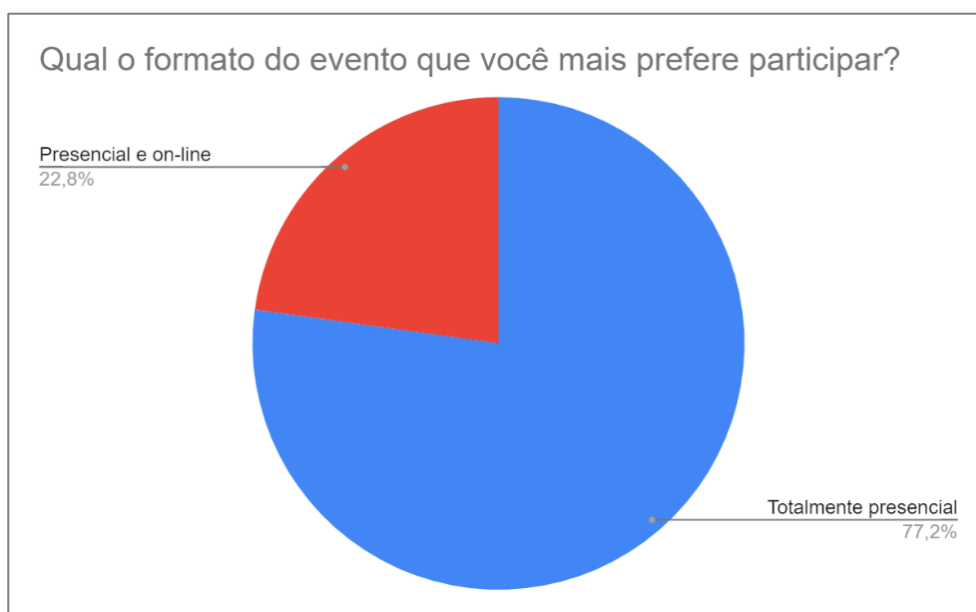
**Gráfico 19: Avaliação das atividades on-line durante o evento (grupo 1 – morador local)**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

Foi avaliado, ainda, qual o melhor formato que o evento poderia adotar: totalmente presencial, presencial e on-line (híbrido) ou totalmente on-line. Para esta última opção, nenhum entrevistado a marcou como resposta. O evento totalmente presencial foi a preferência da maioria dos participantes nesta pesquisa (Gráfico 20).

**Gráfico 20: Sobre o melhor formato para o evento (grupo 1 – morador local)**



Fonte: Elaboração do autor (2022)

Há de ressaltar novamente que a pesquisa foi aplicada com moradores locais, portanto, para este público, é fundamental que o evento ocorra presencial em sua totalidade, criando espaços de integração, interação, promoção da cultura, além do entretenimento como forma de sociabilidade entre as pessoas.

É da natureza dos próprios festivais de cinema promover atividades presenciais. Como já vimos ao longo de todo este trabalho, festival é, acima de tudo, uma celebração coletiva, uma experiência de comunicação em que há trocas, conhecimentos, compartilhamentos. Sem o fator presencial, perde-se o contato físico, as pessoas na praça ou na sala de exibição, o *networking* entre profissionais da área, o burburinho *in loco* e os aplausos no fim de cada sessão, a aproximação e a foto com artistas, produtores, realizadores. Por outro lado, dentro das possibilidades que as novas tecnologias permitem, ganha-se a abertura para novas plateias, o acesso irrestrito e o alcance universal do conteúdo disponibilizado na Internet. O cinema pode chegar em todos os lugares de uma maneira muito mais rápida e prática.

Necessário é saber equilibrar o modelo convencional de um evento cultural com o suporte das ferramentas virtuais, enquanto estratégia de divulgação, de promoção e de registro e memória cultural de ações desenvolvidas. Toda a cadeia produtiva do audiovisual deverá se organizar e aprender a lidar com um mundo em que o presencial é importante, para as relações sociais, mas o ambiente virtual aproximou e deu celeridade a estas mesmas relações interpessoais, como mecanismo de negócios e inspirações culturais e criativas.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A JANELA DO AUDIOVISUAL ALAGOANO. **Alagoar**. Disponível em: <https://alagoar.com.br/>. Acesso em: 12 set. 2022.

ABERTOS, Portal Brasileiro de Dados. **Filmes e sessões da Programadora Brasil**. Disponível em: <https://dados.gov.br/dataset/filmes-e-sessoes-da-programadora-brasil>. Acesso em: 08 set. 2022.

Agência Nacional do Cinema. **A importância dos Festivais e Mostras de Audiovisual**. Disponível em: <https://ancine.gov.br/conteudo/import-ncia-dos-festivais-e-mostras-de-audiovisual>. Acesso em: 09 jul. 2021.

ALVES, Catarina Duarte Henriques de Oliveira. **Estratégias de Comunicação na Divulgação de um Evento Cultural: O Caso do Doclisboa**. 2018. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018.

ARAÚJO, Milena Moreira de. **Motivação da audiência de festivais de cinema: estudo exploratório em Portugal**. 2013. 50 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Marketing, Lisboa School Of Economics & Management, Lisboa, 2013.

ARAÚJO, S. O. S. D.; GRAÇA, A. D. S. D.; Os festivais de cinema de Penedo (1975-1982): impactos para o turismo local. XXVII Simpósio Nacional de História, Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371158946\\_ARQUIVO\\_ArtigoAndelliSergioOnofre-Revisado\\_09-04-2013\\_01.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371158946_ARQUIVO_ArtigoAndelliSergioOnofre-Revisado_09-04-2013_01.pdf). Acesso em: 8 de jul. 2021.

ARAÚJO, Sérgio Onofre Seixas de. **Proposta de adequação do Circuito Penedo de Cinema ao mundo pós-Covid-19**. 2020. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/115yB13e4Zd-QGB3SwBoYnPVkg8eHQ80X6O16hfKuCR4/edit>. Acesso em: 10 jul. 2021.

ARAÚJO, Sérgio Onofre Seixas de; GRACA, A. D. S. **Os Festivais de Cinema de Penedo (1975-1982): impactos para o turismo local**. In: Ana Flávia Ferraz; Otávio Cabral. (Org.). *Arte em Alagoas: algumas reflexões*. 1ed. Maceió: Edufal, 2013, v., p. 133-160.

BAMBA, Mahomed (org.). **A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos**. Salvador: Edufba, 2013. 302 p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 2011.

BARRETO, Margarita. *Cultura e turismo: discussões contemporâneas*. 2ª ed. Campinas: Papyrus, 2012.

BARROS, E. *Panorama do cinema alagoano*. 2. ed. rev. e ampl. Maceió: EDUFAL, 2010.

CARVALHO, Ana Paula Flôres; NUNES, Jony Peterson Valeriano. **O Festival de Cinema Universitário de Alagoas na visão da comunidade local x turistas na cidade de Penedo - AL**. 2014. 103 f. TCC (Graduação) - Curso de Turismo, Universidade Federal de Alagoas, Penedo, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CINEMATECA PERNAMBUCANA. **Conhecendo o Ciclo do Recife**. Disponível em: <http://cinematecapernambucana.com.br/2020/03/conhecendo-o-ciclo-do->



recife/#:~:text=Iniciado%20em%201923%2C%20o%20hoje,dispon%C3%ADveis%20no%20nosso%20acervo%20online. Acesso em: 01 nov. 2022.

CIRINO, N. N.; CANUTO, K. J. **Festivais de cinema pós-Covid-19: impactos e perspectivas.** Significação: Revista de Cultura Audiovisual, [S. l.], v. 48, n. 56, 2021, p. 268-284. DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.2021.176299. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/176299>. Acesso em: 29 de outubro de 2021.

CORRÊA, Paulo Vitor Luz. **Os festivais/mostras audiovisuais em 2019: geografia e virtualização.** 2020. Disponível em: [https://issuu.com/pauloluzcorrea/docs/\\_v0\\_-\\_os\\_festivais-mostras\\_audiovisuais\\_em\\_2019\\_-](https://issuu.com/pauloluzcorrea/docs/_v0_-_os_festivais-mostras_audiovisuais_em_2019_-). Acesso em: 04 jun. 2022.

CORRÊA, Paulo Vitor Luz. **Panorama dos festivais/mostras audiovisuais brasileiros - edição 2020.** 2021. Disponível em: [https://issuu.com/pauloluzcorrea/docs/v1\\_-\\_panorama\\_dos\\_festivais-mostras\\_audiovisuais\\_b](https://issuu.com/pauloluzcorrea/docs/v1_-_panorama_dos_festivais-mostras_audiovisuais_b). Acesso em: 04 jun. 2022.

FECHINE, Mariana Quirino. **Desenvolvimento, educação e cultura através dos festivais de cinema da Paraíba.** Anais III CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/20660>>. Acesso em: 08 out. 2022.

FÓRUM dos Festivais. Disponível em: <https://www.forumdosfestivais.com.br/>. Acesso em: 10 set. 2021.

GASKELL, George; BAUER, Martin. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som, um manual prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

GRAÇA, Sara Inês. **Comunicação Estratégica na organização de um Festival de Cinema: O caso do Festival Caminhos Do Cinema Português.** 2019. 156 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade de Coimbra, Lisboa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/11387>. Acesso em: 28 jan. 2021.

HAGUETTE, Teresa. **Metodologias qualitativas na sociologia.** Rio de Janeiro: Petrópolis, 2005.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997. p. 15-46.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. El trabajo de la representación. IEP – Instituto de Estudios Peruanos: Lima, Maio, 2002.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis,RJ: Vozes, 2000.

IKEDA, Marcelo. **O Curta Taquary e sua cartografia afetiva de possíveis.** Revista Vazantes, v. 5, n. 1, p. 346-377, 22 dez. 2021.

IKEDA, Marcelo. **O papel dos novos festivais de cinema no amadurecimento do “cinema de garagem” brasileiro nos anos 2000.** In: CUNHA, Paulo et alii (orgs.). XIII Jornadas Cinemas em Português. Covilhã: Labcom/UBI, 2021. Disponível em: <http://labcom.ubi.pt/livro/367>. Acesso em: 18 out. 2021.

IKEDA, Marcelo; LIMA, Dellani (org.). **Cinema de garagem: panorama da produção brasileira independente do novo século**. Rio de Janeiro: Wset Multimídia, 2012. 280 p.

JOSÉ, Maria Carolina de Andrade; RIBEIRO, Giliard Sousa. Produção científica sobre eventos. **Revista Turismo em Análise**, [S.L.], v. 31, n. 3, p. 518-537, 2 dez. 2020. Universidade de Sao Paulo, Agencia USP de Gestao da Informacao Academica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v31i3p518-537>.

KNUPP, Marcos Eduardo Carvalho Gonçalves; CASTRO, Carolina Lescura de Carvalho; NAVARRO, Rhuan Antony Dias; SILVA, Renato Augusto Conde da. Os festivais e seus impactos para os destinos turísticos: o caso do festival de inverno de ouro preto/mg. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 1-21, 20 abr. 2021. Galoa Events Proceedings. <http://dx.doi.org/10.17648/raoit.v15n1.6082>.

LEÃO, Tânia. Para uma Análise dos Festivais de Cinema em Portugal: gênese, institucionalização e desafios. **Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 158-192, 23 mar. 2022. Associacao de Investigadores da Imagem em Movimento. <http://dx.doi.org/10.14591/aniki.v8n1.738>.

LEÃO, Tânia; VALLEJO, Aida. Introdução: festivais de cinema e os seus contextos socioculturais. **Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 80-100, 23 mar. 2022. Associacao de Investigadores da Imagem em Movimento. <http://dx.doi.org/10.14591/aniki.v8n1.789>.

MAGER, Juliana Muylaert. **É tudo verdade? Cinema, memória e usos públicos da história**. 2019. 221 f. Tese (Doutorado) - Curso de Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

MARQUES, Sílvia. O cinema como ferramenta de análise e transformação cultural: o franquismo em Bigas Lunas. São Paulo: PUC Semeiosis, 2013.

MATTOS, Tetê. **Festivais de cinema e os estudos acadêmicos**. 2019. Disponível em: <http://www.lacon.uerj.br/novo/index.php/2019/07/02/festivais-de-cinema-e-os-estudos-academicos/>. Acesso em: 11 dez. 2020.

MATTOS, Tetê. **Festival do Rio como objeto de pesquisa: métodos e práticas**. 2020. Disponível em: <http://www.lacon.uerj.br/novo/index.php/2020/09/01/festival-do-rio-como-objeto-de-pesquisa-metodos-e-praticas/>. Acesso em: 08 jan. 2021.

MATTOS, Tetê; LEAL, Antonio. **Festivais audiovisuais brasileiros: um diagnóstico do setor**. 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19077.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MESQUITA, Rodrigo Teles. **Usos do espaço: identidade cultural e noção de pertencimento em Taguatinga (DF)**. 2019. 45 f. Monografia (Especialização) - Curso de Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MORAES, Maria Teresa Mattos de. **O Festival do Rio e as configurações da cidade do Rio de Janeiro**. 2018. 239 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005.

ROLIM, Thyeres de Medeiros Lima. **Circuito Penedo de Cinema: construção da identidade visual da edição de 2017**. 2021. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.

SANTOS, Gustavo Pereira. **Patrimônio e educação patrimonial na rede estadual de ensino na cidade de Penedo – AL (2016-2019)**. 2019. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2019.

SANTOS, Jessamine Rayane dos. **Por um cinema todos delas: um panorama da participação da mulher em mostras e festivais do audiovisual alagoano**. 2020. 75 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo Razão e Emoção**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **Por outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.

SILVA, Edsamy Dantas da; BEZERRA, Cláudio Roberto de Araújo; LINS, Aline Maria Grego; FERREIRA, Alexandre Figueirôa. Curta Taquary: o processo de reinvenção de um festival de cinema durante a pandemia da covid-19. **Rebeca - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual**, [S.L.], v. 10, n. 2, p. 199-218, 27 nov. 2021. REBECA - Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual. <http://dx.doi.org/10.22475/rebeca.v10n2.781>.

SILVA, Eduardo Pordeus. **Reivenção da cidade, produção fílmica e visibilidade sociocultural: o uso do território na roliúde nordestina**. 2014. 154 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Cabaceiras, 2014.

SILVA, Maysa Santos da. **Mulheres no cinema de Alagoas : Mostra Sururu de Cinema Alagoano (2009 - 2018)**. 2020. 195 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Cinema e Narrativas Sociais) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos da Teoria e Pesquisa da Comunicação edos media**. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

SOUZA, Edvaldo Aparecido; PEDON, Nelson Rodrigo. **Território e Identidade**. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas - MS, V 1 – n.º6 - ano 4, Novembro de 2007.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus, 1997.

VALLEJO, Aida. 2014. Festivales cinematográficos: en el punto de mira de la historiografía fílmica. Secuencias. Revista de Historia del cine 39: 13- 42 Disponível em: <https://revistas.uam.es/secuencias/article/view/5838>. Acesso em: 10 fev. 2022.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANELLA, Luiz Carlos. **Manual de organização de eventos - Planejamento e operacionalização**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2004. 345 p.

# **ANEXOS**

## Questionário aplicado com moradores locais de Penedo (novembro/2021)

### QUESTIONÁRIO – PÚBLICO LOCAL

Este questionário é parte de uma pesquisa acadêmica desenvolvida para o mestrado em Indústrias Criativas da Universidade Católica de Pernambuco, em parceria com a organização do Circuito Penedo de Cinema. Tem como objetivo analisar a relação cultural entre o evento e a comunidade local. As informações obtidas por meio desta pesquisa são confidenciais, assegurando-se o sigilo sobre a participação do entrevistado. Os dados coletados serão utilizados para fins acadêmicos e poderão ser aproveitados pela organização, subsidiando relatórios gerais. O questionário é anônimo e representa a opinião individual do entrevistado, sem nenhuma interferência do aplicador.

1. Idade:		
2. Gênero:		
	<input type="checkbox"/> Feminino	<input type="checkbox"/> Masculino
	<input type="checkbox"/> Outro	
3. Estado civil:		
	<input type="checkbox"/> Solteiro	<input type="checkbox"/> Casado
	<input type="checkbox"/> Divorciado	<input type="checkbox"/> União est.
	<input type="checkbox"/> Outro	
4. Nível de escolaridade		
	<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental	<input type="checkbox"/> Ensino Médio
	<input type="checkbox"/> Superior	<input type="checkbox"/> Mestrado
	<input type="checkbox"/> Doutorado	<input type="checkbox"/> Sem escolaridade

5. Como ficou sabendo do Circuito Penedo de Cinema?		
<input type="checkbox"/> Rádio	<input type="checkbox"/> Tv	<input type="checkbox"/> Jornal
<input type="checkbox"/> Sites	<input type="checkbox"/> Redes sociais	<input type="checkbox"/> Whatsapp
<input type="checkbox"/> Carro de som	<input type="checkbox"/> Panfleto	<input type="checkbox"/> Outdoor
<input type="checkbox"/> Amigos	<input type="checkbox"/> Outros: _____	
6. Já participou de edições anteriores?		
<input type="checkbox"/> Primeira vez	<input type="checkbox"/> Até cinco edições	
<input type="checkbox"/> Mais de cinco edições	<input type="checkbox"/> Todas as onze edições	
7. Sua primeira experiência com CINEMA (espaço físico) foi:		
<input type="checkbox"/> Em uma sala de cinema tradicional		
<input type="checkbox"/> Participando do Circuito Penedo de Cinema		
<input type="checkbox"/> Participando dos antigos festivais de cinema que ocorriam na Cidade (Cine São Francisco e Cine Penedo)		
<input type="checkbox"/> Outro: _____		
8. Você avalia que toda a estrutura do evento é pensada:		
<input type="checkbox"/> Somente para a comunidade local e regional		
<input type="checkbox"/> Para a comunidade local, regional e turistas		
<input type="checkbox"/> Somente para os turistas		
9. Sobre a importância cultural para Penedo, o evento:		
<input type="checkbox"/> Não tem importância	<input type="checkbox"/> Tem pouca importância	
<input type="checkbox"/> Tem muita importância	<input type="checkbox"/> Nem pouca nem muita importância	

10. O que te estimula a participar do evento? (Sem limite de marcação)	
<input type="checkbox"/> A programação geral	<input type="checkbox"/> Os filmes exibidos
<input type="checkbox"/> Os artistas convidados	<input type="checkbox"/> As atrações culturais
<input type="checkbox"/> O acesso gratuito	<input type="checkbox"/> A acessibilidade
<input type="checkbox"/> O ambiente para estar com a família e amigos	
<input type="checkbox"/> As atividades de formação e conhecimento	
<input type="checkbox"/> A lembrança afetiva que remete aos antigos festivais da cidade	
Outros: _____	

11. Você considera que o evento:	SIM	NÃO
Já faz parte do calendário cultural da cidade		
É reconhecido como um evento cultural da cidade		
Contribui com a cultura local e o turismo da região		
Promove a economia local, gerando emprego e renda		
Desperta o interesse das crianças pelo cinema		
Desperta o interesse dos jovens por debates no cinema		
Consegue resgatar a memória dos antigos festivais		
É democrático e aberto para toda e qualquer pessoa		
Possui acessibilidade para pessoas com deficiência		
Movimenta a cidade e comunidade local		
Desperta nas pessoas um sentimento de identificação e ligação cultural		
12. Você considera que o evento lhe desperta este sentimento de identificação, ligação e pertencimento cultural?		
<input type="checkbox"/> Sim, desperta um pouco	<input type="checkbox"/> Sim, desperta muito	
<input type="checkbox"/> Não, não desperta nada	<input type="checkbox"/> Não sei opinar	
13. Qual o formato do evento que você mais prefere participar?		
<input type="checkbox"/> Totalmente presencial	<input type="checkbox"/> Totalmente on-line	
<input type="checkbox"/> Presencial e on-line		
14. Como você avalia o evento?		
	Ótimo	Bom
	Regular	Ruim
	Péssimo	
Estrutura geral		
Organização		
Divulgação		
Programação geral		
Filmes		
Artistas convidados		
Atrações culturais		
Acessibilidade		
Atividades on-line		
Horário das atividades		
Feira empreendedores		
15. Você pretende participar da próxima edição do evento?		
<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Talvez

16. Em uma palavra, o Circuito Penedo de Cinema para você é:	
_____	
17. Cite pontos positivos e negativos do evento, caso queira.	
POSITIVOS:	NEGATIVOS:

## Questionário aplicado com empreendedores locais de Penedo (novembro/2021)

### QUESTIONÁRIO – EMPREENDEDORES

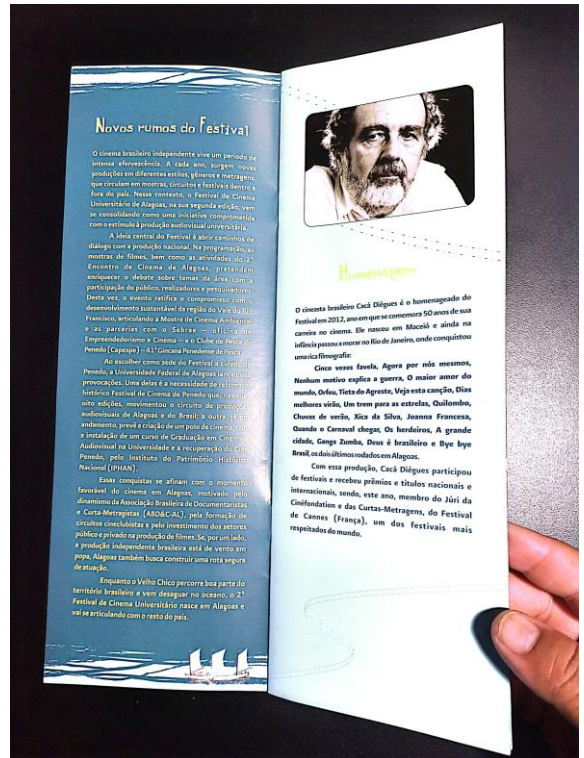
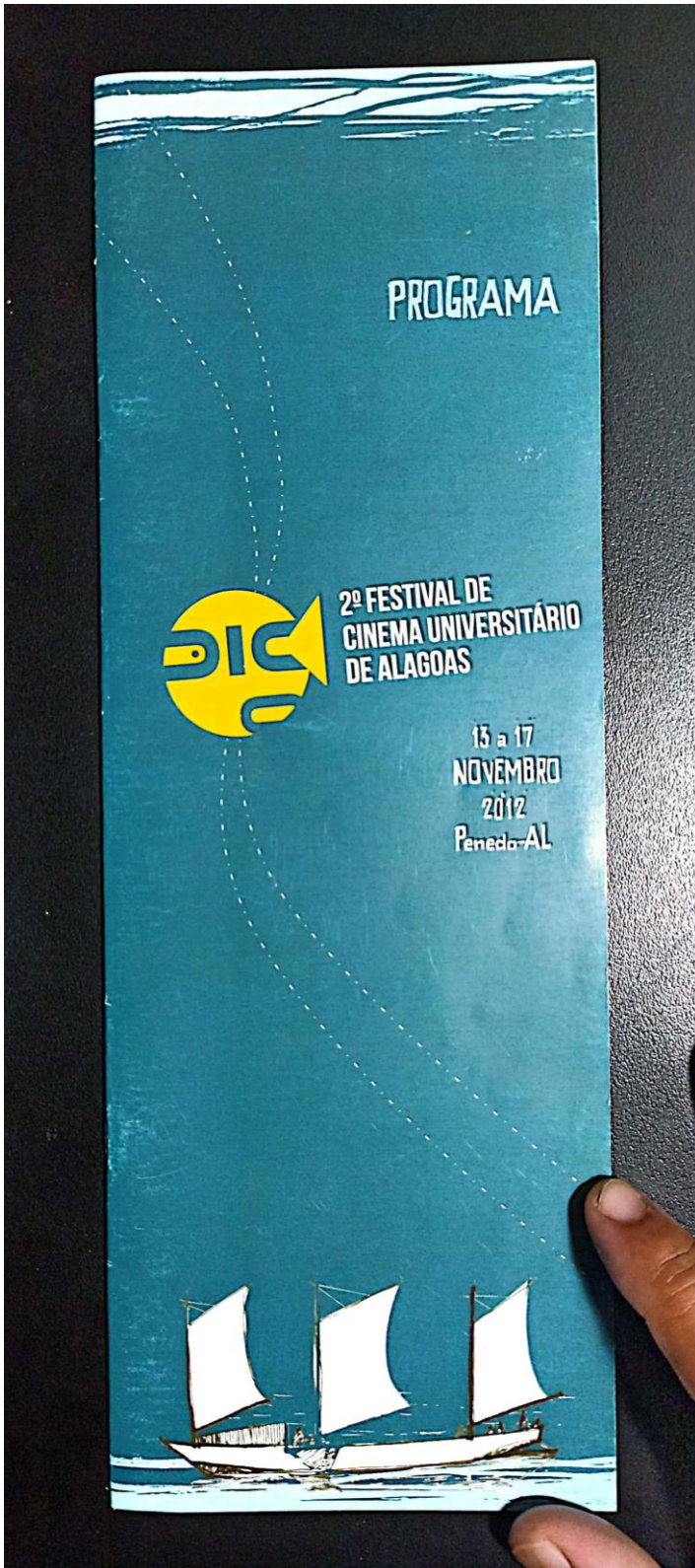
Este questionário é parte de uma pesquisa acadêmica desenvolvida para o mestrado em Indústrias Criativas da Universidade Católica de Pernambuco, em parceria com a organização do Circuito Penedo de Cinema. Tem como objetivo analisar a relação cultural entre o evento, a comunidade e os empreendedores locais. As informações obtidas por meio desta pesquisa são confidenciais, assegurando-se o sigilo sobre a participação do entrevistado. Os dados coletados serão utilizados para fins acadêmicos e poderão ser aproveitados pela organização, subsidiando relatórios gerais.

CPF/CNPJ:	
Área de atuação:	
Produtos comercializados:	
Nº de colaboradores envolvidos durante o evento:	
Nome:	
Idade:	<input type="checkbox"/> Pessoa Física <input type="checkbox"/> Pessoa Jurídica
Gênero:	<input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Outro
Estado civil:	<input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> Separado <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> União est. <input type="checkbox"/> Outro
Nível de escolaridade	<input type="checkbox"/> Ensino Fundamental <input type="checkbox"/> Ensino Médio <input type="checkbox"/> Superior <input type="checkbox"/> Mestrado <input type="checkbox"/> Doutorado <input type="checkbox"/> Sem escolaridade
1. Como ficou sabendo do Circuito Penedo de Cinema?	<input type="checkbox"/> Rádio <input type="checkbox"/> Tv <input type="checkbox"/> Jornal <input type="checkbox"/> Sites <input type="checkbox"/> Redes sociais <input type="checkbox"/> Whatsapp <input type="checkbox"/> Carro de som <input type="checkbox"/> Panfleto <input type="checkbox"/> Outdoor <input type="checkbox"/> Amigos <input type="checkbox"/> Outros: _____
2. Já participou de edições anteriores como PÚBLICO?	<input type="checkbox"/> Primeira vez <input type="checkbox"/> Até cinco edições <input type="checkbox"/> Mais de cinco edições <input type="checkbox"/> Todas as onze edições
3. Já participou de edições anteriores como EMPREENDEDOR?	<input type="checkbox"/> Primeira vez <input type="checkbox"/> Até cinco edições <input type="checkbox"/> Mais de cinco edições <input type="checkbox"/> Todas as onze edições
4. Caso já tenha participado como empreendedor, qual a média de faturamento obtido na última edição em que esteve presente?	
5. Qual a expectativa de faturamento para a edição atual do evento?	
6. Já empreendeu em outros eventos culturais da cidade ou região?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não, somente no Circuito Penedo de Cinema <input type="checkbox"/> Não, em nenhum evento cultural
7. Você avalia que toda a estrutura do evento é pensada:	<input type="checkbox"/> Somente para a comunidade local e regional <input type="checkbox"/> Para a comunidade local, regional e turistas <input type="checkbox"/> Somente para os turistas
8. Sobre a importância cultural para Penedo, o evento:	<input type="checkbox"/> Não tem importância <input type="checkbox"/> Tem pouca importância <input type="checkbox"/> Tem muita importância <input type="checkbox"/> Nem pouca nem muita importância

9. O que te estimula a empreender no evento? (Sem limite de marcação)					
<input type="checkbox"/> A programação geral	<input type="checkbox"/> Os filmes exibidos	<input type="checkbox"/> Os artistas convidados	<input type="checkbox"/> As atrações culturais	<input type="checkbox"/> O acesso gratuito	<input type="checkbox"/> A acessibilidade
<input type="checkbox"/> A necessidade financeira	<input type="checkbox"/> A estrutura ofertada pelo evento	<input type="checkbox"/> A presença da comunidade local que movimentam o evento	<input type="checkbox"/> A presença de turistas e pessoas de fora que movimentam a cidade	<input type="checkbox"/> A lembrança afetiva que remete aos antigos festivais da cidade	Outros: _____
11. Você considera que o evento:		SIM	NÃO		
Já faz parte do calendário cultural da cidade					
É reconhecido como um evento cultural da cidade					
Contribui com a cultura local e o turismo da região					
Promove a economia local, gerando emprego e renda					
Desperta o interesse das crianças pelo cinema					
Desperta o interesse dos jovens por debates no cinema					
Dialoga com a memória afetiva dos antigos festivais					
É democrático e aberto para toda e qualquer pessoa					
Possui acessibilidade para pessoas com deficiência					
Movimenta a cidade e comunidade local					
Desperta nas pessoas um sentimento de identificação e ligação cultural					
12. Você considera que o evento lhe desperta este sentimento de identificação, ligação e pertencimento cultural?					
<input type="checkbox"/> Sim, desperta um pouco		<input type="checkbox"/> Sim, desperta muito			
<input type="checkbox"/> Não, não desperta nada		<input type="checkbox"/> Não sei opinar			
12. Como você avalia o evento?					
	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Estrutura geral					
Organização					
Divulgação					
Programação geral					
Filmes					
Artistas convidados					
Atrações culturais					
Acessibilidade					
Horário das atividades					
Feire empreendedores					
13. Você pretende participar da próxima edição do evento?					
<input type="checkbox"/> Sim		<input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Talvez	
14. Em uma palavra, o Circuito Penedo de Cinema para você é:					
15. Cite pontos positivos e negativos do evento, caso queira.					
POSITIVOS:			NEGATIVOS:		

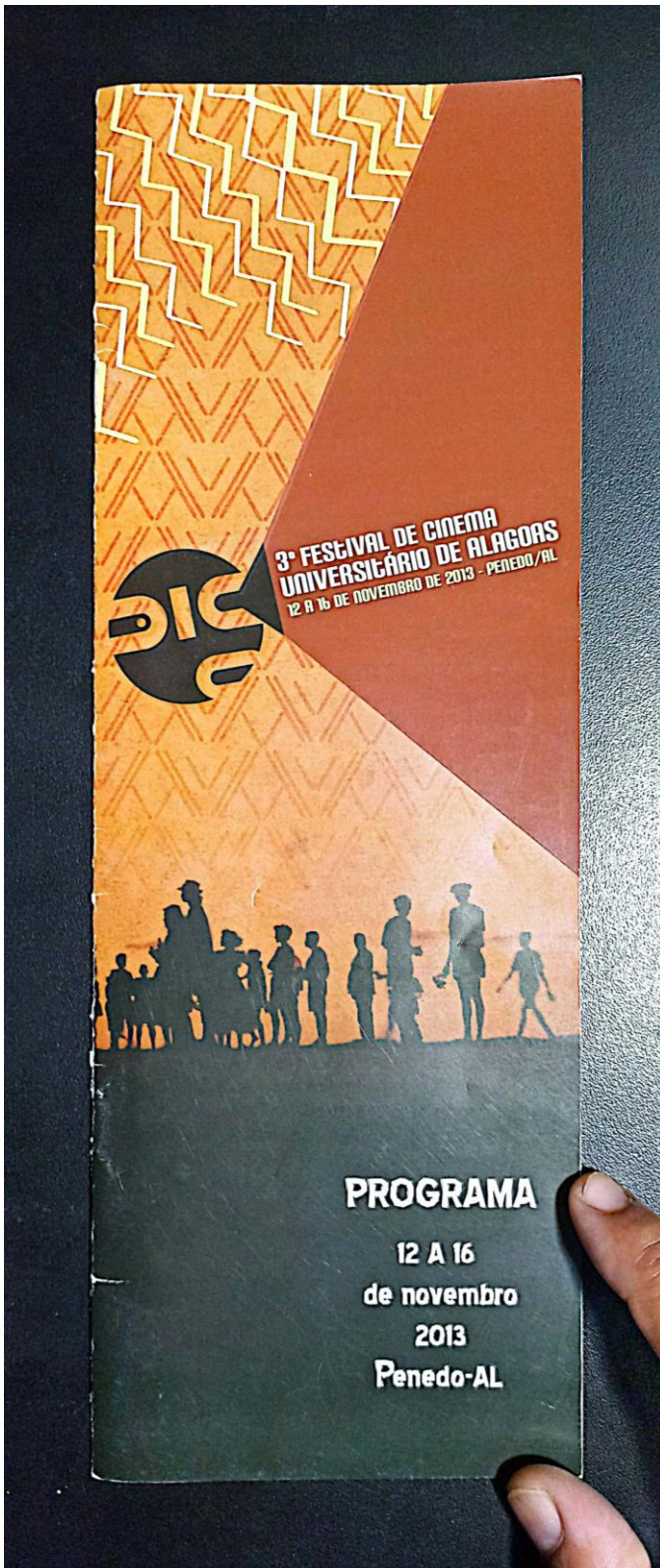


2012 – Programa impresso – 2º Festival de Cinema Universitário de Alagoas

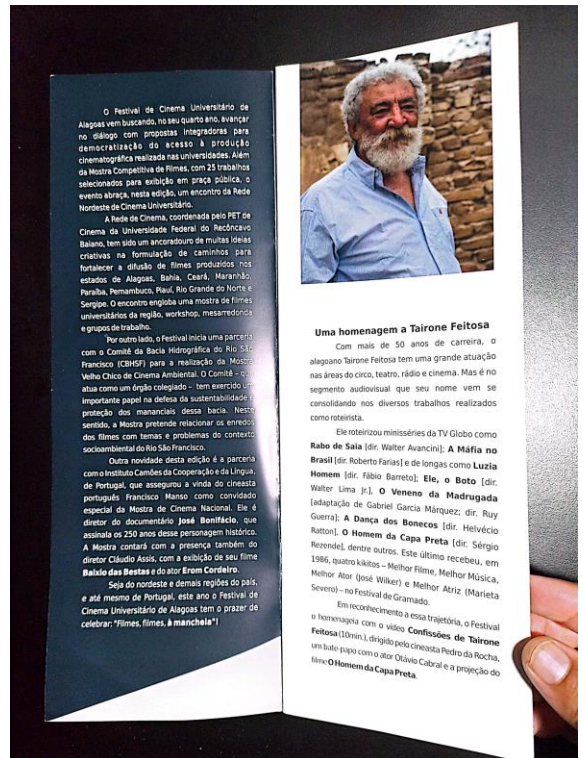
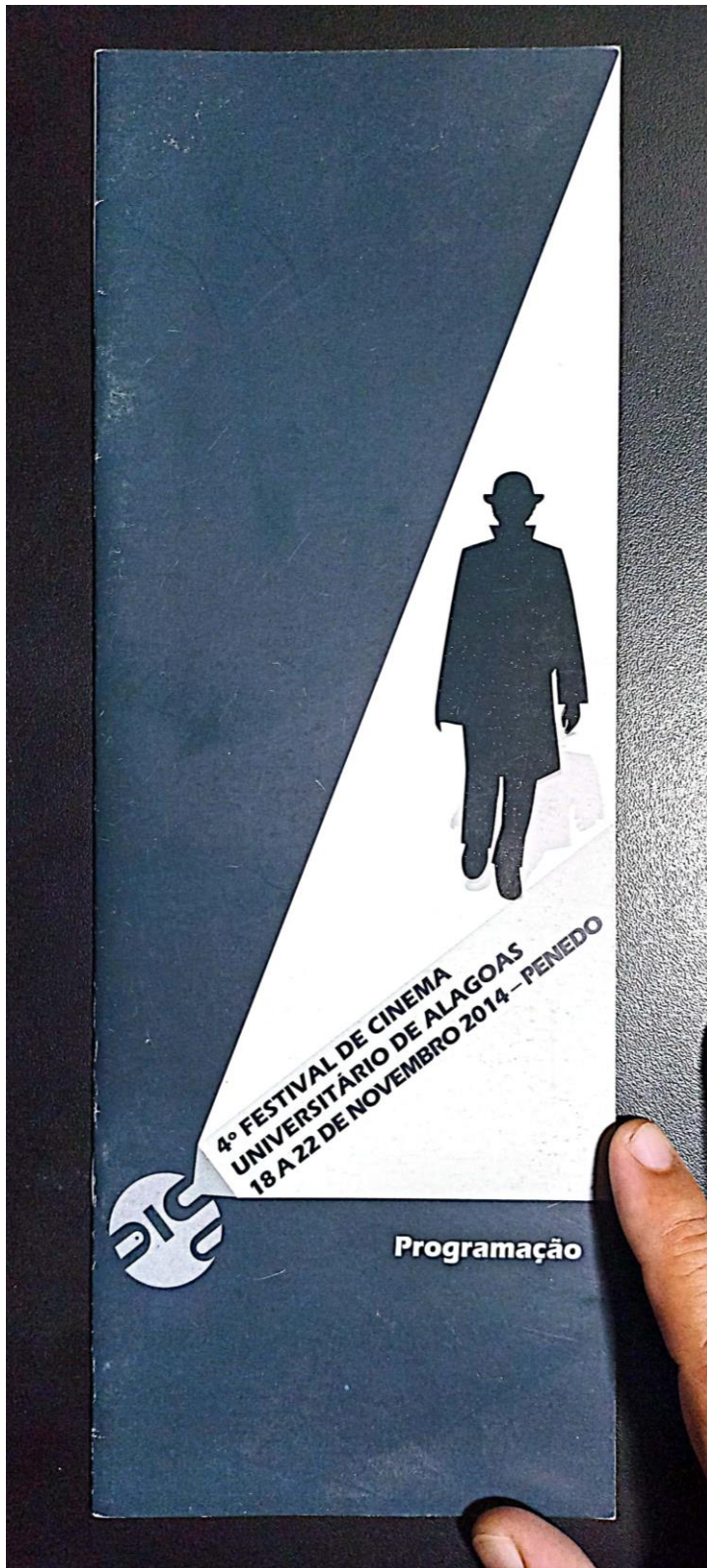




2013 – Programa impresso – 3º Festival de Cinema Universitário de Alagoas



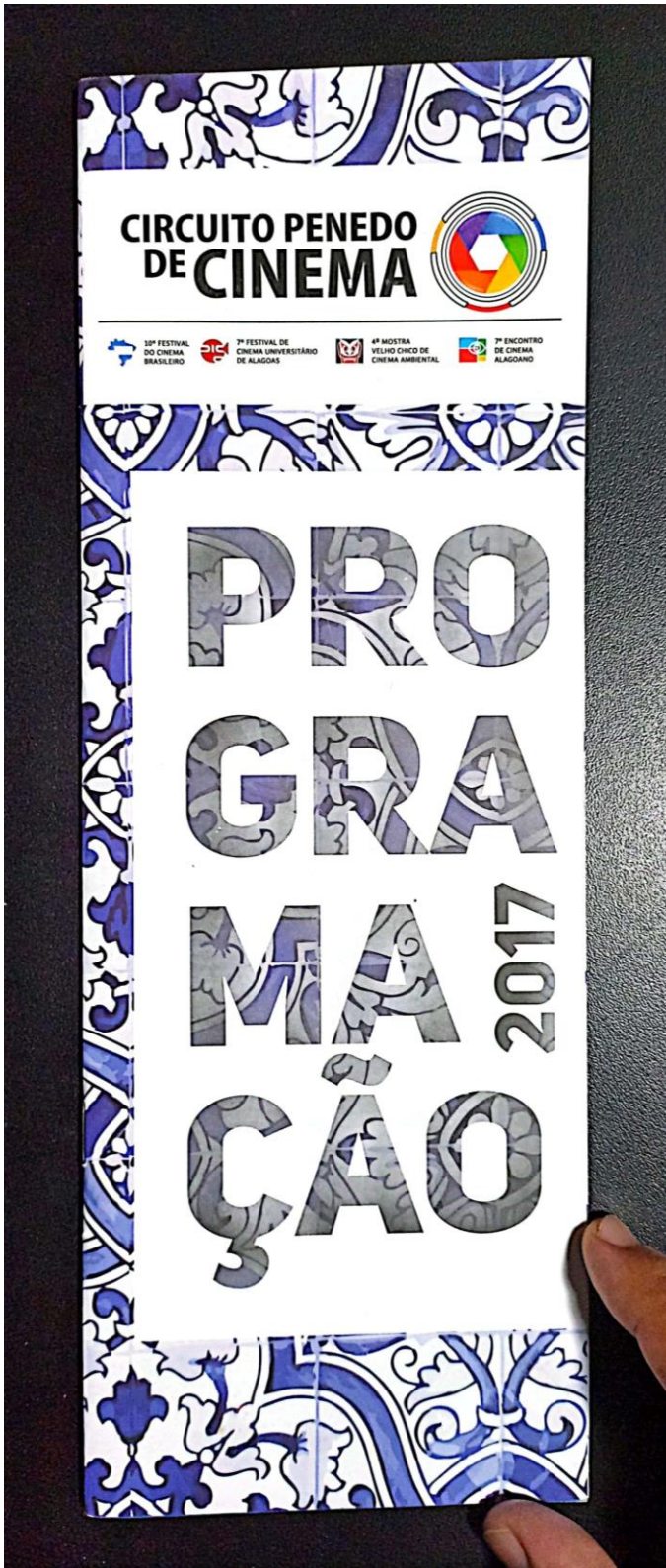
2014 – Programa impresso – 4º Festival de Cinema Universitário de Alagoas



2016 – Programa impresso – Circuito Penedo de Cinema



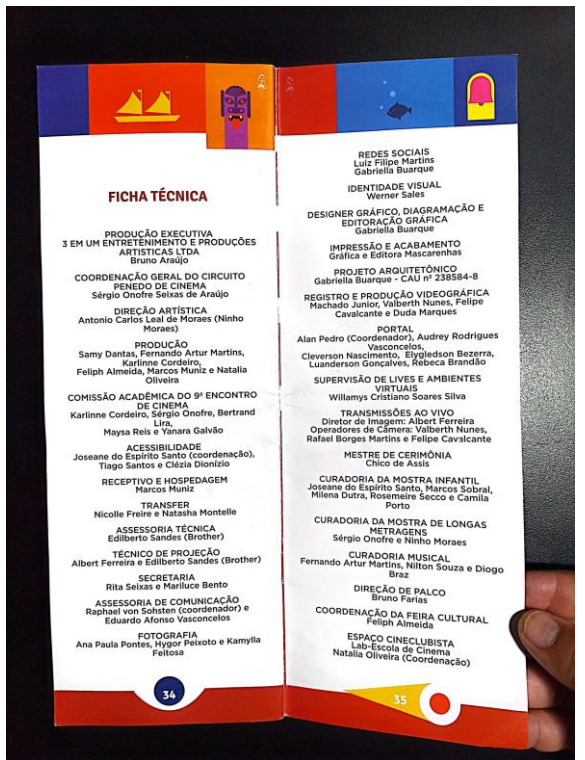
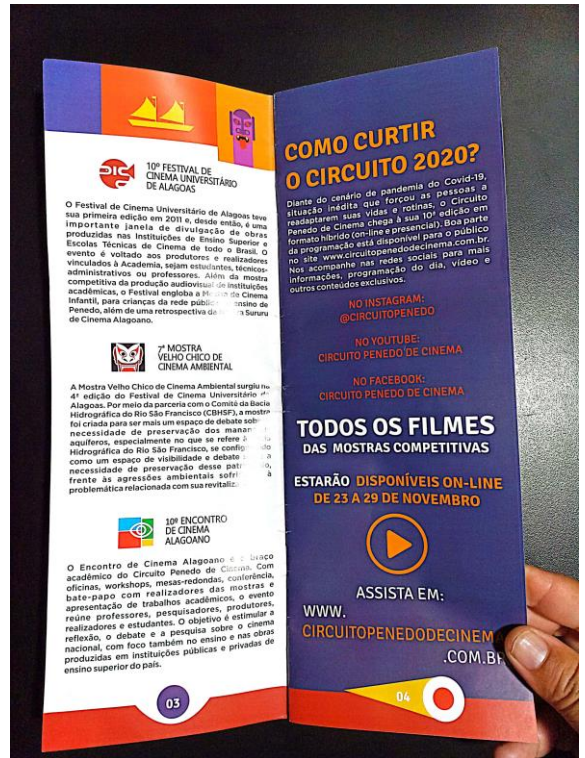
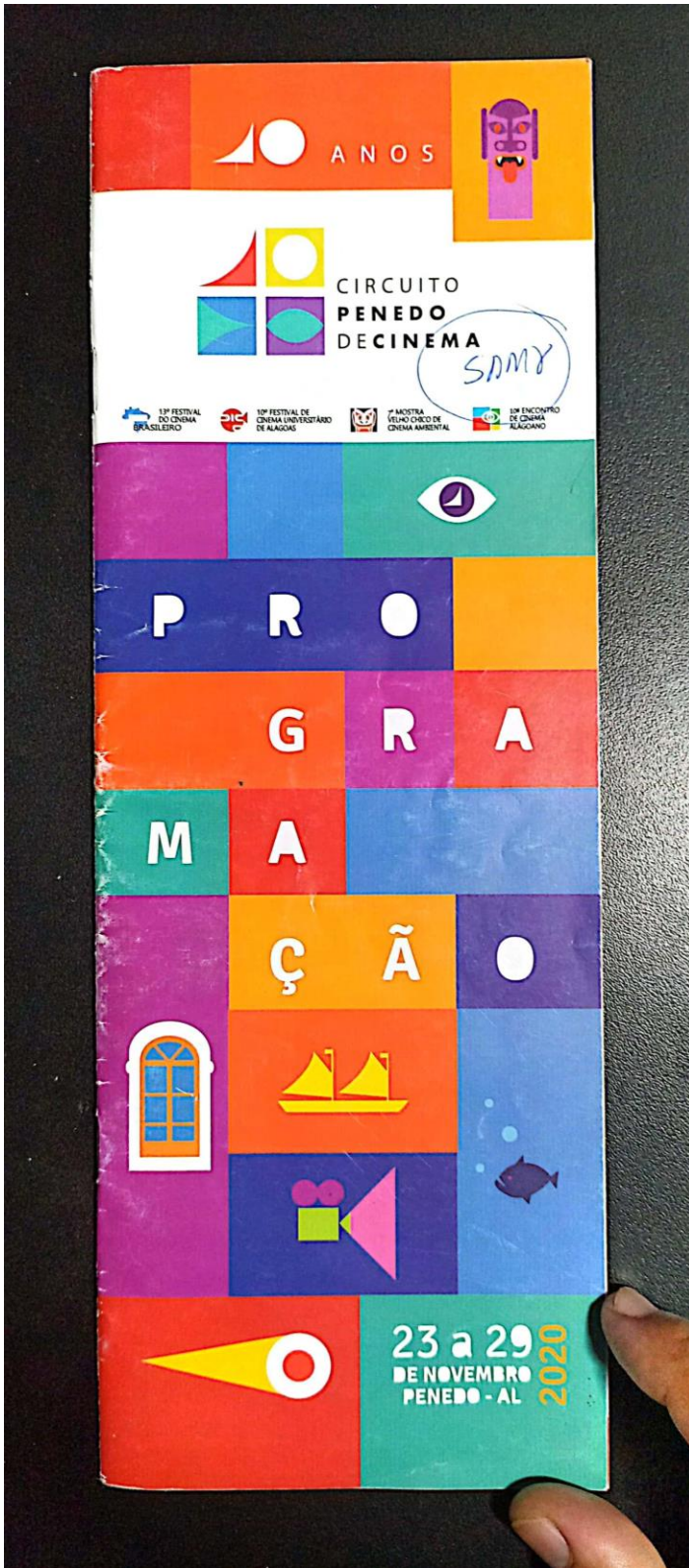
2017 – Programa impresso – Circuito Penedo de Cinema



2019 – Programa impresso – Circuito Penedo de Cinema



# 2020 – Programa impresso – Circuito Penedo de Cinema



2021 – Programa impresso – Circuito Penedo de Cinema

